

set / out / 1933

no 40

SIGNIFICAÇÃO DO CONGRESSO EUCCHARISTICO

Appellavamos, ha um mez, para todos os brasileiros no sentido de voltarem as suas atenções para a Bahia, e ali se congregarem numa união eucharistica verdadeiramente nacional.

Agora, que a extraordinaria assembléa de Fé se encerrou, depois de uma semana que ficará marcada nos fastos da historia religiosa do Brasil como um dos pontos culminantes da vida catholica de nossa terra, podemos fazer um ligeiro balanço immediato das consequencias desse certame unico de Fé entre nós.

Vejamos, aqui, no curto espaço de uma chronica, as consequencias mais destacadas do Congresso sobre a propria Bahia, sobre os catholicos brasileiros e sobre o Brasil, emfim.

A primeira beneficiaria, como é justo, da grandiosa reunião, será a propria Bahia. Encontramo-la dividida e sceptica. Dividida por questiunculas regionaes, por malentendidos reciprocos, por uma serie de pequenos factos que não convem aqui rememorar, mas que tinham criado, entre catholicos e não catholicos, entre sacerdotes e leigos, nos catholicos mesmos, entre si, uma atmospheria de mal estar e de desconfiança reciproca.

No Brasil tudo se *personaliza*. A politica, aqui, é feita em torno de nomes e não de idéas. Os partidos vivem dos homens que lhes emprestam prestigio e nada mais. A economia tambem vive sob a mesma lei. As empresas, as firmas commerciaes prosperam emquanto vivem o seu fundador ou algum chefe de qualidades raras. Desapparecido um ou outro, vai tudo á garra. Os clubes teem a existencia que lhes dão a aura de um director activo. Os jornaes vivem e morrem com os jornalistas. As instituições não teem vida propria e sim apenas a que lhes emprestam os homens que as fundam ou dirigem, emquanto o fazem. Os chefes, aqui, teem de exercer a sua actividade a todo momento, sob pena de deixarem fracassar a sua obra. Nada vive aqui sinão o homem e em torno do homem. Idéas, instituições, partidos, empresas, jornaes, litteratura, nada persiste por si. Somente a pessoa em que cada obra repousa pode dar-lhe ou tirar-lhe a vitalidade.

A religião não escapa a essa caracterisação particular das nossas coisas. Como não conseguimos despersonalizar coisa alguma, a regra aqui, também, em matéria religiosa é ligar a religião ao padre. Nas parochias onde ha um bom padre, immediatamente prospera a religião. Onde o padre fraqueja, logo todo mundo se afasta da religião. Até certo ponto é phenomeno universal e não brasileiro apenas. É phenomeno excellente, porque mostra que o homem governa mais do que é governado pelas coisas. Mas aqui assume o facto proporções estranhas e mesmo perigosas. Si um bom padre, no interior, ou mesmo nas cidades, pode levantar logo o nivel religioso, também o máo padre e em proporções ainda maiores, pois o mal é sempre mais ruidoso que o bem, pode trazer damno tremendo á Igreja. Esse traço psychologico do nosso povo deve ser sempre levado em conta, particularmente por aquelles que se occupam de Acção Catholica.

Fomos encontrar, pois, a Bahia seriamente dividida por pequenas questões de ambito local, mas que, dada essa feição personalizadora que a tudo emprestamos por aqui, attingiram a proporções muito amplas e criaram uma atmospheria pouco propicia ás grandes demonstrações collectivas de um Congresso Eucharistico Nacional.

Em consequencia desse ambiente viciado, criara-se certo scepticismo em torno do Congresso. A não ser nos meios directamente ligados aos organizadores do Certamen, não se dava grande importancia. á reunião Era voz geral que tudo seria um fracasso. As Cassandras se antecipavam e já se encontravam razões previas, “eu bem dizia” . . . , para explicar a falta de exito da assembléa. A propria frieza da recepção ao Cardeal e aos peregrinos, a omissão de toda demonstração nautica, o character um tanto protocolar que assumiu, a ausencia, quasi completa, de homens na commissão de recepção,—tudo fez crer que, realmente, as campanhas emprehendidas occulta ou abertamente pela imprensa escandalosa e de tendencias laicistas ou mesmo socialistas, tinham conseguido criar em torno do Congresso, uma atmospheria confinada e indifferente.

O primeiro effeito do exito grandioso do Congresso, que excedeu a tudo o que os mais optimistas esperavam, foi de *espantoso* para os bahianos. Nós, que chegavamos de fóra, vinhamos com a mente desanuviada e aguardando, realmente, qualquer coisa de grandioso e de imponente. Mas os bahianos não. Os amigos temiam o fracasso, os indifferentes o tinham como certo e os inimigos já o antegozavam. De modo que, quando as reuniões começaram a revelar a sua solemnidade e a sua efficiencia pratica, todo mundo se espantou por lá. E foi então, um movimento geral de interesse crescente que veio terminar no enthusiasmo delirante da procissão, coroada pelas palavras de tanto fervor pronuncia-

das pelo Cardeal Dom Leme, que se affirmou, então, mais do que nunca, como o homem enviado pela Providencia para guiar o Brasil Catholico, neste momento grave da sua vida, —no esquecimento esmagador do congressinho leigo, que pretendia explorar a atmospheria anterior, por seus proprios membros preparada, e afinal na alegria, no enthusiasmo, nas manifestações da multidão compacta, que, no Caes veio trazer ao Cardeal e aos peregrinos do Sul, o testemunho caloroso de uma alma já então transfigurada e unida.

O primeiro effeito do Congresso para os bahianos, portanto, foi revelar-lhes as suas proprias riquezas de Fé, espantar-lhes as teias de aranha de certo provincianismo que dá importancia excessiva ás questiunculas locaes, fazendo-lhes compreender como foi grande o que fizeram e como precisam, antes de tudo, elevar o espirito ás necessidades spirituaes superiores da hora que o Brasil e o mundo vivem, não se perdendo em pequeninas intrigas regionaes, exploradas pelos inimigos de Deus e da Patria. Para a Bahia, portanto, vae certamente trazer o Congresso um beneficio immediato embora pouco apparente, talvez, de momento, mas incalculavel de vantagens, futuramente, para a união do seu povo, para a intensificação da vida catholica masculina, para o esquecimento final da intrigalhada que a maçonaria manobrava na sombra, e os espiritos irrequietos e demolidores espalhavam pela imprensa amarella e pelos grupelhos maledicentes.

* * *

Para os brasileiros, em geral, si não será tão immediata a consequencia, ha-de tambem fazer-se sentida e de modo penetrante. Estiveram reunidos na Bahia, por oito dias, peregrinos vindos de todos os recantos do paiz. Quasi quarenta Arcebispos, Bispos e Prelados ali se juntaram. Numeroso clero das mais longiquas parochias, desde o vigario de Germoabo, que andou muitos dias a cavallo para chegar a Fortaleza, até o de parochias da fronteira uruguayana,—todo esse clero se approximou, intensificou a sua vida eucharistica, tomou contacto com a vida catholica brasileira, em um dos seus momentos culminantes, abrindo assim as idéas e fazendo tocar de perto o sentido da grande vida catholica.

Nada de mais perigoso, e de mais doloroso tambem, para esses vigarios esquecidos das parochias longinquas, do que a solidão. Longe dos companheiros no serviço de Deus, sem uma regra collectiva e exterior, sem uma supervisão immediata dos seus superiores hierarchicos, sem dinheiro para comprar livros e revistas, que são os meios de comunicação com a vida intellectual e espiritual no Brasil e no mundo; em contacto com a vida rude, desabusada e candidamente

sensual do povo,—como é difficil ao vigario isolado defender a sua espiritualidade, cultivar a sua intelligencia, vencer o confinamento do seu meio limitado e mediocre !

Por tudo isso é que uma assembléa como essa, em que esses solitarios dos sertões ou das aldeias se encontram com os seus companheiros da cidade, com os leigos da acção social e com os purpurados da hierarquia,—é uma occasião unica para levantar o animo desse clero anonymo e por vezes heroico e santo, que dado aquelle personalismo do nosso caracter, tanto bem ou tanto mal podem fazer em nossa terra.

Os Bispos e Arcebispos, por sua vez, depois de uma reunião solemne, grandiosa, e ao mesmo tempo pratica como essa,—vão levar ás suas dioceses o espirito de actividade e de fervor, renovados nessa justa emulação emprehendida durante esses dias de trabalhos e resultados discutidos e relatados em commum.

E os leigos, entrando em communhão mais intima com a vida da Igreja no Brasil, melhor poderão vencer as difficuldades e trabalhar em conjuncto, sob um plano commum, para objectivos analogos.

Para os brasileiros, portanto, que directa ou indirectamente se puzeram e se vão por em contacto com essa demonstração collectiva e sem igual até hoje, de fé e de sadio amor patriotico,—para os brasileiros em geral, os fructos desse Congresso serão reaes e duradoiros.

Mais fervor individual, mais acção grupal, mais ideal colectivo,—tudo isso nascerá, por certo, dessa Assembléa, em que ficou bem claro que a vida catholica se baseia na santificação individual, exige a disciplina dos grupos de acção e precisa trabalhar em commum com todo o espirito catholico nacional e universal, repudiando o individualismo, estimulando os trabalhos de grupos e associações e fazendo viver, a vida catholica, do grande hausto de espiritualidade e de harmonia que faz do Catholicismo, em todo o universo, a grande e incomparavel barreira contra a rebarbarização do mundo.

O Brasil, emfim, não deixará de sentir, como Nação e como Estado, as consequencias directas e indirectas desse Congresso de incomparavel fervor eucharistico.

Estamos em vespéras da Constituinte. Vão, em breve, reunir-se os novos legisladores brasileiros, para dar ao Brasil uma nova Lei Fundamental. Ora, as mais desencontradas tendencias cruzam o mundo moderno, e ao mesmo tempo que uma sadia reacção leva a Italia, a Austria, a Allemanha, Portugal, a Inglaterra e até certo ponto os Estados Unidos e mesmo a França, a procurarem formas de Estado ou pelo menos modalidades da vida pratica do Estado, mais proximas da verdade christã,—outros povos se deixam vencer pela seducção do materialismo sovietico, e de longe ou de perto

se põem a marchar para a esquerda, em direcção do polo magnetico de além-Vistula, como a Espanha, o Mexico, agóra Cuba, hontem e por alguns dias o Chile,—tudo isso demonstrando como o fermento do radicalismo está latente, no fundo do romantismo politico americano e como são graves e immediatos os perigos que nos ameaçam.

Ora, a reunião neste momento no Brasil, de uma Assembléa Catholica, como essa, em que os mais indifferentes se sentiram surpresos e commovidos, não pode deixar de influir no animo daquelles sobre quem pesa a responsabilidade do Brasil futuro.

E a attitude do joven interventor federal, capitão Juracy Magalhães, foi digna de especial registro. Superior ás intrigas dos adversarios e ás murmurações dos amigos politicos,—que os tem infelizmente e de prestigio, entre os peores inimigos da Fé Catholica e da Civilização Christã no Brasil, como seja o sr. Edgard Ribeiro Sanchez, que inexplicavelmente, foi contemplado com uma cadeira de deputado federal na Constituinte, e anda assoalhando por toda parte que no recinto da Assembléa fará a propaganda da idéa divorcista, além da de toda a sua ideologia francamente penetrada e mesmo impregnada de sympathias communistas,—superior a todas essas contingencias, cresceu o capitão Juracy aos olhos do povo bahiano e de todos os que foram presentes ao Congresso, pela sua attitude desassomburada de catholico verdadeiro, commungando por tres vezes das mãos do proprio Cardeal, segurando o palio da procissão eucharistica por todo o tracto, voltando, emfim, de modo auspicioso, a ser o *marianno* fervoroso que já foi e dando, assim, aos politicos brasileiros, da velha e da nova republica, um exemplo que precisa ser conhecido, proclamado e... seguido.

Essa participação effectiva do governo do Estado, em todos os actos religiosos, dos mais solemnes aos mais fervorosamente intimos, foi um facto da maior relevancia para a vida social brasileira e que mostra os efeitos consideraveis que um Congresso como esse terá para a vida da nacionalidade, no que tem de mais profundo e de mais moderno.

* * *

Eis, ahi, em palavras escriptas ainda sob a impressão quente e inesquecivel dessa assemblea de Fé, os resultados que nos parecem mais immediatos para a vida social brasileira.

Muito haveria ainda que dizer, sob um duplo ponto de vista. De um lado o resultado espiritual obtido com esse movimento, que é aliás, a base de tudo o mais. O numero de conversões alcançadas, o afervoramento de piedade em todos os que participaram delle ou a elle assistiram de perto ou de longe, o animo de trabalho, o entusiasmo juvenil

despertado no clero e manifestado a cada passo, nas mais inequívocas demonstrações individuaes e collectivas,—tudo são fructos espirituaes que excedem a todos e em que tudo mais assenta.

Sob o ponto de vista da Acção Catholica, emfim, de que tanto dependem os destinos do Brasil christão e brasileiro, foi esse Congresso de um alcance incalculavel, pois ficou definitivamente assentada a sua organização em moldes nacionaes, e, portanto, assegurada a maxima união de vistas entre os varios nucleos locaes de actividade para o fim commum.

*
*
*

Bem razão tínhamos nós, portanto, em convocar o Brasil todo para ir á Bahia. Ali se decidiram, sem grandes rumores previos, e sem nada que não fosse inspirado no mais puro espirito de Jesus Christo, os destinos do Brasil Catholico. Assim, saibamos nós perseverar nos propositos assumidos, manter a disciplina promettida, evitar os desanimos e as dissensões, cumprir os compromissos contrahidos com Deus e com os homens, conservar unidos os nossos esforços, trabalhando sempre, não para o nosso pequenino prestigio individual ou para o renome accidental da nossa obra particular, mas para o bem de todo o Brasil Catholico, para a irradiação da Igreja de Christo na civilisação moderna ou, como dizem os filhos de Santo Ignacio, e dizemos todos nós, *ad majorem Dei gloriam*.

A APOSTOLICIDADE DA IGREJA

CARDEAL GIBBONS

(TRAD. DE ILDEFONSO ALBANO)

(O Cardeal Gibbons, Arcebispo de Baltimore, E. U. A., dedicava-se com especial carinho á conversão dos protestantes, entre os quaes era popularissimo e contava grande numero de relações. Em 1876 publicou um livro intitulado "Faith of our Fathers", "O Credo de nossos Antepassados", em que demonstra que a Igreja Catholica é a verdadeira Igreja de Jesus Christo. Esse excellentelivro, cujas edições em 1922 já attingiam 1.700.000 exemplares e agora já devem ultrapassar 2.000.000 ,tem feito grande numero de conversões. Um dos capitulos mais interessantes é o abaixo traduzido ,referente á Apostolicidade da Igreja. A argumentação é clara, segura e de uma logica irresistivel).

A verdadeira Igreja deve ser apostolica. Por isso o Credo, approvado pelo Concilio Ecumenico de Nicéa no anno de 325, contém as seguintes palavras: "Creio em Uma, Santa, Catholica e *Apostolica Igreja*".

Esse attributo ou signal da Igreja presuppõe, 1.º, que a Igreja deva ensinar sempre a mesma doutrina, que foi pregada pelos Apostolos, 2.º, que os poderes dos ministros da Igreja venham, por successão ininterrupta, directamente dos Apostolos.

Consequentemente, não pode pretender ser verdadeira qualquer igreja, cuja doutrina differe da dos Apostolos, ou cujos ministros não podem traçar, por uma linha ininterrupta, sua autoridade até uma origem apostolica; assim como está inhibido de exercer suas funções qualquer enviado diplomatico de um paiz, que não tenha sido devidamente nomeado pelo Governo ou não interprete fielmente o pensamento deste.

A Igreja, diz S. Paulo, está “edificada sobre o fundamento dos Apostolos” (Eph. II, 20), de sorte que a doutrina, que prega, deverá ser baseada na pregação dos Apostolos.

Por isso, disse S. Paulo aos Galatas: “Ainda quando um anjo do céu vos annuncie um evangelho differente do que nós vos temos annunciado, seja anathema”. (Gal. I, 8). O mesmo Apostolo adverte Timotheo: “E guardando o que ouviste da minha bocca diante de muitas testemunhas, entrega-o a homens fieis, que sejam capazes de instruir tambem a outros”. (II Tim. II, 2). Timotheo deverá transmitir aos seus discipulos sómente as doutrinas, que ouviu da bocca do Mestre.

Não sómente devem os ministros do Evangelho ensinar segundo a doutrina dos Apostolos, mas elles devem tambem ser ordenados e commissionedos pelos Apostolos ou os legitimos successores destes. “E nenhum usurpa, diz o Apostolo, para si esta honra, senão o que é chamado por Deus, como Arão”. (Heb. V, 4). Esse texto condemna evidentemente todos os pregadores e reformadores, que agem por autoridade propria, pois “como pregarão elles, si não forem enviados?” (Rom. X, 15). *Enviados* naturalmente por autoridade competente, e não por autoridade propria. Vemos, por isso, que os successores dos Apostolos foram por elles ordenados e encarregados de pregar e que a nenhum outro era permittida tal funcção. Assim, vemos que Paulo e Barnabé “tendo-lhes ordenado em cada igreja seus presbyteros, e feito orações com jejuns, os deixaram encomendados ao Senhor, em Quem tinham crido”. (Actos XIV, 22). E o Apostolo disse a Tito: “Eu pelo motivo que vou a dizer é que te deixei em Creta, para que regulasses o que falta e estabelecesses presbyteros nas cidades, como tambem eu t’o mandei”. (Tito I, 5). Ao proprio S. Paulo, embora milagrosamente chamado e ensinado por Deus, fôram impostas as mãos. (Actos XII, 2, 3), afim de que outros não se deixassem levar pelo exemplo delle a pregar sem a autoridade dos Apostolos.

Portanto, para descobrir, entre as varias pretendentes a verdadeira Igreja de Christo, devemos indagar, primeiro, qual é a igreja, que ensina integralmente as doutrinas ensinadas pelos Apostolos, segundo, qual é a igreja que pode traçar os poderes missionarios de seus ministros, em linha ininterrupta, até os Apostolos.

Sómente a Igreja Catholica é que ensina doutrinas, que são absolutamente identicas ás pregadas pelos primeiros Evangelizadores. O quadro comparativo abaixo dá-nos alguns exemplos da fidelidade da Igreja Catholica aos primitivos ensinamentos da Christandade e o afastamento das seitas protestantes de taes ensinamentos.

A IGREJA APOSTOLICA

1. Nosso Senhor concede a Pedro preeminencia sobre os demais Apostolos: "E eu te darei as chaves do reino dos Céos. "(Math. XVI 19). "Conforta a teus irmãos" (Luc. XXII, 32). "Apasenta os meus cordeiros". "Apascenta as minhas ovelhas". (João XXI, 15 e 17).

—:—

2. A Igreja Apostolica reclamava para seus ensinamentos a infalibilidade. Dahi os Apostolos fallarem com autoridade incapaz de errar e as palavras delles eram recebidas não como opiniões humanas, mas como verdades divinas. "Quando, ouvindo-nos, recebestes de nós outros a palavra de Deus, vós a recebestes, não como palavra de homens, mas (segundo é verdade) como palavra de Deus". (Thes. II, 13).

"Porque pareceu bem ao Espirito Santo e a nós não vos impôr mais encargos do que os necessarios, que são estes..." (Actos XV, 28). "Mas, ainda quando nós mesmos ou um anjo do céu vos annuncie um Evangelho differente do que nós vos temos annunciado, seja anathema". (Gal. I, 8).

—:—

3. Nosso Senhor ordena e prescreve regras para o jejum:—"Mas tu, quando jejuas, unge a tua cabeça e lava o teu rosto, afim de que não pareça aos homens que jejuas... e teu Pae, que vê o que se passa em segredo, te dará a paga". (Math. VI, 17 e 18).

A IGREJA CATHOLICA

A Igreja Catholica dá o primado das honras e da jurisdicção a Pedro e seus successores.

—:—

De todas as communi-
dades christãs é a Igreja Catholica a unica, que reclama a infalibilidade para si em materia de doutrina. E' sempre com tal autoridade que seus ministros fallam do pulpito, e os fieis, sem pôr em duvida tal autoridade, recebem com implicita confiança, os ensinamentos da Igreja.

—:—

A Igreja prescreve o jejum aos fieis em epochas marcadas, principalmente na Quaresma. Um sacerdote catholico quando resa missa, está sempre em jejum e só o quebra depois da missa.

Os Bispos quando ordenam os sacerdotes, es-

AS SEITAS PROTESTANTES

Todas as outras communi-
dades christãs praticamente negam a supremacia de Pedro sobre os demais apóstolos.

—:—

Todas as seitas protestantes regeitam a pretensão á infalibilidade. Negam tal qualidade a todos os doutrinadores religiosos. Os ministros de religião, segundo affirmam, não enunciam a doutrina com autoridade, mas apenas avançam opiniões, que representam interpretações individuaes das Êscripturas. Tampouco se exige que os fieis creiam em taes opiniões mas estes devem tirar, por si, suas conclusões da propria Biblia.

—:—

Os Protestantes não teem leis prescrevendo o jejum, embora alguns jejuem por devoção individual. Elles até procuram ridicularizar o jejum, que consideram uma obra de supererogação, detractiva dos merecimentos de Christo.

A IGREJA APOSTOLICA

A IGREJA CATHOLICA

AS SEITAS PROTESTANTES

Os Apostolos jejuavam antes de exercer funções sagradas. "Elles offerciam o sacrificio ao Senhor e jejuavam". (Actos XIII, 2). "Por fim, tendo-lhes ordenado em cada igreja seus presbyteros e feito orações com jejuns..." (Actos XIV, 22).

tão em jejum tanto aquelles, como os candidatos ao sacerdocio.

Nem candidatos a ordenação, nem os ministros officiantes costumam jejuar em taes occasiões.

4. Diz o Apostolo: "As mulheres estejam caladas nas igrejas, porque lhes não é permittido fallar... porque é cousa indecente para uma mulher o fallar na igreja". I. (Cor. XIV, 34, 35).

A Igreja Catholica nunca permite ás mulheres pregar nas Casas de Deus.

As mulheres, principalmente nos E.E. U.U., pregam publicamente nas igrejas Methodistas e outras, com o assentimento das autoridades ecclesiasticas.

5. S. Pedro e S. João chrisstavam na Samaria os recém-baptizados: "Então punham as mãos sobre elles e recebiam o Espirito Santo". (Ac. VIII, 17).

Todos os bispos catholicos, como successores dos Apostolos, impõem suas mãos em pessoas baptizadas por occasião do sacramento do chryisma, pelo qual ellas recebem o Espirito Santo.

Nenhuma seita protestante nos E.E. U.U. adopta a cerimonia da imposição das mãos, a não ser os episcopalianos, e estes mesmos não consideram o chryisma um sacramento.

6. Nosso Senhor e seus Apostolos ensinavam que a Sagrada Eucharistia continha o corpo e o sangue de Christo: "Tomae e comei: este é o meu corpo..." "Bebei delle todos; porque este é o meu sangue". (Math. XXVI. 26-28). "Por ventura o calix de benção, que nós benze-mos, não é a communhão do sangue de Christo? e o pão que partimos não é a participação do Corpo do Senhor?" (I. Cor. X, 16).

A Igreja Catholica, com Jesus Christo e os Apostolos, ensina que, realmente e de facto, a Sagrada Eucharistia, sob a apparencia de pão e de vinho, contém o corpo e sangue de Jesus Christo.

As seitas protestantes (com excepção talvez dos ritualistas) condemnam como idolatria a doutrina da Presença Real e affirmam que, commungando, recebemos apenas uma lembrança de Christo.

7. Aos Apostolos foi dado o poder de perdoar os peccados: "Aos que vós perdoardes os peccados, ser-lhes-ão el-

Os Bispos e Padres da Igreja Catholica, como os herdeiros das prerogativas dos Apostolos, exercem o ministerio da

Os protestantes, ao contrario, affirmam que Deus a nenhum homem delegou o poder de perdoar peccados.

A IGREJA APOSTOLICA

les perdoados". (João XX, 23). "Deus... que nos deu o ministerio da reconciliação" (II Cor. V, 18).

8. S. Tiago dá, com relação aos doentes, as seguintes instrucções: "Está entre vós algum enfermo? Chame os presbyteros da Igreja e estes façam oração sobre elle, ungindo-o com oleo em nome do Senhor". (Thiago V. 14).

9. Com relação ao casamento, diz Nosso Senhor: "Qualquer que repudiar a sua mulher e se casar com outra, commette adulterio contra a sua primeira mulher; e si a mulher repudiar a seu marido e se casar com outro, commette adulterio". (Marcos X. 11-17).

Por sua vez, diz São Paulo: "Mas áquelles, que estão unidos em matrimonio, mando não eu, senão o Senhor, que a mulher se não separe do marido; e si ella se separar, que fique sem casar... E o marido tampouco deixe a sua mulher". (I. Cor. VII. 10-11).

10. Nosso Senhor, não só pela palavra mas também pelo seu exemplo, recommenda ás almas, que buscam a perfeição, o estado de virgindade perpetua. São Paulo também, pelo conselho e por seu proprio exemplo exhorta os Corinthios á pratica da mesma virtude angelica: "O que casa a sua filha donzella faz bem e quem a não casa faz melhor. (I. Cor. VII, 38).

A IGREJA CATHOLICA

reconciliação e de perdoar os peccados em nome de Christo.

Uma das funcções mais communs do padre catholico é ungir os enfermos ao dar-lhes o sacramento da Extrema Uncção. O catholico, quando adoece, tem o cuidado de chamar o sacerdote para, em nome do Senhor, ungil-o com oleo.

Obedecendo literalmente ao preceito do Apostolo, a Igreja Catholica prohibe a separação do marido e mulher, e, no caso de se separarem, não permite novo casamento durante a vida do conjuge.

Assim como o Divino Mestre e os Apostolos, o clero catholico faz voto de castidade, voluntariamente consagrando a Deus sua virgindade.

AS SEITAS PROTESTANTES

Apezar do preceito do Apostolo, nenhuma das seitas protestantes adopta a uncção dos enfermos.

As seitas protestantes, como é notorio, tem relaxado de tal modo essa rigorosa lei do Evangelho, que permitem o casamento de pessoas divorciadas e concedem o divorcio a vinculo até por pretextos futilissimos.

Os sacerdotes de outras religiões, com rarissimas excepções, se casam. E, longe de transmittir aos fieis o conselho do Apostolo em favor do celibato chegam quasi a insinuar que a virtude do celibato, perpetuo, embora recommendada por S. Paulo, é impraticavel.

Que o leitor julgue por si e verifique qual é a Igreja que ensina as doutrinas dos Apostolos em toda a sua integridade primitiva.

Para provar que a Igreja Catholica é a unica descendente directa dos Apostolos, basta demonstrar que sómente ella pode traçar sua hierarchia, de geração em geração, até os Apostolos, emquanto que todas as demais confissões christãs teem sua origem em data relativamente moderna.

As mais importantes seitas christãs actualmente existentes neste paiz (E. U. A.) são as dos Lutheranos, Episcopalianos (ou Anglicanos), Methodistas, Presbyterianos e Baptistas. As demais confissões protestantes teem relativamente poucos adeptos e são, em maioria, ramos das seitas acima mencionadas.

Martinho Luthero, monge saxão, foi o fundador do lutheranismo; nascido em Eisleben, na Saxonia, em 1483, falleceu em 1546.

A igreja anglicana ou episcopaliana foi fundada por Henrique VIII da Inglaterra. A causa directa de sua abjuração ao Catholicismo foi a recusa do Papa Clemente VII de conceder-lhe o divorcio de sua legitima esposa, Catharina de Aragão, que elle queria repudiar para casar-se com Anna Bolena. Afim de legalizar seu divorcio com aquella virtuosa rainha, o libidinoso rei divorciou-se a si proprio e seu reino da supremacia espiritual do Papa.

Referindo-se a esse duplo divorcio, o do rei abandonando a esposa e o da Inglaterra abandonando a Igreja, diz D'Aubigné que ha uma intima relação entre esses dois divorcios. De facto, ha a relação de causa e effeito.

O Bispo Short, um historiador anglicano, ingenuamente reconhece que "a existencia da igreja anglicana como entidade distincta e sua separação de Roma data do periodo do divorcio". (History of the Church of England, Thomas F. Short, pag 44).

O Livro das Homilias, tecendo rasgados louvores a Henrique VIII, chama-o o "fiel e verdadeiro ministro" reconhece que foi elle quem aboliu a supremacia papal na Inglaterra e estabeleceu a nova ordem de cousas. (Livro das Homilias).

John Wesley é conhecido como o fundador da igreja methodista, nascida em 1729 na Universidade de Oxford, onde eram estudantes John e Charles Wesley. Estes reuniram em torno de si alguns rapazes, que se dedicavam á frequente leitura da Biblia e á oração. Devido á sua vida methodica foram chamados "methodistas".

Como a historia mesmo succinta das demais seitas seria fastidiosa, limito-me a apresentar um quadro do nome e fundador de cada confissão, lugar e data de origem e os autores, todos protestantes, responsaveis pela informação.

Quadro comparativo, em ordem de idade, da Igreja Catholica e principaes Seitas Protestantes

DENOMINAÇÃO RELIGIOSA	Data da fundação	Annos de existencia	Logar da fundação	FUNDADOR	FONTE DE INFORMAÇÃO
1. IGREJA CATHOLICA.....	33	1.900	JERUSALEM	JESUS CHRISTO	NOVO TESTAMENTO
2. Anabaptistas.....	1521	412	Allemanha	Nicolas Stork	Vicent L. Milner, Religious Denominations
3. Lutheranos.....	1524	415	Allemanha	Martinho Lutero	S. S. Schmucker, Hist. of All Denominations
4. Episcopalianos ou Anglicanos.....	1534	399	Inglattera	Henrique VIII	Macaulay e outros historiadores inglezes
5. Congregacionalistas Unitarianos.....	1540	393	Allemanha	Celario	Alvan Lamson, Hist. of All Denominations.
6. Presbyterianos (Escola Velha).....	1560	373	Escossia	Assembléa Geral	John M. Krebs, Hist. of All Denominations.
7. Congregacionalistas.....	1583	350	Inglattera	Robert Browne	E. W. Andrews, Hist. of All Denominations.
8. Baptistas.....	1639	294	Rhode Island (E.U.)	Roger Williams	John Hayward, The Book of Religions
9. Quakers (Inglattera).....	1647	286	Inglattera	George Fox	Historiadores Inglezes
10. Quakers (E. U. A.).....	1681	252	E. U. A.	William Penn	Historiadores Americanos.
11. Methodistas Episcopalianos.....	1739	194	Inglattera	John Wesley	Rev. Nathan Bangs, Hist. of All Dens.
12. Baptistas de Vontade Livre.....	1780	153	Nova Hampshire	Benjamin Randall	John Hayward, The Book of Religions.
13. Baptistas de Communhão Livre....	fim sec. 18	135	Nova York	Benijah Corp	Rev. A. D. Williams, Hist. of All Denoms.
14. Campbellistas.....	1813	120	Virginia (E.U.)	Alex. Campbell	The Book of Religions.
15. Methodistas Reformados.....	1814	119	Vermont (E.U.)	Ramo Meth. Episc.	Rev. Nathan Bangs, Hist. of All Denoms.
16. Sociedade Methodista.....	1820	113	Nova York	» » »	Rev. W. M. Stilwell, Hist. of All Denoms.
17. Methodistas Protestantes.....	1830	103	Baltimore	» » »	James R. Williams, Hist. of All Denoms.
18. Baptistas do Septimo Dia.....	1833	100	E. U. A.	Conferencia Geral	W. B. Gillett, Hist. of All Denoms.
19. Presbyterianos (Escola Nova).....	1840	93	Philadelphia	» » »	Joel Parker D.D., Hist. of All Denoms.
20. Verdadeiros Methodistas Wesleyanos.....	1843	90	Nova York	Delegados de varias den. Methodistas	J. Timberman, Hist. of All Denoms.

Por esse quadro historico verificamos que todas as seitas christãs nasceram depois do anno 1500, isto é, que, com excepção da Igreja Catholica, a mais velha igreja christã tem pouco mais de 4 seculos. Chegaram, portanto, com um atraso de 15 seculos para poderem pretender o titulo de Igreja Apostolica.

Dir-me-ão talvez: “Embora nossa vida publica como protestantes date apenas da Reforma, podemos traçar nossa origem até os Apostolos”. Isso, affirmo eu é impossivel. Em 1.º lugar, o vosso nome denuncia vosso nascimento recente, pois quem, antes da Reforma, já ouviu fallar em Baptistas ou Episcopalianos ou quaesquer outros protestantes? Tampouco podeis dizer: “Existimos em todas as idades como igreja invisivel”. Pois em verdade vosso esconderijo foi tão completo, que, até hoje, ninguem pode dizer onde vos escondestes durante 16 seculos. Mas, ainda que existissem, não podeis pretender ser a Igreja de Christo, pois Nosso Senhor predisse que Sua Igreja deveria ser sempre como uma cidade no alto da montanha, para que todos a vissem e que das altas torres seus ministros deveriam pregar as verdades eternas, para que todos pudessem ouvil-as.

E’ tambem inutil affirmar que pela crença estivestes ligados ás varias seitas, que de tempos a tempos teem abandonado a Igreja Catholica, pois taes seitas professavam doutrinas diametralmente oppostas umas ás outras e a Igreja verdadeira deve ter uma unica doutrina. Além disso, quanto menos parentesco tiverdes com muitos de taes perjuros, melhor, pois todos pregavam erros contra a verdade christã e alguns até adoptavam principios contrarios á decencia e á moralidade.

A Igreja Catholica, entretanto, pode com facilidade reivindicar para si o titulo de apostolica. Cada um de seus Padres, cada um de seus Bispos, pode traçar sua genealogia até os primeiros discipulos de Christo com a mesma facilidade, com que o ramo mais distante de uma vinha pode ser traçado ao tronco.

Todo o clero catholico foi ordenado por Bispos, que estão em communhão activa com a Santa Sé em Roma. Esses Bispos, por sua vez, foram commissionedos pelo Bispo de Roma. O actual Bispo de Roma, Pio XI é o successor de Bento XV, que succedeu a Pio X, por sua vez successor de Leão XIII. E assim podemos retroceder, de seculo em seculo, até Pedro, o primeiro Bispo de Roma e Vigario de Christo. E tal como o Evangelista Lucas traça a genealogia de Nosso Senhor até Adão e até Deus, nós podemos traçar a de Pio XI até Pedro e até Christo. Não falta um unico elo na cadeia, que liga o sacerdote mais humilde nas mais longinquas terras ao Principe dos Apostolos. E, embora, em algumas occasiões, tenha havido um ou mesmo dois anti-papas, taes pretensões

podem affectar a validade do verdadeiro Papa tanto quanto a lucta entre dois candidatos ao governo de um paiz poderia invalidar o titulo do legitimamente reconhecido.

Foi seguindo esta argumentação, que os primeiros Padres da Igreja demonstraram a apostolicidade da Igreja Catholica e annullavam as pretensões dos scismaticos de sua epocha. S. Irineu, Tertuliano e S. Agostinho organizaram listas dos Bispos de Roma, que haviam exercido sua autoridade até então, com os quaes tinham tido a felicidade de se communicar, e depois desafiaram seus adversarios a traçar sua ascendencia até os Apostolos. “Que apresentem, diz Tertuliano no seculo II, a origem de sua egreja. Que exhibam a successão de seus bispos, de modo que fique demonstrado que o primeiro tenha sido sagrado por um Apostolo ou por uma pessoa que tenha recebido de um Apostolo a sua autoridade”. (Lib. de Praescrip. C. 32).

E, si os Padres do seculo V consideravam um argumento poderoso o poder apresentar uma linhagem ininterrupta de 50 Bispos, que haviam occupado a Sé de Roma, quão mais poderoso é esse argumento para nós, que podemos agora apresentar cinco vezes aquelle numero de Pontifices, que occuparam a cadeira de Pedro! Com o mais intimo affecto repetirei aos meus irmãos transviados o que Agostinho disse aos Donatistas de seu tempo (Psal. contra part. Donati): “Vinde a nós, irmãos, si quereis ser enxertados na vinha. Sentimos viva dor por vêr-vos assim apartados della. Con-tae os Bispos que occuparam a propria cadeira de S. Pedro ecattentae como, nessa linhagem apostolica, cada um succede o outro sem interrupção. É' evidentemente esta a rocha, contra a qual as orgulhosas portas do inferno não prevalecerão”.

A LITURGIA

D. THOMAZ KELLER, O. S. B.

1—SOBRE O MOVIMENTO LITURGICO

Lenta, mas seguramente o movimento liturgico vae se alastrando. O pae espiritual deste movimento é D. Guéranger, autor de "l'année liturgique". Intentada a renovação da vida liturgica como fonte e fóco da vida dos proprios mosteiros, começou a irradiar-se tambem para fóra dos claustros.

Este apostolado liturgico tem sua origem na Belgica. Foram e são seus zelosos propagadores os monges de Maredsous, Mont-César (Louvain) e St. André (Bruges).

As encyclicas de Pio X sobre o canto-chão e a renovação da vida liturgica parochial deram a este movimento um impulso inesperado. O centro deste apostolado que penetrou largamente no clero, como demonstram as grandes semanas liturgicas na França, na Bélgica e em Portugal, é hoje na Belgica a abbadia de Mont-César, conhecida pelas semanas liturgicas annuaes e por uma serie de valiosas edições liturgicas; na França é Solesmes; na Allemanha a abbadia benedictina de Maria-Laach; na Austria a abbadia agostiniana Lloster-Neuburg, onde o Conego Parsch é a alma duma propaganda externa e efficaz da vida liturgica do povo. Na Italia são S. Emcia. o Cardeal Schuster de Milão e o Revmo. Dom Abbade Caronti de Parma O.S.B. os propuganadores das idéas liturgicas, Na Hollanda, o clero secular organizado neste sentido, procura praticamente tornar a Liturgia a devoção por excellencia do povo. Em Portugal é principalmente Dom Antonio Barbosa Leão, Bispo do Porto, o protector do movimento liturgico no clero. Tambem na America do Norte já se inicia uma intensa propaganda liturgica. Varias revistas em francêz, allemão, portuguez, inglez, e italiano divulgam o conhecimento da liturgia. Um dos meios mais valiosos da propaganda constitue, sem duvida, a traducção nas differentes linguas do "Missale". E' muito conhecido tambem qui o "Missel Quotidien" do R. P. D. Gaspar Lefébvre.

2—QUE E' A LITURGIA

Póde-se encarar a Liturgia sob muitos pontos de vista. Admiram uns a belleza das funcções e dos paramentos, porfiam outros na exactidão das cerimoniaes, estuda-se o desenvolvimento historico ou o conteudo doutrinal das cerimoniaes e dos textos. São todos estes pontos de vista que não tocam a essencia da Liturgia. Esta nos descobre o poder sacerdotal da Igreja. A Igreja apresenta-nos diversos aspectos:—o juridico, a jerarchia exterior, o disciplinar, que deriva do munus pastoral, o doutrinal, proveniente do officio de mestre, o vital, a Igreja communicando aos homens e fazendo crescer nelles a vida divina, poder que lhe é conferido por meio do sacerdocio; do poder sacerdotal dependem todos os outros officios da Igreja; com effeito, porque possui o sacerdocio, é que tem de exercer o officio de pastor e de mestre.

Jesus Christo é o unico sacerdote verdadeiro, o unico mediador entre Deus e os homens; é o Verbo que se fez carne para consagrar o mundo, unindo de novo á SS. Trindade o genero humano, della separado em consequencia da queda dos protoparentes. Este Jesus que, vestido da gloria, está assentado á direita do Pae eterno, confiou á Igreja este poder santificador como continuação do seu sacerdocio aqui na terra. Este sacerdocio constitue a essencia dos actos liturgicos, pois são elles os actos sacerdotaes da Igreja. A Igreja exerce o seu sacerdocio no sacrificio da S. Missa—liturgia sacrificial, na administração dos Sacramentos—liturgia sacramental, e na oração publica, principalmente no Officio divino—liturgia laudativa. Sendo a Igreja a unica sociedade religiosa verdadeira, constituem os actos sacerdotaes—actos que ligam a humanidade com Deus—as suas funcções vitales proprias.

3—A IMPORTANCIA DA LITURGIA

A natureza social do homem explicar-nos-á a importancia da Liturgia. O genero humano constitue uma unidade natural. Substancialmente, nossa vida depende de outros. Recebemos a vida dos paes, e conforme a doutrina dos escolasticos, os paes influem por meio da disposição organica do corpo, até nos dotes da alma. Tambem accidentalmente depende nossa vida de outros: quanto á alimentação, ao vestido, á formação intellectual e ethica. Depende de outros quanto á sua perfeição, porque só na sociedade imperfeita da familia ou perfeita do estado, é que o homem chega ao pleno desenvolvimento e actividade das suas faculdades. O facto do peccado original demonstra-nos que o homem é um ser social tambem na ordem sobrenatural.

Adão devia ser não só a cabeça natural do genero humano, mas ainda o chefe sobrenatural. Perdeu esta dignidade.

Jesus Christo, porém, o reparador da ordem destruída, restituiu aos homens a sociedade sobrenatural, fundando a Igreja. E esta Igreja por meio dos actos sacerdotaes gera os seus membros no sacramneto do baptismo, alimenta-os na eucharistia, condu-los ao desenvolvimento perfeito no santo crisma, cura-os da doença espiritual do peccado na penitencia, restitue-lhes a saude perfeita, destruindo os vestigios dos peccados e outorgando o vigor definitivo no sacramento dos enfermos,—pois, enfraquecendo a vida natural durante a doença grave, a vida espiritual, vencendo a morte, alcança o termo da sua evolução, termo em que permanecerá toda a eternidade. Na Ordem a Igreja dá aos fieis novos sacerdotes, mestres e pastores; no sacramento do matrimonio santifica o laço conjugal natural. No sacrificio da S. Missa entrega-se cada dia, em união com seu esposo Jesus Christo, ao Pae eterno, recebendo d'elle em troca da sua oblação e como penhor da união este proprio Christo como principio sempre novo de vida e alimento.

Este breve resumo nos mostra a importancia capital dos actos liturgicos; mostra-nos tambem a proporção que devia haver entre estes actos e os actos da devoção particular.

Como a vida particular dos individuos acha a perfeição natural na sociedade, assim tambem a nossa piedade particular devia ser preparação para os actos liturgicos, para a devoção da Igreja, e não do modo inverso, como lastimavelmente acontece.

4—PREROGATIVAS DA LITURGIA

A vida religiosa da Igreja é larga, porque só a Igreja possui totalmente o Jesus, recebe toda a sua vida. Como membros della precisamos sentir com ella. Achamos na piedade liturgica, que é a piedade da Igreja, uma vida espiritual organica que se desenvolve no anno liturgico.

Nada de mechanização ou de artificialidade.

Achamos na Liturgia uma piedade que abrange todo o homem, alma e corpo, por meio dum symbolismo admiravel, que vê nas coisas corporeas imagens do espirito e assim as emprega.

Achamos nella a creatura material elevada á dignidade de instrumento de graça e santificação nos sacramentos e sacramentaes.

Achamos na Liturgia uma piedade que nos mostra com toda a clareza o caracter social da propria ordem da graça, e uma vida religiosa que nos dá a força para realizar as exigencias da vida moderna contra um individualismo e immanentismo que chegaram até ao excesso.

5—NECESSIDADE DO MOVIMENTO LITURGICO

Podemos restringir-nos na Liturgia ao absolutamente necessario, receber os sacramentos e assistir á S. Missa, conforme os mandamentos correspondentes da Igreja o preceituam. O ideal, porém, é outro, como os pensamentos expostos o mostram claramente.

Sentire cum Ecclesia—sentir com a Igreja.

Nós, homens do seculo individualista e autonomo, devemos mesmo esforçar-nos para entender de novo a piedade da Igreja. E' preciso uma verdadeira reeducação da vida religiosa neste sentido. Mas o fructo compensará o esforço, proteger-nos-á dum sentimentalismo e devocionalismo effeminados dum lado, e doutro lado do laicismo e paganismo modernos, fazendo-nos conhecer a vida de Christo.

A PROPOSITO DA MAÇONARIA NO BRASIL

LUCIO JOSE' DOS SANTOS

Die Wahrheit lebt nie ohne Feinde. Sie zu erforschen ist schwer, sie zu vertreten oder zu verteidigen gefährlich.

BORKOWSKI S. J.

II

Antes que pudesse apparecer a minha resposta ao Sr. Bartholomeu de Almeida, publicou o illustre escriba novo artigo, em que mais abundantes e accentuados se revelam os seus dotes em materia de delicadesa. Cada um dá, do que tem.

Não fôra a circumstancia de virem publicados n'“A Ordem” os artigos de Bartholomeu de Almeida, e desistiria eu de continuar na desagradavel tarefa de responder ao rai-voso escriptor, tão grosseiro se vae elle mostrando.

Continuemos, pois.

Accusa-me Bartholomeu de haver dito, citando a *Revista della Massoneria d'Italia*, ser plano da Maçonaria “destruir a Monarchia, o Papado e toda religião revelada”, mas “sem dizer o que a Maçonaria pensa da Monarchia e o porque do seu exterminio”. E acrescenta o escriba: “Vamos, pois, supprir o silencio da Revista ou a calculada e velhaca omissão do Sr. Reitor”.

Quem se occulta sob o pseudonymato para ser grosseiro, é o menos autorizado a fallar em velhacaria. Examinemos, porém, o caso.

N'A ORDEM de Setembro de 1932, n.º 31, pag. 170, disse eu que a Maçonaria, *embora associando o odio á religião e o odio aos reis, sabe sempre disfarçar-se.*

Certo é, pois, que Bartholomeu falta á verdade, quando me accusa de omittir, o que a Maçonaria pensa da Monarchia. E essa falta, agrava-a elle, attribuindo á velhacaria e má fé o meu supposto silencio.

De tudo que escrevi sobre a Maçonaria no Brasil, resalta com a maxima evidencia, que só me interessava estudar a acção da tenebrosa seita no terreno religioso. Não figurava no meu plano investigar-lhe a influencia na ordem politica, nem apurar até onde tem ella razão, quando se gaba de ser a inspiradora e mesmo a auctora directa de todos os acontecimentos notaveis de nossa Historia.

Tendo sido meu objectivo, claramente affirmado, estudar apenas o que a Maçonaria "tem feito contra a Igreja, contra os Soberanos Pontifices, contra a ordem social christã" (1), é uma impertinencia querer que eu trate de suas relações com a Monarchia, salvo si Bartholomeu identifica com a ordem social christã a instituição monarchica. Si assim é, dir-lhe-ei mais adiante algumas verdades.

O objectivo e o plano de um trabalho meu são fixados por mim e não por um Bartholomeu qualquer.

Diz Bartholomeu: Satisfeitissimo, todo desfeito em expansivo contentamento, proclama o Reitor a mansidão da Maçonaria entre nós: *Depois da questão religiosa não tivemos até hoje incidente grave com a Maçonaria. Que ventura viver em paz com a Maçonaria !*

Ventura será, talvez, o raciocinar desse modo. Dispensa o estudo, a reflexão e até a delicadeza.

Si alguém narrasse a Bartholomeu, que acabava de sahir de uma floresta perigosa, povoada de indios bravios, inçada de onças ferozes e cobras venenosas, sem que, entretanto, nada lhe tivesse acontecido, que conclusão tiraria o nosso homem? Simplesmente esta: Que o intuito do seu interlocutor fôra gabar os indios como mansos, as onças como pacificas e as cobras como inoffensivas, sendo uma ventura andar em tão boa companhia. Tal é a mentalidade do venturoso sebastianista!

Ora, que disse eu sobre a Maçonaria?

Aqui está: *Não sustentarei que seja inoffensiva a Maçonaria. Provei exactamente o contrario, mostrando que os seus intuitos no Brasil são os mesmos que ella alimenta em toda a parte. Mostrei ainda quanto mal nos pode fazer, e maior nos desejou. Quer dizer que, de subito, poderá ella provocar uma lucta religiosa, que devemos a todo o custo evitar, por amor á religião e á patria. . . Não devemos desdenhar nem temer a Maçonaria. É um inimigo perigoso pelos seus intuitos, mas que não dispõe da força que se lhe attribue. Tratemos de fortificar as nossas posições, consolidar as nossas fileiras e desenvolver as nossas obras, para que estejamos em condições*

(1)—*A Ordem*, n.º 29, Julho 1932, pag. 12.

de lutar com vantagem, melhor do que o puderam fazer os nossos correligionarios de 1872, quando soar a hora. (2)

Poderá estar de boa fé, quem affirma ter eu proclamado contente a mansidão da Maçonaria ?

Em vez d'aquella exclamação, porque não enumerou Bartholomeu os graves incidentes que temos tido com a Maçonaria, depois da questão religiosa ? Não era melhor e mais decente ?

Diz Bartholomeu: "Fica, pois, muito claro, não querer o Sr. Reitor investigar da seita os intuitos, os planos, os meios de acção, mas attribuir-lhe somente intuitos e planos no Brasil. Abstrahe completamente da natureza e aspiração fundamental da seita..."

Falta mais uma vez á verdade o Sr. Bartholomeu.

Na pag. 12 d'A ORDEM de Julho de 1932, demonstrei, com o desenvolvimento que o meu plano comportava, que a Maçonaria:

- 1.º *E' uma sociedade secreta.*
- 2.º *E' uma sociedade que exige dos seus membros obediencia absoluta.*
- 3.º *E' uma sociedade cosmopolita que aspira a universalidade.*
- 4.º *E' uma sociedade politica, embora o conteste.*
- 5.º *E' uma sociedade inimiga da Igreja.*

Na pag. 13 do mesmo numero d'A ORDEM, invocando a opinião de um dos mais autorizados órgãos da Maçonaria universal, mostrei que é seu programma: *Destruir a Monarchia, o Papado e toda religião revelada, secularizar o Estado, laicizar a escola e destruir a familia.*

Mostrei ainda as proezas da Maçonaria em diversos paizes. E, depois de fallar na natureza e fins dessa sociedade, nas suas aspirações, intuitos e planos em toda a parte, passei a considerá-la apenas no Brasil, porque este era o meu objectivo.

Referindo-me aos resultados felizes da questão religiosa, escrevi: *A Maçonaria foi desmascarada quanto aos seus objectivos no ponto de vista religioso, e desilludidos ficaram aquelles que julgavam poder conciliar a crença catholica com a qualidade de filhos da viuva... Desde a questão religiosa, perdeu a Maçonaria brasileira a sua aureola de sociedade patriotica e beneficente, sem ligações com a Maçonaria européa, sem incompatibilidade com a crença catholica. (3)*

O que fica bem claro, é que Bartholomeu, por não haver eu attribuido á Maçonaria a derrocada da Monarchia, perdeu

(2)—*A Ordem*, n.º 31, Set. 1932, pags. 176 e 177.

(3)—*A Ordem*, n.º 31, Set. 1932, pag. 167.

a serenidade (si é que costuma tel-a) e sahiu a escrever contra mim artigos, em que a petulancia corre parelhas com a ignorancia.

Disposto a supprir a minha "velhaca omissão", derramou-se Bartholomeu por varias paginas, procurando provar que só e exclusivamente á Maçonaria se devem a queda da monarchia e a implantação da republica. Baseou-se especialmente em pranchas publicadas, ha annos, na "União".

Fallou no meu *pouco caso e accintoso desprezo*, no meu *desplante, deslealdade, parcialidade e illogismo*, etc., etc.

Ora! Quem será mesmo esse Bartholomeu?

Deixando de lado os qualificativos com que pensou mimosear-me, qualificativos aliás muito frequentes na penna dos que não tem razão ou não sabem discutir, vamos ao caso.

1.º As melhores provas, as unicas, poderei dizer, que apresenta, foi buscal-as Bartholomeu na "União", de Felicio dos Santos, acreditando esmagar-me com tão forte novidade.

Fui amigo de Felicio dos Santos, amigo de todas as horas. Collaborei com elle desde os primeiros momentos na grande e nobre campanha de acção catholica por elle iniciada entre nós. Collaborei na primeira "União", no "Hebdomadario" da Gloria, no "Bi-Hebdomadario", na "Patria Brasileira" e na actual "União", sempre sob a direcção delle. Conheci muito de perto não só as suas opiniões como os seus modos intimos de sentir e pensar. A minha admiração por elle cresceu depois de sua morte.

Ninguém, pois, mais do que elle estava em condições, ou em outras questões, de convencer-me, fazendo com que eu abandonasse opinião anterior.

Em dous pontos alimentava Felicio dos Santos opinião extremada, que não partilhei: Considerava os phenomenos espiritas como intervenção quasi exclusivamente diabolica, e attribuia á Maçonaria demasiada influencia na queda da Monarchia. Delle divergi, sem quebra de admiração e affeição que lhe votava, e sem jámais o haver combatido. Aliás, nelle mesmo eu via um argumento em contrario, quanto á questão monarchica, pois, tendo sido *pars magna* no advento da Republica, não fôra maçon e nem seria capaz de se deixar arrastar pelas figuras subalternas que, fazendo parte da Maçonaria, tramavam a ruina da Monarchia.

Conheço, pois, todos os elementos da questão; dei mesmo noticia das *pranchas* invocadas. (4) Posso estar errado; a minha opinião, porém, é o fructo amadurecido do estudo e da reflexão.

2.º Qualquer que seja o valor dos argumentos e documentos invocados, provam elles unicamente que a acção

(4)—*A Ordem*, n.º 31, Setembro 1932, pag. 169.

maçonica foi um dos factores da Republica. Não neguei isso.

3.º Nada mais claro do que o meu modo de pensar no assumpto. Disse eu: *Que a Maçonaria tenha collaborado, embora sem preponderancia, no advento da Republica, parece-me incontestavel. Que a acção maçonica contra o Imperio tenha tido por motivo a religião: eis o que não julgo susceptivel de ser demonstrado.* (5).

Justifiquei esse meu modo de ver; nelle, porém, não ha affirmações peremptorias e definitivas. *Parece-me fóra de duvida—não julgo susceptivel de ser demonstrado:* isso só pode ser dito por quem não se julga na posse incontestada da verdade e está disposto a acceitar rectificações. Taes rectificações, porém, Bartholomeu não n'as fez e nem parece nas condições de fazel-as, por lhe fallecerem competencia e serenidade.

4.º Qualquer estudioso na materia conhece as causas da queda da Monarchia, e não virá dizer em publico, que se deve esse grande acontecimento exclusivamente a Deodoro como militar, ou a Benjamin Constant como positivista, ou a Glycerio como maçon, ou a Ruy Barbosa como jornalista, ou a Silva Jardim como agitador popular. Dirá que todos estes collaboraram, tendo havido, porém, causas ainda mais profundas, algumas bem remotas, a começar pela propria situação da Monarchia, isolada em um continente de republicas.

Como muito bem disse o notavel publicista catholico, Jean Guiraud, as instituições politicas começam por se destruir a si mesmas, antes que as venha derribar as revoluções.

Ouçam-se Cotegipe e Pelotas; leiam-se: Nabuco n' *Um Estadista do Imperio*; Christiano Ottoni, no folheto—*O Advento da Republica*; Oliveira Vianna, em *O ocase do Imperio*. Leiam-se Rocha Pombo e Pe. Galanti.

Todos estes, porém, estão errados. E' Bartholomeu quem o diz. E porque o diz? Porque acredita em todas as gabolices da Maçonaria. Ella se vangloria de que as suas origens são as proprias origens da civilisação humana, e de que todas as grandes conquistas do progresso della partiram.

No Brasil, orgulha-se de ter feito o *Fico*, a independencia, o 7 de Abril, a maioridade, a lei do ventre livre, a abolição, a republica. *Excusez du peu.*

Depois dessa explanação maçonica, voltou Bartholomeu a fallar em factores historicos. Parece que o homem ficou um tanto desconfiado com o que disse no primeiro artigo; e quiz emendar a mão.

Havia eu fallado em factores historicos. Saltou Bartholomeu a confundir-me, e affirmou que "são os factores histo-

(5)—*A Ordem*, n.º 31, Setembro 1932, pag. 169.

ricos um recurso de quem não quer dar ao facto historico, causa intelligente e livre, causa humana. Um recurso de quem tenta esconder a causa real da efficiencia directa do facto. . . .”

Vejam só ! Eu não sabia, que era partidario do determinismo absoluto !

Confundindo existencia com efficiencia e mostrando ignorar o que sejam factores historicos, porque só os suppõe possiveis no determinismo materialista, não podia ser mais desastrado o nosso Bartholomeu.

E como se explicou ou corrigiu agora ? Mais desastradamente ainda: “Quando os factos se encadeam, quando entre elles se percebe uma sequencia, um nexo logico, tudo revella a existencia de uma causa intelligente, que concebe a finalidade que os subordina, determinando a connexão, a ordem logica porque se vão elles succedendo. Uma cousa é a causa de um facto outra a companhia das circumstancias que o fomentam e ajudam a sahir á luz, a tornar-se realidade historica. Podem ter cada uma a sua causa propria as circumstancias e condições que rodeam um acontecimento, isso, porém, não annulla a actuação de quem dellas se aproveita para o bom exito de uma idéa. Facto não gera facto, a successão não acha guarida a geração expontanea, quem faz a historia não são os factores historicos, mas sim o homem”.

Si Bartholomeu não fosse um pseudonymo, certamente se envergonharia da salada, que ahi preparou. Bartar-lhe-ia conhecer dous dedos de Philosophia em geral, e de Philosophia da Historia em especial, para não dizer taes cousas.

O facto historico é o resultado do exercicio da actividade intelligente do homem; quem o contesta ?

Mas, as duas faculdades que operam directamente no acto humano livre, são a *intelligencia* e a *vontade*, e estas, no seu exercicio, dependem das faculdades sensiveis, as quaes estão sujeitas a órgãos. Portanto, a actividade normal daquellas duas faculdades está subordinada á integridade e ao funcionamento regular do organismo, portanto, ainda, ás condições exteriores; subordinada, pois, á idade, sexo, saude, regimen, disposições naturaes, meio, clima, etc. (6)

Por isso, diz Lahr: “E’ verdade que os factos historicos são factos particulares, e nisso precisamente se distingue da historia natural a historia humana. Não menos verdade é que esses factos são o resultado de certas causas, e que o conhecimento dessas causas permite remontar a certas leis mais ou menos geraes. Certamente, em tal materia, tantas e tão complexas são as causas, que o historiador pode duvidar, si

(6)—Ver: Mercier—*Philosophie*.

não lhe escapou alguma ou si não attribuiu a todas a devida influencia” (7).

Por isso, diz Sawicki: A causa immediata e o suporte de todo facto historico é o homem. Ha, porém, innumerous outros factores que intervem no curso da Historia humana; estes, porém, só adquirem influencia, porque determinam o homem á acção”. (8) E, depois de estudar o primeiro factor, o homem (o individuo, as massas, o povo), examina Sawicki os outros factores, assim grupados: 2.º A Natureza exterior e interior); 3.º O Meio cultural (Religião, Sciencia, Arte, Instituições, factores economicos, etc.); 4.º Factor supraterrrestre (A Providencia).

Anda, pois, errado Bartholomeu de Almeida, quando suppõe, que só podem acceitar a existencia de factores historicos e de leis historicas os adeptos do determinismo psychologico, reconhecendo neste uma extensão do determinismo cosmologico.

Ha leis historicas que, como diz B. Kidd, regulam o caracter, o progresso e a decadencia das sociedades e das civilizações (9).

Mercier, Lahr, Sawicki, Benjamin Kidd serão materialistas ?

Desejaria que Bartholomeu me explicasse, como é que, sendo una a especie humana, tão differentes se mostram hoje physicamente e nos seus modos de sentir, pensar e agir, o chinez, o inglez, o hottentote e o botocudo.

Ninguem sustentou que um facto gera outro facto, por geração espontanea. Entre a causa, seja ella qual for, e o seu effeito, ha uma distincção real; é a intelligencia humana que entre elles introduz uma relação logica.

O que se percebe, é que Bartholomeu não distingue bem causa e razão, causa efficiente e causa final, causa, circumstancias, condições e occasião.

O agente é capaz de querer o resultado, a finalidade de uma serie de actos, *ex-proposito*, e esse effeito é intencional. Ha, porém, effeitos accidentaes, que não estavam na intenção do agente, e nem por isso, pois, deixou de haver na concatenação e sequencia dos factos uma causa intelligente. E' que a finalidade intrinseca, propria do facto em si mesmo, pode não coincidir com a finalidade extrinseca, que está na intenção do agente.

Deodoro tinha como finalidade apenas derribar o Ministerio, mas a velocidade adquirida levou-o a proclamar a

(7)—*Philosophie*.

(8)—*Geschichtsphilosophie*.

(9)—*Social evolution*. Ver tambem: *Moraltheologie*—Otto Schilling; *System der Rechtsphilosophie*—Petraschek; e *Der Goldgrund der Weltgeschichte*—Ruville.

Republica. Amargando-se no exilio estão varios proceres da revolução de 1930. Por que? Quando agiram, como causas intelligentes, subordinando e concatenando os factos para derribar o governo constituido, era aquella a finalidade que os guiou?

Nada disso. E' que muitos desses proceres, dessas causas intelligentes, desses factores historicos, esperando apenas derribar e substituir um governo, desencadearam no paiz uma revolução de alcance incomparavelmente maior, porque não contaram com varios outros factores historicos, cuja acção já de longa data se vinha exercendo no Brasil.

Os civis estavam certos, de que não lograriam a victoria sem o auxilio das forças armadas. Por sua vez os militares, embora confessando sua repugnancia em se ligar ao elemento civil, estavam tambem convencidos de que, sem elle, não chegariam ao bom termo. Juntos ficaram victoriosos. Mas, os acontecimentos estão seguindo um curso muito differente, do que o esperavam as causas intelligentes que os desencadearam. A razão está em que, actuando sobre essas vontades intelligentes, ha um grande numero de factores historicos, que Bartholomeu não admitte. Entre as figuras que se agitam no nosso scenario politico, temol-as de varios matizes. Uns são idealistas mas simplorios, outros intelligentes mas incultos, outros ignorantes mas audazes; uns avidos de mando, outros saturados de cobiça, outros cegos pela vingança. Ha porém, muitos homens de merecimento, animados do sincero amor ao bem commum.

Alguem analysando a idéa communista, chegou ao seguinte resultado: 25% de illusões, 25% de ignorancia, 15% de maldade, 15% de preguiça, 15% de inveja e 5% de philantropia.

No livro de Oliveira Vianna (10), que Bartholomeu não parece ter lido, vejo outro exemplo. Refiro-me á carta do Visconde de Pelotas ao Visconde de Ouro Preto, em que aquelle se declara surpreso com a proclamação da Republica, resultante do pronunciamento da guarnição militar do Rio, para o qual elle collaborara.

Certo é, pois, que a logica dos acontecimentos costuma ser differente daquella em que se firmam as causas intelligentes que os provocam.

Nessa mesma pagina, mostra Oliveira Vianna, que, dos tres que procuravam decidir Deodoro á proclamar a Republica—Benjamin Constant, Aristides Lobo e Glycerio, triumphára o esforço catechisante do primeiro. Por esse lado, portanto, assistirá aos positivistas mais razão que aos maçons de se conculcarem fautores da republica.

(10)—*O Ocaso do Imperio.*

Diz, porém, Bartholomeu que o facto de terem “causa propria as circumstancias e condições que rodeam um acontecimento. . . não annulla a actuação de quem dellas se aproveita para o bom exito de uma idéa”.

Deixando de lado as expressões erroneas de Bartholomeu, analysemos a hypothese que elle figura, aliás já bem diferente de suas affirmações anteriores.

Quando varios acontecimentos, desprovidos de connexão objectiva, ou pelo menos sem connexão conhecida pelos agentes directos, respectivos, concorrem, coincidem e produzem determinado resultado, dous casos ha a considerar. Si um agente, vendo essa coincidencia, apenas se aproveita do resultado, não passa elle de um simples aproveitador; não é uma causa. Si, ao contrario, poude prever a coincidencia dos acontecimentos e fazel-os cooperar para a mesma obra, então, elle é uma *causa accidental* (11).

Em qualquer hypothese, não pode esse agente ser considerado como causa preponderante e, menos ainda, como causa total do resultado.

Investiguemos agora o motivo da zanga de Bartholomeu de Almeida.

Facillima é descoberta desse motivo; nada mais claro. O autor da “Maçonaria no Brasil”: 1.º não disse, o que a Maçonaria pensa da Monarchia; 2.º occulta o motivo por que a Maçonaria quer exterminar a Monarchia; 3.º sustenta que não foi a Maçonaria quem derribou o imperio brasileiro; 4.º contesta que a acção maçonica contra o imperio tenha procedido do facto de ser este catholico.

Vou deixar de lado a primeira affirmação, que mostrei ser falsa; e tambem a terceira, porque, com excellentes fundamentos, expuz a minha opinião, segundo a qual a Maçonaria apenas collaborou na proclamação da Republica.

A segunda e a quarta affirmações, segundo Bartholomeu, equivalem a esta: A Maçonaria combate a Monarchia por ser a mesma catholica, e por esse motivo, derribou-a no Brasil”. Fez mais ainda o escriba: Identificou os pontos de vista republicano e maçonico, depois de haver identificado os pontos de vista monarchico e catholico.

Nesta altura da questão, eu o detenho para dizer-lhe, que não lhe assiste autoridade na materia.

Não sou monarchista, mas não sou tambem o republicano que Bartholomeu suppõe. Primeiro que tudo, sou catholico e como tal, seguindo as instrucções dos Soberanos Pontifices, não enfeudarei a uma forma politica, qualquer que ella seja, a minha convicção religiosa.

(11)—Mercier—*Ontologie*.

Não poderiam, nessa materia, ser mais explicitos os quatro ultimos Papas.

Na Encyclica *Immortale Dei*, nos diz Leão XIII que a soberania, em si mesma, não está ligada necessariamente a forma alguma politica; e, na Encyclica *Diuturnum*, nos ensina não haver impedimento algum para que a Igreja approve o governo de um ou o de muitos.

Na Allocução em Consistorio, a 14 de Novembro de 1901, protestou Pio X contra a affirmação, que reputava calumniosa, de não poderem os cidadãos aceitar a republica na França e continuar catholicos. Na carta ao Episcopado francez, sobre o *Sillon*, a 25 de Dezembro de 1905, diz o mesmo Pontifice: “Queremos affirmar uma vez ainda, como o nosso predecessor, que ha erro e perigo em confundir com uma forma politica o Catholicismo”.

Escrevendo aos Bispos portuguezes, disse Bento XV que a Igreja estava acostumada a entrar em relação com os governos, qualquer que fosse a sua forma politica.

Tanto ou mais explicito tem sido Pio XI. Basta-me citar a sua Allocução em Consistorio, a 24 de Março de 1924: Ninguem absolutamente tem o direito de, com vistas meramente politicas e para sustentar a causa de um partido politico qualquer, servir-se abusivamente da autoridade religiosa ou da acção catholica”. Pio XI não tem cessado de dizer, que “a Igreja se tem mostrado severa em relação aos catholicos que pretendem enfeudal-a ao seu partido politico ou a convicções de ordem meramente temporal”.

Nada mais preciso pôr na carta, antes de despedir-me dos leitores d'A ORDEM e deixar Bartholomeu entregue a si mesmo.

SOCIALIZAÇÃO DO TRABALHO

F. CONTREIRAS RODRIGUES

Muito se fala de Socialismo, de Communismo, de Syndicalismo, de Associacionismo, horrorizando a uns, a outros enchendo de esperanças fagueiras. Em todos, porém, fica sempre uma duvida a pairar sobre o entendimento. Até onde vai a socialização? Que elementos da vida social se socializarão? O trabalho? O capital? A propriedade immovel? A propriedade movel? Da propriedade movel, os instrumentos de producção? os alimentos? as vestes? E, por fim, o amor? Ou ha meio termo conveniente e correspondente ás aspirações de perfeição para o meio em que nos agitamos?

Contra o capital, exigindo a sua socialização, gritam os operarios, que lutam sem propriedade e sem capital; e gritam os proprietarios, emquanto sua propriedade é uma fonte de trabalho pessoal e ainda não dá para proporcionar os prolongados lazeres da vida. Contra o trabalho dos operarios lançam-se os proprietarios de immoveis e os capitalistas do dinheiro. Na imputação dos males sociaes ha um verdadeiro jogo de empurra... Para sair do labyrintho, os communistas propugnam pela socialização integral—socialização da propriedade, do capital e do trabalho; e, deante dos males previsiveis e decorrentes deste absurdo, é que os liberaes defendem suas posições, allegando que é preferivel ficarmos onde estamos, no *salve-se quem puder*. Ahi estão os dous extremos da complicação. Entram, porém, como intermediarios os collectivistas, propondo uma socialização que attingiria totalmente o capital, parcialmente a propriedade, e deixaria o trabalho mais ou menos livre. Convergentemente com os collectivistas, offerecem-se como intermediarios os associacionistas, provando as vantagens de socializar o trabalho e deixar mais ou menos livre o capital e a propriedade. E, absorvendo a todos, englobando a todos, os integralistas ou totalistas, *mutatis mutandis*, insistem no manter consensualmente ou coactivamente cada parciario social dentro da sua raia. Não está em afeiçoar o todo a uma parte, a solução, como pretendem os dous ultimos grupos de doutrinadores,

nem no deixar as cousas como estão entregues ao livre jogo dos interesses; mas no engranzamento de todas ellas na formação do todo e na direcção systematica dessa organização rigorosa. Dentro della são computados todos os valores, e valorizadas todas as realidades. Eis o integralismo, o totalismo.

Parece, á primeira vista, que são irreconciliaveis as theorias economico-sociaes. Mas, si buscarmos um ponto de contacto entre ellas, veremos desde já que se repellem as duas organizações extremas—o Liberalismo que consagra a propriedade e o capital em toda a sua latitude e o Communismo que os supprime; e que ficam as tres soluções intermedias acotovellando-se—o Collectivismo, que cerceia o capital e a propriedade, o Associacionismo que cerceia o trabalho e o Totalismo, que cerceia o trabalho, o capital e a propriedade. E neste cerceamento total e parcial dos agentes da producção das riquezas está o posto de contacto entre os tres systemas organizativos. Por isso é que uns e outros acceitam o apophtegma—*a propriedade é uma função social*—e, repellindo o epitheto de *socialistas*, admittem o de *socializantes*. De facto, socializantes são os collectivistas, os associacionistas e os integralistas, porque todos elles buscam nos esforços collectivos, associados ou totaes o remedio para os males presentes. Ora, não é elevando ao maximo o interesse pessoal e dispersando os esforços que elle anima, como admittem os liberaes, não negando as consequencias proveitosas do interesse pessoal, como pensam os communistas; mas na conjugação dos esforços e ao mesmo tempo na consagração do interesse pessoal que repousa a solução. Tudo se resolve, portanto, em torno do trabalho, principalmente, e secundaria-mente ao redor dos outros elementos economico-sociaes. E é perfeitamente comprehensivel este processo de solução, porque se baseia em dados reaes, como são a principal característica do trabalho e a principal característica da humana tendencia para a aquisição da propriedade e para a accumulção do capital: isto é, a *pena* e a *repulsa* que proporciona aquelle e a geral aspiração que inspiram estes. Por que comprimir inteiramente a estes aos quaes tendem naturalmente os homens? Seria cassar-lhes toda esperanza de felicidade na terra. Nem haveria nada mais contrario á natureza dos seres sentimentaes.

Que se comprimam e reprimam os abusos e o mau emprego da propriedade e do capital é admissivel, segundo o pensamento mesmo de todos os socializantes, com differença apenas nos meios de chegar a esse resultado. Mas, que se deixe sem coacção o trabalho é outra illogia capaz de acarretar as mais funestas consequencias para a sociedade e para as nações. Ahi estão os vacantes de todos os paizes e, de roldão com elles, sem que se distingam, os vadios, que na-

turalmente reluctam contra o trabalho, porque o trabalho é imposto aos amoraes somente pela estricta necessidade. Onde houver vacantes mantidos pelos occupados, ha-de haver sempre e muito humanamente vadios disfarçados. E que força os compellirá á producção, senão as necessidade da existencia? E que governo, desarmado de força espiritual, terá dentro de suas possibilidades o remedio para esse mal?

Dispensavel nas épochas edenicas dos povos, porque a natureza então os alimenta com suas prodigalidades, torna-se a coacção do trabalho cada vez mais imperiosa, ao passo que a terra vai mermando a massa de suas riquezas relativamente á massa de seus habitantes.

Na socialização do trabalho está, pois, o principio da salvação, quer relacionada com o resto da economia dirigida, como imaginam os socializantes, quer decorrente de sua instituição politica, como seria o trabalho obrigatorio, quer agente normalizador de todo o resto da economia social e politica, como pensam os cooperativistas classicos.

Socializar o trabalho, usando para isso das forças moraes, das forças economicas, das forças politicas, eis a solução do grande problema humano que consiste em realizar e conservar uma relativa felicidade na terra, e nunca socializar completamente o capital, sobretudo aquelle que foi accumulado pelo homem capaz de produzir mais, de poupar mais, de privar-se mais, de ser em fim mais virtuoso que os prodigos que vivem aos dias, dando tudo ao presente, negando tudo ao futuro. E quem nega as vantagens da socialização para o capital, nega-as tambem para a propriedade, que é uma corporificação do capital e a preocupação mais constante do homem e um dos mais poderosos estímulos de progresso.

Socializar o trabalho, que requer coacção, pela associação livre ou pela obrigação politica; e deixar franco o accesso á propriedade e ao capital, para os quaes tende naturalmente o homem, como para um reino de paz e de segurança.

Não é corrente a formula—*socialização do trabalho*—mas é curial definir por ella os movimentos e realizações sociaes que se esboçam entre os extremos do Liberalismo e do Comunismo.

DOM BOSCO, EDUCADOR

MARIO CASASANTA

(ex-director da Instrução Publica
de Minas Geraes)

D. BOSCO FOI UM EDUCADOR ?

Eis o primeiro problema, que temos de considerar: Dom Bosco foi devéras um educador ou apenas um constructor e director de estabelecimentos de ensino ?

Com effeito, percorri os mais vulgares trabalhos a cerca da historia da educação e nelles se não me deparou um periodo sequer referente a D. Bosco. Quando muito, a simples citação de seu nome, entre os que se consagravam á educação, na Italia, sem consideração alguma do que elle foi e do que elle fez. Monroe, Weimer, Damseaux, Compayré, por exemplo, o omitem. E' certo que Riboulet, catholico, o estuda, mas o *Dizionario illustrato di Pedagogia*, estudando menores, com minucias, o estuda pela rama, embora feito por professores italianos.

¶ François de Gueux cita-lhe apenas o nome. Messer o omite. Omite-o a *Cyclopedia of Education* de Monroe. Omite-o o *Dictionnaire de Pedagogie* de Buisson. Afranio Peixoto, o nosso mais recente historiador da educação, e aliás com os melhores dotes de *sportsmanship*, entre centenas de nomes, não registra o de D. Bosco.

Feitas as contas, restam Riboulet, catholico, columna e meia de um dictionario italiano de pedagogia, algumas linhas de Patrascoiu e a citação de Gueux.

Promoveu a organização de estabelecimentos, com sacrificio; dirigiu taes estabelecimentos, com dedicação; tirou do nada elementos para uma obra enorme; mas isso não quer dizer que lhe quadra a qualificação de educador.

Um millionario norte-americano, e ha varios delles, pode empregar uma parte do seu dinheiro na construcção de escolas, gymnasios e universidades. E' possivel que tal dinheiro seja mesmo superior ao que D. Bosco empregou nas suas obras. Entretanto, nunca se poderá dizer que tal millionario seja um educador, Será um grande cidadão, um

grande filantropo, um grande homem, mas educador é que não será.

Por outro lado, um homem pode fundar collegios e ficar-lhes na direcção, por muitos annos. O collegio é iniciativa sua; as suas idéas, o seu suor, o seu sacrificio, a sua vida podem consagrar-se-lhe inteiramente. E é vulgar que se não lhe attribua a qualificação de educador.

Assim, dir-se-á, D. Bosco foi um grande homem e, sobretudo, um grande filho da Igreja; catou as crianças nas ruas, ao feitio de Vicente de Paulo, mas como Vicente de Paulo, não é um educador. Todas as nossas dioceses têm gymnasios, quasi todas as nossas cidades têm estabelecimentos de ensino. Entretanto, será erro asseverar que todos quantos organizem esses estabelecimentos e os superintendam—sejam educadores. D. Bosco, como grande santo, exercitou a heroicidade permanente de recolher os desamparados e de lhes dar possibilidades de regeneração. Não se lhe conhece, porém, a methodologia, nem se votou elle ao trabalho de deixar uma obra que dêsse a perceber as linhas geraes de um systema.

Dir-se-á, com razão?

Dois annos antes da morte d'elle, o Reitor do Seminario de Montpellier instara com D. Bosco para que expuzesse o seu methodo, e D. Bosco exclamava em presença dos membros do Conselho Superior da Sociedade Salesiana:

—Quer-se que exponha o meu methodo: mas se nem eu mesmo o sei! Sempre andei conforme a inspiração do Senhor e as exigencias das circumstancias.

D. Bosco nada deixou, portanto, em materia de theoria de educação. Não se lhe sabe dos methodos, pois nem elle propriamente o sabia.

ROUSSEAU, D. BOSCO

Rousseau é proclamado, pela escola nova, como um pioneiro.

Cabe-lhe o nome de educador?

—Sim, respondem. Rousseau escreveu o *Emilio* e no *Emilio* se acham, ao lado de graves erros, grandes acertos: consigna os principios cardeaes da escola nova, e um estudo, mesmo perfunctorio, descobrirá, no que escreveu, quasi todas as reinvidicações pedagogicas dos nossos dias.

Mas compare-se o que escreveu Rousseau, na sua obra, com o que foi de facto na sua vida: ha um traço que ligue uma coisa a outra?

D. Bosco, ao contrario, não deixou um compendio de pedagogia. Deixou algumas instrucções. Agiu, praticou. A sua vida escoou-se-lhe entre alumnos e dentro da escola.

Cabe-lhe ou não a qualificação de educador?

O QUE E' EDUCADOR

Em sua monographia, *El alma del educador y el problema de la formación del maestro*, o prof. Georg Kerschensteiner define o educador como sendo "o homem que, voluntaria ou involuntariamente, influe na vida espiritual de seus semelhantes, elevando-os a um estado mais perfeito".

Nella, o notavel pedagogo allemão discrimina bem o educador theorico do educador pratico. Rousseau é um educador theorico. Quer isso dizer que os que não deixaram tratados de educação não sejam educadores?

E' o proprio Kerschensteiner quem se incumbe da resposta: em primeiro lugar, pensa que um dos equivocos mais ingenuos e correntes consiste em suppor que os maiores pedagogos são aquelles que escreveram livros cheios de erudição sobre materia pedagogica; em segundo lugar, mais adiante dá a ver que, emquanto nas sciencias mathematicas ou na philosophia, se infere judiciosamente que o autor de uma obra importante deve ter sido um philosopho ou mathematico, o mesmo não acontece com a pedagogia, porque o educador "é sempre um homem occupado com a pratica", e, afinal, que a Humanidade teria já declarado a sua falencia, ha muito tempo, caso o valor pedagogico dependesse estricitamente da erudição ou da sciencia pedagogica.

AS DUAS ALAS DE EDUCADORES

Ha, portanto, duas grandes alas de educadores: os educadores theoreticos e os educadores praticos.

Uma pode viver, apenas, entre paredes de um gabinete, procurando, entre montes de monographias, alguns principios geraes.

Outra vive dentro da escola, no convivio continuado das crianças, entre a tagarelagem e a actividade, tão cheia de graça e de imprevisto, que só a infancia sabe proporcionar.

Os primeiros fazem sciencia, os segundos praticam a sciencia. Os primeiros assentam as leis da educação, os segundos fazem educação real. Os primeiros traçam os rumos e falam, por vezes, para os seculos que desfilam. Os segundos falam e agem, sobretudo, para a parcela de humanidade que se lhes confiou.

Para onde vae Rousseau?

Para onde vae D. Bosco?

Rousseau, entre muito cascalho, deixou-nos verdades de relevo, mas na pratica não soube discriminá-las e applical-as. D. Bosco, sem condensar em obra um systema, deixou-nos algumas normas de muito proveito, mas o seu proposito era elevar o nivel das gerações que lhe estavam diante dos olhos.

Foi, assim, D. Bosco, mais um educador pratico do que theorico, sem embargo de lhe não serem estranhas as correntes pedagogicas de seu tempo. D. Bosco lia tudo. Buscava a verdade em toda a parte. Para os historiadores da educação, porém, hade ficar como o realizador, por excellencia, que, nas suas realizações pedagogicas, alcançou o que poucos mestres de nosso tempo puderam alcançar.

DEGENERACÃO, REGENERACÃO

Na verdade, se tem razão Kerchensteiner, quando define o educador como o que influe na vida espiritual dos outros homens e os eleva para um estado mais perfeito—que se hade dizer de D. Bosco que apanhava o rebutalho das ruas para o elevar a niveis extraordinarios de perfeição?

E' educador o que faz de uma criança normal um cidadão normal: e como chamar áquelle que faz de um moleque da rua, daquelles *birigini* sem sentimento nem roupa, que viviam miseramente no corpo e na alma, praticando o mal e carregando farrapos, não só criaturas fecundas para a humanidade, mas tambem e principalmente exemplos de perfeição para os homens?

Que dizer de D. Bosco, que apanhava os abandonados da rua e do cárcere, *afim de formar bons cidadãos nesta terra, para um dia serem dignos habitantes do céu?*

SABER E FAZER

Eu tenho um grande apreço pelos pedagogos de nosso tempo.

Sou dos que prestam a Dewey e a Kilpatrick, a Decroly e a Ferrière, a Rerscheinsteiner e a Lombardo—Radice—o culto que merecem, embora procurando respigar bem o trigo da verdade entre o joio das conjecturas, das hypotheses, das affirmações individuaes e dos preconceitos, que nos querem propinar como sciencia.

Pois bem.

Tome-se um John Dewey e diga-se-lhe que vá a um casa de regeneração de menores delinquents, que siga o regime de uma penitenciaria commum e, o que é mais, de uma penitenciaria de ha um seculo atraz.

—Prof. John Dewey, tenho perto de quatrocentos rapazes na *Generala*, casa de correcção de Turim. O sr. tem trez dias, para doutrinal-os. Depois desses trez dias, hade passear, a sós com elles, a pé, até Stupinigi. Partirão cedo e voltarão á noite. Será um bello passeio. Note, porém, que nenhum alumno hade faltar á chamada, á noite, na hora de recolher.

Que diria o *leader* da educação norte-americana?

—Não é possível acceitar a proposta. Vamos aos factos e não é preciso sair do Brasil. A Escola de Reforma “João Luis Alves”, do Rio de Janeiro, tem oitenta reclusos. Para esses reclusos, ha 61 funcionarios e um destacamento policial de 17 praças armadas convenientemente. Além disso funcionam numa ilha—a ilha do Governador, e não lhe faltam muros. O Instituto Disciplinar de S. Paulo, que parece pedagogicamente mais bem aparelhado e a que não falta assistencia religiosa, tem para 210 reclusos 60 funcionarios, entros os quaes 42 vigilantes, sendo de notar que ha alumnos até de oito annos de idade. O mesmo acontece em outros paizes, porque o phenomeno da fuga, nesses estabelecimentos, é natural e infalivel.

Isso diria o prof. John Dewey e acertadamente.

E D. Bosco?

As Memorias, vol. V. p. 219-226 nol-o contam, com eloquencia:

“Pouco depois da Paschoa, de 1855, D. Bosco tinha dado áquelles jovens os exercicios espirituaes, que foram fecundos de benção para suas almas. A doçura e a caridade de seu coração tinham conquistado até os mais discolos e levara-os a todos aos santos sacramentos, com excepção de um só.

Nos seus cuvintes, nos seus penitentes reconhecera um sincera conversão ao bem, e, ao mesmo tempo, uma afeição profunda e uma penhorada sympathia para com elle proprio. O santo Padre commoveu-se com isso e resolveu obter para elles algum alivio para sua prisão. O primeiro pensamento que lhe acudiu foi o de uma bella excursão, convencido de que a privação de movimento e de liberadde era a mais dura e insupportavel punição. Foi ter com o Director dos carceres da cidade.

—Venho, lhe disse, fazer-lhe uma proposta; ha probabilidade de ser acceita?

—Faremos tudo que pudermos, sr. Padre, para lhe agradecer, respondeu o Director, visto que a sua influencia em nossos prisioneiros nos foi de grande ajuda.

—Pois bem, permitta-me, sr. Director, que eu implore uma graça para estes pobres jovens, cuja conducta exemplar não dá, ha algum tempo, motivo de queixa; quero conduzil-os a pé até Stupinigi; parte-se de manhã e volta-se de noite; este passeio far-lhes-á bem á alma e ao corpo.

O Director, espavorido, deu um salto da cadeira.

—Mas, v. revma. não está falando sério, exclamou.

—Falo com a maior seriedade do mundo, replicou-lhe o padre e peço-lhe tomar em consideração a minha proposta.

—Não sabe que sou responsavel por qualquer fuga?

—Esteja certo de que não haverá nenhuma fuga; eu me comprometto a trazel-os todos, se mos confiar.

Longa foi a discussão: D. Bosco insistia: o Director en-trincheirava-se atrás da inflexibilidade do regulamento; finalmente, não podendo tomar nenhuma resolução, consentiu em levar a proposta ao ministro.

D. Bosco, nesse tempo, visitava Carlos Farcito de Vinea, que era então, indendente geral, ou Prefeito da Provincia, a quem incumbia dar a permissão. Elle, porém, ouvida a pretensão, foi inexhoravel em sua negativa.

O Director dos Carceres, entretanto, mantinha apalavra dada.

Estava como ministro Urbano Rattazzi, homem que, se tinha alguma falha de ordem moral, não carecia de engenho. Reflectiu um instante sobre a proposta, que o Director das prisões lhe apresentou em nome de D. Bosco e fez saber a D. Bosco que desejava vel-o. Encontraram-se face a face o adversario e o defensor das ordens religiosas. Rattazzi devia ter, ao menos por alto, noticia das cartas que D. Bosco escrevera ao Rei, mas parece que nada lhe disse.

D. Bosco apresentou-se ao ministro, com aquelle ar simples e aberto, que lhe era natural, e conservava sempre, mesmo perante os mais altos personagens. O ministro recebeu-o, com grande gentileza.

—Quero, sr. Padre, consentir na proposta, que em seu nome me foi feita, dias atraz. V. revma. poderá por em execução o seu plano de passeio, que fará muito bem áquelles jovens prisioneiros, tanto moral como physicamente; darei as ordens necessarias; á distancia, os carabineiros, disfarçadamente, acompanhál-o-ão para ajudál-o no caso em que haja necessidade de manter a ordem, e para fazer uso de força, se alguns recalcitrantes se recusarem a noite a voltar para a prisão.

O ministro pronunciou estas palavras com accento firme, acreditando ter satisfeito a todos os desejos de D. Bosco. Mas este havia sorrido, quando ouvira falar de carabineiros.

—Excellencia, respondeu-lhe, sou-lhe gratissimo pela cortezia, mas só effectuarei o meu projecto com uma condição e é que me permitta ficar só com os meus rapazes, dando-me a sua palavra de honra de que não mandará a força publica atrás de mim. Tomo a coisa por minha conta; e V. Excia. me pode mandar prender, se houver qualquer desordem.

O Ministro ficou estupefacto.

—Mas, explicou elle, v. Revma. á noite não trará um só daquelles pobres rapazes.

—Fie-se de mim, retorquiu D. Bosco, e a sua physionomia mostrava claramente que não cederia.

Assim, ou fazer ou deixar. Ora, Rattazzi, tinha curiosidade de experimentar; por outro lado, aquelle sacerdote

lhe inspirava inteira confiança; e, por isso, permittiu a D. Bosco que fizesse o que queria.

Pode-se calcular o que foi a excursão. Os rapazes ficaram maravilhados com o contacto com a liberdade. Levaram provisões de boca. E, como quer que D. Bosco desse mostra de fadiga, repartiram a carga do burrico entre si, fizeram que D. Bosco montasse no burrico e foram puxando as rédeas, dois a dois, revesadamente. Almoçaram, merendaram, rezaram.

“Descrever o contentamento que resplandecia em todos aquelles rostos, termina o chronista, é coisa impossivel. Gosaram um mundo de delicias, nas alamedas do castello real, á sombra das arvores, á beira das aguas, naquelles prados cobertos de ervas e esmaltado de flores.

A sua conducta foi irrepreensivel; nenhuma briga veio perturbar a paz daquelle dia, e D. Bosco não teve precisão de advertir nem de censurar, para manter a disciplina. A' noite, retornaram todos para a sua triste habitação, com maior resignação, com a sua sorte e com mais docilidade do que antes.

O ministro esperava, com impaciencia, o resultado da expedição; apesar da confiança que votava a D. Bosco, não se sentia de todo tranquillo. Mas D. Bosco, sem perda de tempo, procurou-o e espantou-o, com a sua narração.

—Sou-lhe muito grato, sr. Padre, por quanto fez a nossos pobres prisioneiros, mas quero saber por que motivo o Estado não tem sobre aquelles jovens o prestigio que v. revma. tem.

—Excellencia, respondeu-lhe o padre, a força que nós temos é uma força moral, ao passo que o Estado só sabe mandar e punir; nós falamos principalmente ao coração da juventude e a nossa palavra é a palavra de Deus.

E o Ministro teve de comprehender que a Igreja possui uma força mysteriosa, que não se attinge cá em baixo e que as perseguições dos homens não enfraquecerão jamais.

Disse a D. Bosco:

—Vós podeis reinar sobre o coração da juventude: nós não podemos; esse dominio vos é reservado”.

O episodio é historico. O *Boletim das prisões* consignou-o, quando D. Bosco morreu. E todos os chronistas o têm consignado, com minucia.

Em todo caso, há uma grande distancia, entre fazer e saber. Em pedagogia, como nas demais actividades. E' certo que D. Bosco não deixou em livros o seu systema. Mas realizou-o a tal ponto que as poucas noticias, que se recolheram de seus processos, dão bem a medida de seu alto valor pedagogico.

D. BOSCO ,EDUCADOR

Dom Bosco é, pois, educador e educador da melhor linhagem.

Filho de educador, porque Margarida Occhiena, sua mãe, possuía os mais raros dons pedagogicos, em contacto com a boa pedagogia que a sua mãe determinadamente fazia, dentro do seu lar, elle principiou a sua carreira pedagogica, quando os outros meninos mal pegam a explorar o pequeno quintal da casa, em que vivem.

Aos quatro annos, quiz ensinar e influir. Tomou amizade com os vizinhos e, certa vez, retornou a casa, cheio de sangue.

Vê-se na chronica:

—E então! Quando acabas de uma vez com isto? Porque frequentas ainda aquelles companheiros? Não vez como são máus alguns delles?

—Por isso mesmo não os deixo; estando presente eu, sossegam, não proferem certas palavras...

—Entretanto, appareces-me hoje com a cabeça quebrada!

—Foi uma casualidade.

—Pois bem, não quero mais que os acompanhes.

—Minha mãe...

—Entendeste?

—Se assim é, para vos ser agradavel, não irei mais; é certo, porém, que eu lá, fazem a minha vontade e não brigam".

Com effeito, desde cedo queria ensinar a doutrinar. E com que methodos? Com os melhores de nosso tempo.

D. Bosco, ainda menino, aprendeu todas as artimanhas e peloticas dos saltimbancos. Nas feiras e mercados, observava-se de perto e aprendia-lhes os segredos.

Depois, convocava os companheiros, encantava-os com a sua habilidade, doutrinava-os com a boa doutrina e ensinava a crianças e velhos.

"Ainda pequenino, escreve Fasce, *Del Methodo Educativo di Don Bosco*. sem meios, sem instrucção, premido pelas necessidades da vida, embaraçado por obstaculos, acha modo de ajuntar derredor de si os meninos da visinhança, e, não tendo, a seu dispor, um lugar coberto, serve-se do prado que lhe fica perto da pobre casa. A' falta de outra coisa, lançava uma corda entre duas arvores e fazia-se funambulo para prendel-òs e recreal-os, valia-se de sua boa voz e de seu bom ouvido para entretel-os, por momentos, e, depois, fazia-os recitar as orações, expunha-lhes o que ouvira e aprendera na igreja, repetia os preceitos e conselhos que recolhia da mãe e despedia-os, calados e reportados, e com o desejo de retornar. Os bellos dotes da alma e do corpo grangearam-lhe a sympathia dos companheiros, que sentiam e amavam a

sua superioridade moral e se submettiam á disciplina que lhes sabia impôr opportunamente, com pleno dominio de si”.

Essa missão de mestre continuou-a em Moncucco, na familia Moglia.

“Com os seus modos gentis e seus folguedos, escreve o marquez de Crispolti, *Don Bosco*, attrahiu os poucos meninos da redondeza, que se tornaram para logo seus camaradas. No inverno, nos dias chuvosos, nas festas, reunia-os á tarde, iam ao palheiro, rodeavam a João, que se assentava sobre um monte de feno. Explicava-lhes o cathecismo, repetia-lhes o que ouvira na Capella, narrava casos edificantes, ensinava-lhes o uso do rosario, ladainha e os cantos sagrados. Em summa: passava para os companheiros tudo que o ouvira e vira na Igreja.

Quando a patroa lhe perguntava porque fazia as reuniões naquelle logar, respondia:

—La ninguem nos incommoda e não incommodamos a ninguem.

Note-se que não admittia meninas, nas suas reuniões.

Pela primavera, nos dias bons, preferia a sombra de uma amoreira, cujos ramos pareciam uma ilha de verdura no espaço. As mães exultavam quando viam os seus filhos em sua companhia . . .”

Em Becchi, como pastor, em Castello novo, como alfaiate e como musico, em Chieri, como marceneiro e como carpinteiro, garçon, pasteleiro, ferreiro, alfaiate e saltimbanco, no seminario e na sua longa vida de sacerdote—nunca foi infiel á sua vocação de mestre: ensinava tudo, ensinava sempre e em especial, conduzia almas para o reino de Deus.

EDUCAR-SE PARA EDUCAR

E’ certo que o homem que não é educado não pode educar. Nem sempre, porém, se tem attentado para essa verdade trivial. Fazendo a sua propria educação, perlustrando por si proprio os passos da aprendizagem, o professor se prepara, melhor do que por outro modo, para levar a cabo a educação de seus alumnos.

E’ ainda Kerschensteiner que exprime melhor esse pensamento:

“A essencia da sympathia e o fundamento emocional de todo acto pedagogico é a compenetração. Compenetrar-se quer dizer viver em outrem. Por isso, não é possivel conseguir a realização nos outros, antes de havermos conseguido realizal-a em nós mesmos . . .”

Quem se educou mais cabalmente do que D. Bosco para a sua missão pedagogica ?

Dotado de qualidades excepcionaes de intelligencia, a sua infancia dolorosa deu-lhe amplas oportunidades para o desenvolvimento.

Qualquer biographia nos mostra que João Bosco foi lavrador e que todo o empenho de seu irmão Antonio consistiu em desviar-o dos estudos, para a cultura da terra; que João Bosco foi pastor e que, enquanto o rebanho pascia mansamente, elle se dava á leitura e ao estudo; que aprendeu a pregar botões, a casear, a fazer costuras simples e dobradas, mais tarde, aos amigos que lhe parecia "haver attingido então as maiores culminancia da arte"; que João Bosco foi ferreiro e marceneiro, chegando a confeccionar a mobilia domestica; que foi pedreiro; que foi *garçon*; que tocava violino e cantava muito bem os cantos sagrados; que foi pagem de crianças; que fez de saltimbanco para ensinar e para ganhar; que foi cosinheiro e doceiro, pois que no Café de José Pianta aprendia, nas horas vagas, como se fazem as diversas especies de confeitos, doces, licores e refrescos, bem como aprendera os segredos da culinaria e de tal modo aprendera que o patrão lhe fez as melhores propostas para se dedicar exclusivamente áquella industria.

Passou, assim, por quasi todos os officios. Mais tarde, tocou as mais altas camadas sociaes.

E, passando dos pequeninos da rua para o palacio do Summo Pontifice, conversando com os criminosos na Penitenciaria e com os sacerdotes mais puros, no convivio com os homens de negocios e com os homens de pensamento, D. Bosco aprendeu a conhecer, como ninguem, a natureza humana.

D. Bosco não se illudia com os homens e por vezes maravillava as pessoas com lhes dizer que haviam commettido tal e tal peccado e que os haviam occultado.

Viveu entre os homens, atritou com os homens, rodou com os homens pela vida. Sopesou de perto e bem e o mal.

Foi assaltado muitas vezes por ladões, foi ludibriado muitas vezes, foi mesmo alvejado por perseguidores, topou com todos os obstaculos que um genio ruim pode pôr na frente de uma creatura.

Mas era inutil.

D. Bosco não conhecia obstaculos e ia seu caminho, com confiança, certo de que todos os obstaculos seriam removidos por Deus.

Não conheço imagem mais perfeita da esperanza, segunda virtude theologal e por signal que a mais esquecida das virtudes.

A PERSONALIDADE DO EDUCADOR

D. Bosco era filho de uma educadora; encetou, mais cedo do que nenhum mestre, a sua carreira pedagogica; leccionava de facto aos treze annos; consagrou-se á educação, atravez de uma longa vida; perfez a sua educação physica, que era admiravel, intellectual, que era poderosa, moral, que era solida, e social, que era perfeita, atravez de uma vida

cheia de aventuras e padecimentos, aprendendo quasi todos os officios e experimentando as mais diversas situações da vida.

Póde-se dizer, porém, que foi um bom educador e que não lhe faltava aquelle conjuncto de qualidades que compõem a personalidade do educador?

O ESTUDO DE CLAPP

Ha hoje uma grande quantidade de estudos acerca da personalidade do educador.

Atravez de entrevistas, testes e inqueritos, bem como da analyse minuciosa das actividades dos mestres, os tratadistas têm enumerado um elenco de qualidades que se lhes afiguram elementares para a formação de uma boa personalidade do professor.

Entre taes inqueritos, vou preferir o do dr. F. L. Clapp, que, pelo haver realizado em 1913, fez jus a que se lhe chamasse—pioneiro do estudo da personalidade do bom professor.

Em primeiro logar Clapp obteve de cem directores e inspectores de ensino experimentados, uma lista das qualidades que cada um reputava serem os elementos mais importantes para a constituição de uma boa personalidade de professor.

Classificou dez qualidades na ordem das mais votadas e submetteu-as a cento e quarenta directores e inspectores, pedindo-lhes classificar os seus seis melhores professores, primeiro na ordem da "personalidade do professor em geral", sendo o numero 1 o professor de melhor personalidade, 2 o seguinte e assim por diante, e, depois, em ordem correspondente a cada uma das dez qualidades especificas.

Clapp quiz, com isso, saber qual a funcção real dessas qualidades na composição da personalidade do professor: quando interrogada sobre o merito de um professor, a autoridade emittia o seu juizo, de accordo com a sua impressão geral, sem se deter na analyse precisa de suas qualidades.

O que é certo é que os dois inqueritos deram resultados bem differentes.

O primeiro inquerito, isto é, dos cem directores e superintendentes, com larga experiencia de ensino, deu uma lista enorme de qualidades. Della, Clapp tirou as dez que tiveram maior numero de votos. E a classificação foi a seguinte:

- 1) Sympathia
- 2) Apparencia pessoal.
- 3) Acolhimento
- 4) Sinceridade
- 5) Optimismo

**CENTRO DOM VITAL
BIBLIOTECA**

- 6) Entusiasmo
- 7) Cultura
- 8) Vitalidade
- 9) Imparcialidade
- 10) Reserva ou dignidade.

Submettida esta lista aos 140 e estudados os seis professores, á luz das qualidades, verificou-se que, de accordo com os 140, as qualidades appareceram da seguinte maneira e na seguinte ordem:

- 1) Acolhimento
- 2) Apparencia pessoal
- 3) Optimismo.
- 4) Reserva ou dignidade
- 5) Entusiasmo
- 6) Imparcialidade
- 7) Sinceridade
- 8) Sympathia
- 9) Vitalidade
- 10) Cultura.

UM INQUERITO RECENTE

Conforme assignalei, ha um grande numero de estudos a respeito da personalidade do professor. Charters consagra-lhe uma extensa monographia. Os estudiosos da disciplina e da organização escolar consideram-na devidamente.

Não será demais aqui, porém, o inquerito de que nos dá conta Marion Macdonald, na revista *Educational Administration and Supervision*, fereveiro de 1931.

Clapp ouviu os directores e inspectores de ensino, de reconhecida cultura e de larga experiencia.

Macdonald recolheu a opinião de 320 estudantes, num collegio para professores, dando aos alumnos de differentes classes vinte minutos para elaborarem quatro listas: uma de boas qualidades, outra de más qualidades de professores, terceira de boas praticas, quarta de más.

Os estudantes não assignaram as listas nem mencionaram o nome de quem quer que seja. Os principiantes tinham passado pela mão de 12 professores e os mais graduados tinham passado, em media, pela mão de 33 professores.

Eis, na ordem de distribuição, que se baseou na votação, as qualidades que aprovaram: jovialidade, justiça, consideração, amizade, veste apropriada, boa voz, asseio, attracção, interesse pelos estudantes individualmente, sinceridade, entusiasmo, maneira agradavel, sociabilidade, sympathia, modos interessantes, conhecimento da materia, conhecimento dos nomes dos alumnos, modos democraticos, prestancia,

optimismo, expressão agradável, estímulo, espirito de escola, paciência, idéas modernas, interesse pela materia, boa linguagem, temperamento igual, dignidade, largueza de espirito, cortezia, facilidade de acceitar suggestões, *systema* no trabalho, boas qualidades de homem de esporte.

A lista dos defeitos de algum modo completa a lista das virtudes, e, por isso, damol-a na ordem da classificação: injustiça, falta de consideração, voz má e falta de acolhimento, preconceito, apparencia desagradavel, sarcasmo, presumpção, linguagem irregular, instabilidade de character, affectação, desinteresse, falta de sinceridade, desconhecimento da materia, familiaridade excessiva, descortesia, insociabilidade, estreiteza de espirito, lentidão, hypersensibilidade, desgosto, azedume, mau humor, falta de preparação, intolerancia religiosa, attitude não democratica, impertinencia, personalidade desinteressante, cansaço, infidedignidade, insensatez, desestímulo, agitação, impaciencia, má attitude, desconfiança tiramnia.

A lista foi feita pelos alumnos, em vinte minutos: é um julgamento pessoal, e, por isso mesmo, subjectivo e arbitrario. Entretanto, estou a crêr que os professores têm muito que aprender, na comparação entre taes palavras e a sua personalidade.

D. BOSCO E O PADRÃO DE CLAPP

Voltemos, porém, ao padrão de Clapp, que, além de classico, é pequeno e verifiquemos se D. Bosco reunia aquellas qualidades que compõem a personalidade de um bom professor e em que gráu as reunia.

Teremos desse modo estudado o educador, á luz de um criterio moderno, e medido o seu tamanho.

D. BOSCO SABIA ACOLHER

Em primeiro lugar, vem a virtude do acolhimento.

Address lhe chama a pedagogia norte-americana, *acollença* lhe chamaram os nossos classicos.

Não temos palavra que melhor traduza o que é.

“Refere-se, diz Bagley, á maneira pela qual a gente vae ao encontro dos outros, e tem sido reputada como um importante factor na arte do commercio...”

O professor tem de receber, continuamente, paes e alumnos. Se lhe falta essa qualidade de receber e de acolher, como ter exito?

E D. Bosco?

Sabia receber?

Se sabia! Sabia receber e acolher, mas, o que é mais, sabia prender e amarrar. De tamanho, attrahia os compa-

nheiros e edificava os grandes. Quando estudante, organizava, compunha e reunia. Quando adulto, acolheu e amarrou a si uma turba de labutadores para o sacrificio e para o padecimento.

Lemoyne (*Vita del ven. Giov. Bosco*) dá-nos uma comprovação notavel desse poder de receber:

“No dia solemne da Immaculada Conceição de Maria (8 de Dezembro de 1841), na hora marcada, estava revestindo-se dos paramentos sagrados, para celebrar—a santa missa. O sachristão, José Comotti, vendo um joven num canto, convidou-o a vir a ajudar a minha missa.

—Não sei, respondeu-lhe elle mortificadissimo.

—Vem, respondeu o outro, quero que ajudes a missa.

—Não sei, replicou o joven, nunca ajudei missa.

—Burro que és, disse o sachristão, furiosissimo; se não sabes ajudar missa, que vieste fazer na sacristia?

Dizendo isso, lançou mão da vara do espanador e bateu-lhe sobre os hombros e a cabeça.

O pequeno fugiu e eu gritei:

—Que fazeis? Porque bater nesse pequeno de tal maneira? Que fez elle?

—Porque vem á sacristia, se não sabe ajudar a missa? respondeu o sachristão.

—Mas vós agistes mal.

—E que é que lhe importa?

—Muito, é um meu amigo: chamai-o immediatamente preciso falar com elle.

O sachristão poz-se a chamal-o e, correndo-lhe atraz e assegurando-lhe melhor acolhida, trouxe-o para perto de mim.

O outro approximou-se, timido e choroso, por causa das pancadas.

—Já ouviste missa? lhe disse eu, com a maior doçura.

—Não, respondeu.

—Vem então ouvil-a: depois tenho de te communicar um negocio que te dará alegria.

Prometteu-m’o.

Era meu vivo desejo mitigar a afflicção daquelle pobrezinho e não deixal-o com má impressão para com os responsaveis daquella sacristia.

Celebrada a santa missa e feito o devido agradecimento, conduzi o meu candidato para um coreto de ar alegre e assegurando-lhe que não havia perigo algum de pancadas, entrei a interrogal-o:

—Meu bom amigo, como se chama?

—Bartholomeo Garelli.

—De que logar?

—De Asti.

—Tem pae vivo?

- Não, meu pae morreu.
- E tua mãe?
- Minha mãe tambem morreu.
- Quantos annos tens?
- Dezeseis.
- Sabes ler e escrever?
- Não sei nada.
- Já commungou?
- Não ainda.
- Já se confessou?
- Sim, mas quando era pequeno.
- Tem ido ao cathecismo?
- Não tenho coragem.
- Por que?

—Por que os meus companheiros, menores do que eu, sabem o cathecismo e eu tão grande nada sei, e isso me dá vergonha de lá ir.

—Se eu te desse aula a sós, virias?

—De muito boa vontade...”

Assim começou o oratorio...

Esse poder de acolher e de prender revelou-se cedo: em todas as pessoas de sua infancia e adolescencia, reunia os companheiros, divertia-os e doutrinava-os, como, no seminario, escolhia os melhores amigos. O Padr Calosso prendeu-se-lhe, ao primeiro encontro, para tôda a vida, e no *Café Pianta*, quando méro *garçon*, tomou conhecimento com um judeu, encantou-o, prendeu-o e arrastou-o para a Igreja. Mais tarde, várias vezes, os bandidos assaltaram-no na estrada e elle acolhia bem os bandidos e levava-os á confissão. São muitos os casos. Vae apenas esse trecho de Crispolti

“Certa vez, ás dez horas da noite, ia elle do rio Pó para a praça do Castello. Um desconhecido interrompe-lhe o caminho e pede-lhe dinheiro. D. Bosco não o repele, trata-o bem, consegue a promessa de mudar de vida, pondera as consequencias de uma vida criminosa e, finalmente, assentado sobre um fosso, atraz do palacio *Madama*, confessa o bandido, naquella paragem erma e escura”.

Acolhia bem os pobres e os poderosos e estava diante de uns como de outros, com a mesma attitude.

Os pobrezinhos o veneravam.

Era justo e é explicavel.

Mas Rattazzi, Cavour, Crispi, Tomaseo, Farini, Amari, Victor Hugo, reis e papas?

D. Bosco era deveras acolhedor, mas note-se que não só acolhia bem, mas prendia bem e para sempre os que encontrava, no seu caminho admiravel...

APPARENCIA PESSOAL

Todos os biographos elogiam a apparencia pessoal de D. Don Bosco.

Desde criança, impunha-se pela força physica e pela força moral.

“De rosto oval, diz Crispolti, fronte larga e serena, nariz e olhos regulares, sempre promptos a sorrir; queixo bem formado, olhos pretos, vivos e penetrantes; a cabeça com cabelleira abundante, anelada e loura, o menino Bosco era efficazmente auxiliado por uma robustez physica não vulgar, que os trabalhos e exercicios de carreiras, saltos e excursões robusteciam cada vez mais”.

OPTIMISMO

Charters, *The teaching of ideals*, liga ao optimista as seguintes notas: *a)* é muito alegre e optimista; *b)* tem alegria de viver; *c)* vê o lado comico dos incidentes que acontecem na classe; *d)* faz commentarios engraçados que ajudam os alumnos a reter os factos importantes; *f)* não é caprichoso; *g)* não é mal humorado; *h)* sorri diante das difficuldades aborrecedoras e irritantes.

Que dizer desse sentimento de alegria, de confiança e de esperança de D. Bosco?

Quando pequeno, não servia de palhaço para ensinar?

Mais tarde, não chegou mesmo a fundar “A sociedade de alegria?”

Vamos a Calvi, *Vida do Beato Dom Bosco*:

“A sua caridade era verdadeiramente diffusiva. Desejava, ou melhor, queria ser todo de todos.

Por esta sua espontaneidade de dar-se com todos ora com anedotas interessantes, ora com jogos ordinarios ou de prestidigitação, ora, e mais que tudo, ajudando a fazer as tarefas e aprender as lições, aconteceu-lhe em Ciheri, o que já acontecera em Becchi, na fazenda Moglia, em Morinaldo e Castelnovo. A tudo isto acrescenta-se a palavra viva e penetrante, affavel, modos educados e affectuosos, e ninguem admirará se dissermos que um discreto numero de companheiros e amigos estavam sempre promptos a um acceno, a uma sua palavra.

Eram tão doces e obedientes, que por meio delles e com elles, fundou a *Sociedade da Alegria*. Esta Sociedade tinha um *regulamento* proposto por Joãozinho e approvado pelos socios, constando de dois artigos somente, cuja observancia garantia a boa conducta religiosa e moral de cada um dos socios. Cremos util reproduzil-o na sua simplicidade e exacta expressão:

1) Todo membro da Sociedade da Alegria deve evitar qualquer conversa ou acção não conveniente a um bom christão.

2) Deve ser exacto no cumprimento dos deveres escolares e religiosos.

Em consequencia ,portanto, como tinham todos a obrigação de promover meios que fossem aptos para estarem alegres, assim quem offendesse gravemente ao Senhor ou com blasphemias ou más conversas, era immediatamente expulso da sociedade como indigno”.

Sorriu diante das difficuldades ?

D. Bosco desconhecia o que fosse difficuldade. Não podia fugir dellas. Ao contrario. Inventava difficuldades. Os monumentos, que ergueu, foram encetados, com a bolsa vasia . . .

Delle se póde dizer que abusou da bondade de Deus, porque tudo punha nas mãos de Deus e esse tudo era muito.

A Igreja não teve santo mais confiante.

E, quanto ao seu espirito gracioso, ha em toda a sua vida episodios curiosissimos, mas nenhum iguala ao seu melhor gracejo, no leito de morte: como respirasse, com muita difficuldade, disse aos assistentes que lhes ficaria muito grato, se lhe arranjassem um fabricante de foles, para consertar os seus.

Dias antes, os enfermeiros não sabiam como leval-o de uma cama para outra.

—E’ muito facil, lhes disse: amarrem-me uma corda ao pescoço e me puxem até lá.

DIGNIDADE

Dignidade ou reserva é uma certa grandeza de sentimentos e de maneiras pela qual um homem se impõe perante os outros. Compreende respeito de si mesmo, nobreza de attitudes, distincção.

Bagley, *School Discipline*, não a define, mas deixa entrever-lhe o sentido: “Ainda outros naturalmente indistinctos (*undignified*) e não podem exercer influencia directora nos seus companheiros. Mas carecem de “reserva” e nunca podem cria-la”.

D. Bosco tinha essa influencia ?

Os seus ares demasiadamente democraticos, a sua despreocupação e bonhomia por acaso não a supplantavam ?

Vivendo entre os malandros, brincando com elles e com elles tratando quotidianamente, por acaso não descia no conceito delles e não diminuia a sua autoridade ?

Não.

Varios episodios o comprovam de sobra.

Aos quatro annos, podia dizer a sua mãe, quando ella lhe censurava, os maus companheiros, que lhe aprazia estar entre elles, porque faziam o que elle queria e não brigavam.

De outra feita, quatro ou cinco companheiros, que apascentavam os rebanhos a seu lado, quizeram arrancal-o do livro, para se divertir com elles. Sempre se esquivou ao convite. Agrediram-no, então, o machucaram-n'ó, muito.

João poderia arrostál-os, porque não lhe faltavam forças: apanhou pancadas, humildemente, e continuou o seu trabalho.

Momentos depois, voltaram de novo e lhe disseram:

—Depois dessa dura lição, estás agora disposto a brincar comnosco?

—Espancai-me embora, porem nunca brincarei, porque quero estudar e fazer-me padre..

Esta resposta, a firmeza de sua voz, sua paciência e mansidão, impressionaram de tal modo os rapazes, que estes resolveram tomar conta do pequeno rebanho de João para para que pudesse estudar livremente.

Desde êsse momento tornaram-se amigos, e João, nos momentos livres, instrua-os, falava-lhes com tal doçura que começou a ter sobre êles certa autoridade". (Valentim, O Beato João Bosco).

Onde essa dignidade poderia revelar-se mais nitidamente do que num café e entre bohemios, sendo elle menino e *garçon*?

"Quando o patrão o incumbia de marcar os pontos de bilhar regista Crispolti, fazia-o com o maior cuidado, mas sem largar do livro. Se acaso ouvia blasphemias ou palavras obscenas, elle encarava as pessôas com tal seriedade que as palavras morriam nos labios dos jogadores..."

Que coisa, senão a sua dignidade, o impunha aos bandidos que o assaltavam, aos commerciantes que tudo fiavam de sua pobreza e aos grandes da terra, com quem conversava mano a mano?

Note-se que D. Bosco recommenda o contacto permanente com os alumnos e que no seu estudo acerca do *systema preventivo* critica severamente a velha disciplina.

Na velha disciplina, diz elle, "o Director para dar valor á sua autoridade deverá estar raramente entre os seus subditos e, quando muito, só quando se trata de punir ou de ameaçar".

No seu *systema*, não. Nelle, o Director "deve consagrar-se de todo a seus alumnos, nunca tomar compromissos que o afastem delles, antes estar com elles todas as vezes que não estiver forçadamente occupado em alguma obrigação".

ENTHUSIASMO

Enthusiasmo, no conceito de Charters, compreende animação, interesse pelos alumnos, interesse pelo trabalho, interesse pela communitade, inspiração.

E especifica: tem enthusiasmo quem vive de sua materia, irradia, regista os incommodos physicos dos alumnos, aprende as condições do meio em que vivem os alumnos, participa das actividades da escola, informa os paes acerca dos alumnos, interroga os alumnos sobre a sua vida e estudos, se associa nas organizações locaes, estaduaes e federaes de ensino, applaude professores e alumnos pelo bom trabalho, olha mais para o ensino do que para o lucro que d'elle possa advir...

E D. Bosco?

Tinha enthusiasmo pela sua obra?

Interessou-se pelos alumnos?

Conhecia-lhes as particularidades da vida?

Pensava acaso mais no seu interesse proprio do que no interesse da educação?

Passemos de largo. A vida de D. Bosco é illuminada e aquecida por uma tal paixão, por uma tal abnegação e por um tal devotamento que a palavra enthusiasmo é demasiadamente pequenina e incolor para contel-a e para traduzil-a...

IMPARCIALIDADE

Charters explica a imparcialidade, *fairness*, anotando que a possui:

- a) quem dá as razões das correcções que faz nos exercicios;
- b) quem avalia objectivamente o trabalho dos alumnos;
- c) quem applica os regulamentos com igual justiça;
- d) quem suspende a decisão até que venha a evidencia;
- e) quem se retrata quando julga mal;
- f) quem não discrimina entre os alumnos, ou porque gosta ou desgosta, ou por causa da pobreza ou riqueza;
- g) quem não censura o professor anterior, quando o alumno revela falha no seu estudo;

h) quem não censura toda a classe pela falta de um só.

A simples leitura dessas notas, mostra-nos para logo que D. Bosco possui a imparcialidade, em grau eminente.

No Regulamento para as casas, está bem claro o seu pensamento: *Nenhuma parcialidade, nenhuma animosidade; avisem, corrijam, se é esse o caso; mas perdoem facilmente, evitando quanto possivel castigar.*

Dar a razão das correcções? E' d'elle o pensamento de que razão e religião são os instrumentos principaes do educador.

Applicar o regulamento com justiça? “Os jovens, diz elle, entrevendo uma das grandes preocupações da escola nova, que é a das diferenças individuaes, aliás por elle amplamente satisfeitas em outros departamentos, os jovens manifestam caracteres diversos. Indole bôa, commum, difficil, má. E’ de nosso dever estricto estudar os meios que contribuem para conciliar estes caracteres diversos, para se fazer bem a todos, sem que uns prejudiquem os outros”.

E mais claramente no seu Regulamento: *Interroguem a todos sem distincção e com frequencia, e demonstrem grande apreço e affecto por todos os seus alumnos, especialmente com aquelles de pouca intelligencia.*

Avaliar objectivamente o trabalho dos alumnos? Ainda não havia testes, mas D. Bosco recommenda que o comportamento do alumno não deve influir na nota das materias de estudo.

Não discriminar entre pobres e ricos? D. Bosco buscava os pobres como se buscam os filhos, e nunca soube discriminar entre uns e outros.

D. Bosco educou pelo amor. Todo o seu proposito consistia em empolgar a affeição dos alumnos. Para tanto, punha de parte os castigos. Raro os aconselhava, mas os castigos. phisicos elles os repudiava terminantemente, não só porque a lei civil os prohibia, mas tambem porque “irritam grandemente os jovens e aviltam o educador”.

Mais ainda: a justiça devia attender á realidade. “Antes de inflingir um castigo, verifique-se o grau de culpabilidade do alumno, e onde for bastante um aviso apenas, não se desça á repreensão; e se esta for sufficientes, não se passe além”.

E na pratica?

Ha perto de quarenta annos que lido com a juventude, escreveu D. Bosco, e não me recordo de haver usado de castigo de qualquer especie, e com a ajuda de Deus não só obtive o que era necessario, mas antes o que simplesmente desejava, e isso daquelles mesmos meninos, para quem parecia perdida a esperança de regeneração.

SINCERIDADE

A educação só pode ser feita num ambiente de sinceridade. Não é a sinceridade qualidade positiva na vida? Como pode ensinal-a o professor insincero?

Nota bem Charters que um homem deshonesto não pode desenvolver em seus alumnos o amor á honestidade, a não ser por acaso.

Aduz como causa da insinceridade o desejo de parecer melhor do que é ou de disfarçar a inferioridade.

Está, nas *Memorias*, vol. VI, 389-393, mais ou menos o mesmo pensamento: *Os jovens são observadores agudos e se*

notam que ha num superior ciume, inveja, soberba, mania de apparecer e de primar, fica perdida toda influencia delle no animo delles.

D. Bosco era, desde criança, claro, aberto e transparente. Não mentia, não dissimulava. Ia direito ao seu objectivo. Não sabia esconder.

Um pequeno traço o prova. Numa roda em que se achava o historiador Farini, commentava-se-lhe o ultimo livro. D. Bosco não o conhecia. Interrogado, criticou-lhe varias affirmações.

—Conhece o dr. Farini? perguntaram-lhe.

—Não.

—Eil-o.

E apresentaram-lh'o.

D. Bosco atrapalhou-se um pouco, mas, desculpando-se com Farini, continuou nas suas observações, no mesmo tom em que o vinha fazendo. Farini, como todos os autores, era susceptivel. Não se maguou, porém, e disse a D. Bosco:

—Vejo que conhece bem a historia, porque fala com precisão; ninguem até hoje me fez taes e tantos reparos.

Por outro lado, o seu contacto com Camilo Cavour poz-lhe á prova a franqueza, a sinceridade e a lealdade.

Um dia Cavour prometteu dar um milhão de francos para a sua obra.

“Respondi, delicadamente, que não podia acceitar tão rico presente.

—Porque? replicou-me o Conde, olhando-me espantado. Porque recusar tamanha importancia, se o sr. precisa de tudo e de todos?

—Porque, sr. ministro, observei tranquillo, se eu acceitasse, ser-me-ia tomada amanhã e, talvez, o sr. mesmo tornaria a exigir o milhão que me offerece com tanta amabilidade”.

O Ministro Rattazzi, certa vez, perguntou-lhe se acaso havia incorrido na excommunhão, pelas leis contrarias á Igreja.

—Excellencia, disse-lhe D. Bosco, trez dias depois, examinei a questão, indaguei e estudei para lhe poder dizer que não havia incorrido em excommunhão, mas não o consegui.

Ha uma carta de D. Bosco, quasi no termo de sua vida, sobre a decadencia do espirito salesiano, que é, ao mesmo tempo, um poema e um sermão impressionante.

Coteja os primeiros dias, plenos de cordialidade e de alegria, com o aspecto melancolico que a sua familia offerencia.

Ao terminal-a, dizia, com os olhos cheios de lagrimas, ao que notou o seu secretario:

—Sabeis que coisa deseja este pobre velho, que gastou a vida pelos seus jovens? Que voltem os dias felizes do antigo oratorio. Os dias do amor e da confiança christã entre os

jovens e os superiores; os dias do espirito de condescendencia e tolerancia, por amor de Jesus-Christo, de uns para outros; os dias dos corações abertos com toda a simplicidade e candura; os dias da caridade e da verdadeira alegria para todos.

D. Bosco não sabia disfarçar.

E disfarçar porque?

O que sabia disfarçar era de certo a sua santidade que, sem embargo de seus esforços, irradiava de todos os seus actos, pensamentos e palavras...

VITALIDADE

A saude, a vitalidade, a força physica—são elementos de importancia para a constituição da personalidade de um bom professor.

Quasi todos os estudos o consignou.

Ballesteros, em velho tratado de pedagogia, *Pedagogia, Educación y Didáctica Pedagogica*, notava, ao cabo do seculo passado, que a mortalidade dos mestres ascendia á horrivel cifra de 20 por 1.000, trez a quatro vezes maior do que a dos soldados em actividade, do que a dos asylados nos hospitaes e do que a dos reus nos carceres.

A atmospheria da sala, o acto de falar continuado, o esforço mental, a preocupação, a disciplina, a responsabilidade, as exigencias da legislação, tudo contribue para a delapidación das energias do professor.

D. Bosco, nesse como em outros pontos, foi uma criatura privilegiada.

Quebrava, com os dentes, nozes, caroços de pessegos e avelãs; levantava pesos enormes; com os dedos das mãos, quer direita, quer esquerda, dobrava varas de ferro.

Conta-se que em Chieri quatro rapazes lhe saltaram sobre as costas. João Bosco esperou que o ultimo trepasse. Assim que o ultimo trepou, estendeu os braços para traz de forma que abarcasse os quatro, apertou-os com força e levou-os ao pateo, aos berros. Gritaram, debateram-se, mas debalde. João levou-os a uma sala e atirou-os dentro dela.

Aos 69 annos, achando-se enfermo, o medico quiz medir-lhe a energia e, antes de lhe offerecer o dianometro, pediu-lhe que apertasse o pulso delle.

O medico não aguentou.

Usando o aparelho, o doutor conseguiu 45 graus e Don Bosco, velho e doente, levou o ponteiro a 60 graus, limite maximo...

E' que D. Bosco nascera sadio e construiu o seu arcabouço, mediante exercicios asperos, vivendo ao ar livre, fazendo gymnastica como um profissional e trabalhando como um mouro.

SYMPATHIA

O dr. W. F. Brook publicou interessante inquerito, ha obra de trinta annos, em *Pedagogical Seminary*, entre seiscientos alumnos, sobre os elementos que configuram a sympathy de um professor.

144 alumnos responderam que sympathico é o professor amavel, o clemente e o generoso; 112 responderam que é o agradavel, o jovial, o bonacheirão, o feliz, o alegre, o sereno; 104 responderam que é o paciente, o que considera devidamente o sentimento dos alumnos, o que é razoavel; 59 responderam que é o firme, o decisivo, o diligente e o exacto; 46 responderam que é o accessivel e o estimulador; 26 responderam que é o zeloso, o serio, o despretencioso.

Como se vê, não é facil ser sympathico.

D. Bosco o foi?

Amavel, clemente e generoso. O amor fundamenta toda a sua pedagogia. A todo momento o inculca e recommenda. "Todos devem fazer-se amar, para se fazerem temer. Con seguirão este grande fim, se com as palavras, e mais ainda com os factos, fizerem saber que a sua solitudine converge exclusivamente para a vantagem espiritual e temporal de seus alumnos. "E quanto ao dom de perdoar—ninguem o assignalou, na escola, com mais eloquencia: "Sêde facil de perdoar e perdoae de coração", ensina algures.

Agradavel, jovial, bonacheirão, feliz, alegre, sereno. Um lanço de sua vida vasta para o provar, mas toda a sua vida o prova. No instituto de S. Miguel, em visita cerimoniosa com o Cardeal Tosti, topou com uma criança que descia as escadas cantarolando e assobiando. Ao vel-os, emudeceu e abaixou a cabeça. O Reitor censurou-a asperamente e mandou-a esperar o castigo, e, depois, pediu desculpas a D. Bosco.

—Que aconteceu? disse D. Bosco. Não sei o que aquelle pobrezinho fez de mais.

—E aquelle assobio?

—O sr. sabe melhor do que eu que S. Fellipe Neri costumava dizer aos que frequentavam os seus oratorios:—Ficae quietos, se puderdes! Se não puderdes, gritae, saltae, para que não pequeis. Eu tambem exigo silencio, em certas horas do dia; mas não faço caso de certas pequenas transgressões occasionadas pela irreflexão: deixo a meus discipulos toda a liberdade de gritar e de cantar no recreio e nas escadas; apenas recommendo que respeitem, ao menos, as muralhas. Mais vale um pouco de barulho do que um silencio irado e suspeito. Mas o que me faz pena é a situação do seu pequeno. Não é melhor que o vamos ver?

Foram. D. Bosco chamou o rapaz á parte, apesar de elle tentar esconder-se envergonhado, e disse-lhe:

—Arranjei tudo, mas com uma condição e que é que V. doravante seja sempre bom e que sejamos amigos. Tome esta medalha e, em compensação, reze uma *Ave Maria* por mim.

O joven, vivamente commovido, beijou-lhe a mão e disse-lhe:

—Pol-a-ei ao pescoço e guardal-a-ei sempre em sua memoria.

Vêde *Memorias*, vol. V., paginas 842-846...

Paciente, razoavel e que considera devidamente o sentimento dos alumnos?

Está na sua grande carta:

“—Que coisa quereis de nós, então?

—Que os alumnos, sendo amados naquellas coisas que lhes agradam, participando vós das suas inclinações infantis, aprendam a ver o amor naquellas coisas que naturalmente agradam pouco, como a disciplina, o estudo, a mortificação de si proprios...”

Participar das inclinações infantis! Não é esse, porventura, um principio cardeal da nova escola?

Razoavel: não é delle a recommendação de que se deve considerar o “pouco juizo da idade infantil?”

Paciente. D. Bosco propriamente é quem escreve, ao explicar o *systema preventivo*: “A pratica deste *systema*, é toda apoiada sobre as palavras de S. Paulo, que diz: *Charitas benigna est, patiens est; omnia suffert, omnia sperat, omnis sustinet*; A caridade é benigna e paciente; soffre tudo, mas espera tudo e tolera qualquer amargura”.

Firme, decisivo, diligente, exacto, accessivel, estimulador, serio, zeloso e despretencioso. acho que não é preciso continuar. Qualquer *biographia* de D. Bosco, e ha tantas e ha magnificas, nos mostra á farta essas virtudes. Elle era mais do que serio e exacto: elle era minucioso ao extremo e revia as suas provas como lia os livros alheios com um cuidado e com uma meticulosidade sem exemplo. E, no que toca, á despretensão, fizemos aqui que o seu ideal era ser forte, robusto e humilde, como Nossa Senhora lhe ordenou.

Nós definiremos a *sympathia*, de accordo com os seus elementos *ethymologicos*: é a virtude de sentir com os outros. *Sympathico* é o professor que acompanha de perto a vida de seus alumnos e vive dessa vida, amargando as suas amarguras e rindo com a sua alegria.

Nesse sentido, D. Bosco é por igual a mais viva expressão da *sympathia humana*, porque elle se fazia tudo para todos e conduzia cada creatura, por vias individuaes e peculiares, para os mais puros destinos, sem formalidade, nem ordem.

Signal dessa *sympathia* é que D. Bosco viveu sempre cercado de gente. Quando menino, chefiou meninos. Quando moço, os moços. Quando seminarista, os seminaristas.

E, atravez de toda a vida, além dos companheiros de ordem, um turba immensa de creaturas.

Viveu entre o affecto dos que o conheciam, e morreu entre a angustia dos homens mais indifferentes.

Que força, além da sympathia, poderia arrastar a humanidade para elle, como a poeira tocada pelo vento para o seu destino incerto?

CULTURA

E' singular que o inquerito de Clapp colloque a cultura no ultimo logar, entre as dez virtudes fundamentaes do professor. E' singular, mas tem a sua dose de verdade. O professor ensina muito mais com o que é e com o que faz do que com o que sabe e fala...

D. Bosco nunca descurou de sua cultura. Deu-se constantemente aos livros, com apuro e perseverança. Intelligencia aguda, memoria assombrosa, raciocinio prompto, esforço aturado—lia tudo, com cuidado, e meteu hombros a uma notavel tarefa de ordem espiritual.

Sempre se distinguia entre os seus collegas, passando logo a ser considerado mais mestre do que collega, e o que se conta de sua memoria é verdadeiramente prodigioso.

Uma vez, por exemplo, esqueceu-se de levar um texto latino para a aula e, chamado, reproduziu de côr, o texto e o commentario, com grande pasmo do mestre e dos alumnos. Não houvessem os rapazes rido e o mestre não teria dado pela artimanha: D. Bosco tomou um livro qualquer e fingia estar lendo...

Pequeno, deslumbrava adultos e crianças pela perfeição e exactidão com que reproduzia os sermões.

Conversava com os pobres e rudes, debatia com os doutos. Nada mais notavel do que o seu colloquio com Rattazzi, do que o seu contacto com Cavour. Farini, já o vimos, em palavras ligeiras, teve que modificar algumas affirmações, tal a precisão e a verdade com que D. Bosco as criticou.

A sua bibliographia é immensa. Custa a crer que um mendigo, de milhões, como foi D. Bosco, constructor de igrejas monumentaes, fundador de ordem religiosa, sacerdote, organizador de tantas instituições, tivesse tempo para produzir a obra immensa e fecunda, que produziu.

Nunca perdeu um minuto: ou agia ou escrevia ou lia.

“Quando em casa, escreve Crispolti, por falta de tempo durante o dia, trabalhava de noite; fóra de casa, especialmente quando ia pregar, levava na mala, lapis, cadernos, provas e, formando uma especie de escrivantina no proprio vehiculo, trabalhava emquanto houvesse luz. Na baldeação ou na troca de cavallos, continuava a escrever, no meio do barulho, encostado a um muro, em qualquer sala. Viajando a pé e só,

meditava e anotava. Na estrada de ferro, como em casa, continuava tranquillamente o seu trabalho”.

Mais:

“Auxiliava-o a rara habilidade de attender a coisas diversissimas, sem embaraço. Certo domingo, em conversa confidencial, referiu singelamente ao Padre Berto que, pregando de manhã sobre um thema de historia ecclesiastica, compusera mentalmente um opusculo para as *Leituras Catholicas* e resolvera ,ao mesmo tempo, uma complicação domestica”.

Mais:

“Podia escrever ou ditar até dez cartas ao mesmo tempo, interrompendo e reatando o fio das idéas, sem confusão de ordem nem dos topicos. E, como não deixou carta para responder, o seu epistolario é immenso. Por vezes, entre o dia e a noite, chegou a escrever e a apostilar até duzentas e cinquenta cartas, sobre mil negocios”.

A acção intellectual de D. Bosco foi, assim, desmesurada: ensinando como mestre, agindo, como pregador, sobre as multidões com a sua *palavra efficaz*, tal qual a pediu a Deus, escrevendo obras sobre obras—elle encheu uma epoca de luz e de calor.

Foi uma das maiores pilastras da Italia Moderna e para medir-lhe a estatura humana—talvez só o metro de Leonardo da Vinci é que fosse a medida adequada. Mas o espirito? O coração? O sentimento? A paixão?

CONCLUSÃO

Tal o que posso dizer de D. Bosco, ao correr da pena.

E' pouco.

D. Bosco merece estudado, sob outros aspectos: a sua compreensão da psychologia da infancia e da adolescencia, a sua conceituação de formação moral, o gosto das ideas modernas, o desenvolvimento social com as actividades extra-curriculares como os seus clubs, a sua disciplina, o uso dos castigos, a ausencia de castigos physicos, os exercicios physicos, os sentimentos de liberdade e responsabilidade, as differenças individuaes, o gosto da leitura, a organização de bibliothecas, a preparação das lições, a adopção dos classicos catholicos, o cuidado com os classicos pagãos, os cursos nocturnos, o ensino profissional, o ambiente de cordialidade e de confiança, a preparação dos cidadãos, o sentimento da patria, a lealdade á Igreja...

E' pouco, repito, mas esse pouco é sufficiente para nos dar as linhas essenciaes dessa personalidade de bom mestre, digna de ser analisada detidamente, para ser collocada como uma columna de fogo diante dos mestre catholicos.

Em verdade, poucos educadores pertenceram á familia espiritual de D. Bosco. Estudando-o bem, não á luz

do criterio de Clapp, como fiz de fugida e á pressa, mas em si proprio, na opulencia de suas virtudes, poderiamos ennumerar aqui uma serie de traços, qualidades e attitudes, que difficilmente se nos depararão em qualquer outro.

Tambem não admira. D. Bosco não foi lavrador? D. Bosco não foi pastor? D. Bosco não foi ferreiro? D. Bosco não foi marceneiro? D. Bosco não foi doceiro e cozinheiro? D. Bosco não foi alfaiate? D. Bosco não foi pagem de crianças? D. Bosco não foi saltimbanco? D. Bosco não foi o factotum de um café? D. Bosco não foi sacerdote, enfermeiro, pregador, escriptor, revisor, director espiritual, constructor, proprietario, fundador de ordem e politico? Dom Bosco não foi muitas vezes heroe e muitas vezes martyr?

Teve todas as virtudes e todos os officios e situações.

Que educador teve tantos officios e pode accumular tantas virtudes? Mas fiquemos apenas com as virtudes do educador: ellas são de sobra para a nossa edificação e para o nosso aperfeiçoamento.

O DIA DA CARMELITA

MADRE MARIA JOSE'

...Estando encerradas, peleamos por El.
(Cam. de Perf. C. III, 6).

Na calma da madrugada
Ouve-se uma matracada,
Depois outras e outras mais...
Levanta-te, ó Carmelita,
Olha quanta gente afflicta
Nas prisões, nos hospitaes...

Os Missionarios
Sobem ao altar;
Os operarios
Vão acordar...
Dá-lhes coragem,
Dá-lhes vigor,
—Qual doce aragem—
O teu amor.

Vae ao côro antes da aurora,
Na oração supplica e chora
Para que o bem vença o mal;
E depois, no santo Officio,
De ti fazes o sacrificio
Mais inteiro, mais total.

Já as creancinhas
Se vão erguer...
Ah! pobresinhas!
Que irão fazer?
Precisa a infancia
De tanta luz...
Pede-a com ancia,
Pede-a a Jesus.

Corre a haurir força e energia
Nas fontes da Eucharistia,
E depois deixa-a correr,

—Como tranquilla ribeira
Que refresque a terra inteira
Dando a todos de beber.

Entra nos lares,
Nos “Ateliers”
Transpõe os mares,
Ninguém te vê;
Cai—como orvalho—
Sobre as missões,
Sobre o trabalho
Das conversões.

Junto á Mãe do Céu bemdita,
Dia e noite, ora e medita
Na santa Lei do Senhor;
Para os ministros da Igreja
Serem fortes na peleja,
Em redor de seu Pastor.

São sal da terra,
Do mundo luz;
Nada os aterra,
Sua arma é a Cruz.
Dá-lhes bravura
Na lucta cruel,
Sendo mui pura,
Humilde e fiel.

Quantas virgens consagradas
Vivem no mundo, illibadas,
—Como lirios num paul. . .
Vôa a dar-lhes força e alento,
Percorrendo num momento
A terra, do norte ao sul.

—“Anjos amados,
Luctai, soffrei,
Como soldados
Do Christo-Rei.
Vossa irmã pede
Por todas vós,
Roga e intercede. . .
Ah ! não estais sós !”

Sempre immolada e serena,
Faze quanto a Regra ordena,
Sem nenhum temor servil.
Fez-te “Mãe” a Virgindade:

Ganha o pão á Humanidade,
Sobretudo ao teu Brasil...

Com Deus expande
Teu coração...
Oh! quanto é grande
Tua missão!
Tu representas,
Na Egreja, "*o Amor*":
O mundo alentas
Com teu ardor.

Já bem tarde, em tua cella,
Com Maria, junto d'Ella,
Sob seu materno olhar,
No duro leito adormece,
Que também teu somno é prece,
Teu dormir inda é amar...

.....
Ao vir a morte,
Sublime, em paz,
Guerreira, forte,
Não temerás.
Ganha a victoria,
Irás, veloz,
Inda na Gloria
Rogar por nós...

("Ya, hijas, habeis visto la gran empresa que pretendemos ganar; que tale habremos de ser para que en los ojos de Dios y del mundo no nos tengan por muy atrevidas? Está claro que hemos menester trabajar mucho...")
Camino de Perfeccion, Cap. IV, 1).

IDEIAS TRANSFORMISTAS

JOSE' TORRES

APOTHEOSES SCIENTIFICAS

I--1) O mundo das idéas tem como o mundo das artes, suas apotheoses exhibicionistas, que, ao levantar-se o véo da cortina, deslumbram, seduzem e conquistam as sympathias dos expectadores obtendo applausos ,arrancando vozes glorificadoras do genio e exclamações admiradoras do bello. Mas, são apotheoses... conservadas por algum tempo em scena, as pupilas se habituam ao brilho das luzes, uma attenção meticolosa reconhece o disfarce dos personagens, e o exame do quadro nos mostra que tudo é fantasia, decôro. e ostentação de theatro.

O nosso século scientifico presencia algumas destas apotheoses: a sciencia dos nossos dias pavoneia-se de ter penetrado os misterios da vida, de ter encontrado não só a cadeia genealogica que une os sêres actuaes aos seus ancestraes, não só a causa do primeiro sôpro vital sôbre o Universo, mas pretende ir muito mais além, crê ter descoberto, quasi que o *elixir da longa vida*, o meio de "modeler la vie naissante dans le monde végétal, dans le monde animal et même dans l'espece humaine, a la façon dont un potier, modelerait l'argile primordiale sur son tour". (1) Numa palavra, nossa sciencia julga ter realizado o louco sonho de Renan: "Il est indoubtable que la raison... apres avoir organisé l'humanité, organizera Dieu". (2).

Que illusorias pretenções! Que loucas blasphemias! Como se não fossem admiravelmente mais sublimes e eternamente mais veridicas as palavras de Termier: "Tôda sciencia conduz a Deus, porque tôda sciencia desperta no homem a idéa do infinito" (3).

1—P. FOURNIER, *L'art de créer des races nouvelles*, pag. 92.

2—RENAN, *L'avenir de la science*, pag. 37.

3—P. TERMIER, *Dict. Apol.* (terre).

APOTHEOSE TRANSFORMISTA:

2) Uma destas apotheoses scientificas, a que alludi ha pouco, exhibição theatral que veio á scena com pomposo aparato, enredando a muitos nas teias arditosas de uma quimerica evidencia de factos, se me afigura a "Theoria transformista", "evolutiva" ou "da descendencia"; doutrina segundo a qual os sêres vivos actuaes, pertencentes a grupos hoje distinctos, descendem de antepassados communs, mais ou menos diferentes delles.

POSIÇÃO DO PROBLEMA

DOCTRINAS ESCOLARES

II—1) Ha certos aspectos deste problema que vão chocar bem fortemente contra dogmas inaballaveis da nossa santa Fé; ha idéas transformistas que regeitam a intervenção divina na criação do Universo, que negam a espiritualidade da alma humana, que erguem altares á razão e roubam a Fé á nossa incauta juventude. Ha um transformismo grosseiramente materialista, atheo, erético; e é exactamente aquelle doutrinado pelos nossos mestres, aquelle que se apresenta como dado inconcusso da experiencia, como grande progresso da sciencia moderna.

Ainda não ha muito tempo, tive eu o desprazer de ler nas paginas de certa revista, órgão official de um estabelecimento de ensino nesta capital, uma categorica affirmação deste jaez:

"O homem distingue-se dos animaes (macacos antropomorphos) por caracteres anatomicos relativos ao craneo, á face, ao cerebro, á dentição, aos membros, á columna vertebral, mas estas differenças são de tal ordem que nem por sua organização, nem por suas faculdades intellectuaes, nem por sua linguagem, elle póde ser separado dos outros animaes. A sciencia admittiu não só que o homem se ligasse aos animaes por um determinado grupo de semelhanças especiaes, como tambem que delles proviese por transformação e evolução". (4)

Eis o que admittiu a sciencia, reparae bem no verbo. Mas, que sciencia? A sciencia de um Termier? de um Hertwig? de um Sinéty? de um Teilhord de Chardin? de um Wasmann? Não; a sciencia de Darwin, de Vogt, de Haeckel, de Huxley, de Le Dantec... Que sciencia? A sciencia dos factos e do exame imparcial da natureza? Não; a sciencia das theorias e hypotheses, a sciencia dos preconceitos, da irrelição, a falsa sciencia.

4—DR. ARNOBIO MARQUES, em *Rev. do Gymn. Pernamb.*, 1932, pag. 37.

DADOS CIENTIFICOS:

2)—E que nos diz a verdadeira sciencia? Diz-nos que a natureza é admiravelmente harmonica e que o Creador infinitamente sabio, dotou o Universo de uma ordem sem par:

a) *A Paleontologia* mostra-nos os animaes e plantas das eras primitivas seguindo uma trajetoria ascendente e progressiva em busca da perfeição das formas actuaes; mas é de notar que “todas estas variações não ultrapassam os limites das especies... as interrupções desta admiravel cadeia são ainda mais accentuadas nos grupos das ordens superiores” (5).

d) *A geonemia*, ou a sciencia que estuda as leis do povoamento da terra pelos animaes e plantas, offerece-nos exemplos typicos desta evolução. Na fauna maritima dos oceanos que banham o isthmo do Panamá, grande numero de especies apresentam duas formam paralelas com ligeiras differenças, uma para o Pacifico e outra para o Atlantico; provavelmente ambas originarias de uma fonte unica que, depois do soerguimento do isthmo, seguiu duas direcções dando duas novas especies. O mesmo se poderia dizer de certas especies da Irlanda em relação com similares da França.

c) *A etologia*, ao estudar as relações dos seres vivos com o meio ambiente, proporciona-nos factos certos que confirmam esta idéa de um transformismo especigenetico. Por vezes a evolução dos individuos é tão rápida que se consegue assistir tôdas as phases de metamorphose, como succedeu ao P. Wasmann nas suas admiraveis observação sobre os coleoptherios parasitos das formigas, dando-lhes como conclusão certa a genealogia de quatro especies de Dinarda provindas de um mesmo typo inicial.

d) *A philosophia*: Além disso, estes dados, para não citar senão os mais solidamente estabelecidos, estão em perfeito accordo com os principios da sã philosophia. Seria realmente grosseiro e ridiculo pretender explicar a apparição destes novos seres modificados, servindo-se de um fixismo rigido e apoucado, contra o qual já se insurgia Santo Agostinho, imaginando o Criador, á maneira de um oleiro, modelando todos os seres existentes na sua immensa variedade de especies, raças e individuos. E o mais curioso, seria que, para satisfazer a todos os factos ha pouco citados, o vissemos, a Elle, o eterno e infinitamente poderoso, nesta árdua tarefa, não uma vez, ao tirar o Universo do nada, mas a cada instante que apparece sobre a terra uma nova especie, um novo individuo. Pare-nos muito mais simples, mais racional e mais grandioso para a obra divina da criação, que Deus tenha dotado suas criaturas de uma força vital, de uma tendencia

5—ZEILLER, *Eléments de paleobotanique*, pag. 384.

evolutiva interna capaz de modificar os caracteres exteriores dos seres, de os adaptar ao meio em que vivem, de os completar dentro dos limites de sua natureza, de os orientar ao termo visado pelo Autor divino.

Com isto pretendemos nós patrocinar as ideas transformistas ?

A' esta pergunta complexa não se pode responder com uma secca negativa ou com uma prazenteira affirmação. E' mister não confundirmos as questões; nem lancemos de antemão o anáthema sôbre a palavra evolução, nem queiram os transformistas apodar-nos de crédulos ignorantes. "Não é com uma palavra de desprêzo que se resolve uma questão".

TRANSFORMISMO DAS ESPECIES

Em primeiro lugar, devemos notar que o problema transformista abrange duas theses bem diversas: uma de ordem puramente experimental—existem factos que mostram nos seres actuaes certos divergencias de caracteres não encontradas nos comparsas das eras prehistoricas, divergencias estas que se accentuam atravéz dos tempos—E' em favor desta these que militam os argumentos ha pouco aduzidos.

Ha porém uma outra de ordem theoretica, meramente expeculativa que se poderá resumir nesta interrogação—Como se terá realizado esta evolução de que nos fala a primeira these ?—

THESE EXPERIMENTAL:

1—Não voltaremos a falar da questão experimental, pois do que temos dito bem se pode concluir pertencer ella ao numero das idéas certas e evidentes, duvidar desta asserção ou mesmo julgá-la unicamente problematica, é declarar-se claramente desconhecedor das sciencias natuaes, é achar-se "aux antipodes de la verité". (6).

Comtudo, é força reconhecer que estas conquistas scientificas não justificam de maneira alguma a attitude de certos transformistas estendendo e generalizando os factos a ponto de defenderem uma evolução integral e absoluta, unicamente para amparar idéas pessoaes, proteger conveniencias de escolas e desfarçar ataques preconcebidos ás convicções adversas.

Em nome da sciencia não se pode attribuir a todos os seres vivos, inclusive o proprio homem no seu conjuncto physico-psychico, uma origem unica e natural fructo de geração expontanea, resultado da energia da materia. Uma tal pretenção é falsa, é absurda, e é anti-scientifica: falsa porque

se baseia na perimida e irrisoria geração expontanea, tão sobejamente refuctada com os estudos de Pasteur. E' absurda porque é a negação formal de todos os principios da sã philosophia, de todas as verdades reveladas. E' antiscientifica, porque as leis da natureza sendo immutaveis e universaes deveriam verificar-se hoje, se é que se verificaram em tempos idos.

A proposito do transformismo anthropologico, teremos ensejo de falar mais detidamente consagrando-lhe uma parte especial do nosso trabalho; mas, embora excluamos o homem, o transformismo monista que nega a intervenção divina na criação do mundo incorre nos mesmos erros, é alvo dos mesmos reparos.

THEORIAS EXPLICATIVAS—DARWINISMO:

2—Quanto ás explicações dos factos, ou mais exactamente, ás tentativas de explicações, assignalemos apenas duas—o Darwinismo e o Lamarquismo.

Convem advertir que só a evolução especigenetica exige elucidacões theoricas; toda hypothese que passar além das especies systhematicas é arbitraria e portanto condenmada a um fracasso inevitavel. Como se explicará um facto que não existe na realidade?

HISTORICO E EXPOSIÇÃO:

a) A primeira tentativa de uma theoria evolutiva é devida a Carlos Darwin, justamente cognominado o criador do transformismo. A voltar da grande expedição scientifica do Beagle, em 1836, o zoologo inglez vinha altamente impressionado com certos observações etologicas e geonemicas; cuja razão sufficiente elle julgou encontrar mais tarde, em 1838, ao ler as idéas de Malthus sobre os principios da população. Procuremos resumir em poucas palavras a these darwiniana. Os seres vivos crescem em proporção geometrica emquanto que a alimentação que lhes manterá a vida segue uma progressão arithmetica, donde se deduz que "todo individuo em certa idade, em condições determinadas, terá de travar lucha ardente para assegurar sua manutenção; no desenlace desta peleja, contribuem altamente as variações individuaes hereditarias ou adquiridas, proporcionando a victoria ao mais apto, ao mais generosamente protegido pela Natureza. "Esta lei de conservação ou de sobrevivencia do mais apto, desigmo, termina elle, pelo nome de *selecção natural*. (7)

Para Darwin, a evolução se faz portanto por si, ao azar, sem direcção alguma; ella não é activa mais sim passiva: se

7—DARWIN, *Origine des especes*, cap. IV.

as pequenas variações fortuitas produzidas pelas mudanças do meio ou pelas necessidades do individuo lhe são uteis, a natureza as auxilia tornando-as verdadeiras patrimonios hereditários; se pelo contrario, nenhuma vantagem offerecem a quem as possue, desapparecem com a mesma rapidez com que surgiram, sem deixarem o mais leve vestigio.

Bem se pode entrever a celeuma que a nova theoria provocaria nos meios scientificos de então. Delimitaram-se os campos: Grandes vultos ergueram-se contra a naturalista britannico, na propria Inglaterra. Owen e Mivart combateram-no ardentemente, Claude Bernard e Pasteur na França e na Allemanha o grande Hartman enfileiraram-se no partido opposicionista. Mas os preconceitos da epoca contra tudo que se aproximasse das idéas espiritualistas, o estado dos espiritos phylosophicos acoimados num materialismo grosseiro levaram Huxley na Inglaterra, Giard na França e Haechel na Allemanha, a patrocinar a novel doutrina com ardor e paixão excediveis aos do proprio Darwin. E o que é mais, estenderam a idéa á especie humana e forçaram o mestre a generalizar sua 1.^a these, escrevendo o livro intitulado "A origem do homem".

Wagner traduz muito bem a verdadeira causa da victoria darwiniana quando escreve: "Le darwinisme, qui est entré a la faveur de la philosophie positiviste et mecaniciste dans le monde savant, se trouve être le plus ferme appui de cette philosophie elle même. Ceux qui ne veulent a aucun prix abandonner le monisme materialiste, se crampoment desesperément au darwinisme comme a un dernier refuge et ils refusent de reconnaitre qu'il est lui-même miné a fond". (8).

Foi pois á philosophia positivista e não á sciencia que o darwinismo deveu seu ephemero triumpho.

Ephemero triumpho porque hoje não mais se lhe reconhece valor, elle "pertence á historia como esta outra curiosidade de nosso seculo: a philosophia hegeliana... os quaes não são de caracter a honrar muito a nossa intellectualidade aos olhos da posteridade" (9). Ephemero triumpho porque os estudos de genetica vieram pôr-nos em face de terrivel dilema: "l'évolution des especes est, (na palavra de Rostand) sans, l'hérédité acquise, tres difficilement concevable; est quant á l'hérédité acquise, non seulement elle est très difficilement concevable, mais les faits lui sont franchement contraires" (10).

Mais. Este triumpho não foi ephemero, elle nunca existiu; só a angustia do naufrago que sente ao alcance da mão uns restos de taboas que o conservarão á tona por mais

8—WAGNER, Cf. *Rev. des quest. scient.*, 1910, pag. 26.

9—HANS DRIESCH, *ibd.* pag. 7.

10—ROSTAND, *Les Chromosomes*, pag. 277.

alguns instantes, permittiu aos positivistas um tal engano. Quando em 1868 tentava Hartmann criticar os excessos de Haeckel e Huxley, os evolucionistas allemães envolveram suas observações no frio desdem e taxaram-no de incompetente e antiquado.

Em 1872, apparece em publico uma brochura anonyma, contra a obra de Hartmann e a justificar o transformismo de Darwin; jornaes e revistas felicitam o incógnito autor e tecem os mais rasgados elogios aos seus profundos conhecimentos biologicos e philosophicos, oppondo-os aos precarios argumentos de Hartmann. Este porém, no anno seguinte, declara publicamente ser elle o autor da brochura anonyma, e commenta mostrando até que ponto chegara o partidarismo dos seus adversarios—atacando Darwin era um imbecil, defendendo-o tornou-se sabio—(11). Aliáz o proprio Haeckel o confessa ao escrever que defendia o transformismo para “livrar as intelligencias do pesado jugo de preconceitos tradicionaes e da superstição religiosa”. (12) Escudada em taes argumentos não admira que a theoria do zoologo inglez alcançasse tão cedo seu ocaso.

CRITICA:

b) Ainda limitado á evolução das especies, o darwinismo é falso, é uma theoria sem valor scientifico, sem base racional. Ha varias disposições organicas que não se tornam uteis ao individuo depois de attingirem um minimo de desenvolvimento, uma complexidade assaz vantajosa: as prêzas venenosas das serpentes, por exemplo, exigem a coadaptação da glandula secretora e do dente caniculado. Ora, dentro das leis darwinianas, uma pequena variação dos elementos primitivos nunca lograria constituir o aparelho completo: qual a utilidade de uma glandula venenosa sem um conducto excretor? e qual seria a funcção de um dente caniculado pue não se coadaptasse á glandula secretora? Pretenderá, por fim, alguém explicar uma coadaptação, uma ordem, uma harmonia, innumeradas vezes observada, sempre realizada, attribuindo-a ao simples jogo do azar?

E não é tudo. O factor principal da selecção julgava Darwin ser a lucta pela vida, sobrevivendo sempre o mais forte, o mais habil; ora, responde Kellog, “quando uma enorme baleia abre a bocca no meio de miriades de pequenos copipodos que sobrenadam nas aguas dos mares aleontinianos, que decidirá da sorte dos copipodos? Que importa serem elles maiores ou menores? mais vermelhos ou mais amarellados? que possuam este ou aquelle modo de estructura

11—Cf. *Rev. des quest. scient.* 1910, pag. 25 (nota).

12—Cf. J. PUJIULA, *Conf. biolog.* (Barcelona, 1910), pag. 34.

ou de funcções? Tudo isto não entra em linha de conta, quando a agua se precipita pelas fauces do monstro cectáceo (13).

Por fim, a propria sciencia ao apresentar na Paleontologia as variações seguindo sempre uma evolução orientada ou ortogenica, para servir-me do termo tecnico, deita por terra o ultimo reducto da these de Darwin. De sorte que a palavra de Driesch quadra bem como conclusão desta critica: “O darwinismo, para quem o examina com olhos de ver, morreu de ha muito”. (14)

Demorei-me um pouco a apreciar a theoria evolutiva de Darwin, e mais diriamos se o tempo nos permittise, por ser a mais vulgarmente conhecida e a doutrina nas escolas como a verdade irrefutavel, a destruição completa do espiritalismo christão, ella é tambem a fonte de onde se originam todas as demais: de lá provem a *selecção germinal* de Weismann, dali nasce o *mutacionismo* de Vries, della surge a *preadaptação* de Cuenot e a *assimilação funcional* de Le Dantec. Theorias estas baseadas no mesmo principio—a vida fructo das forças physico-chimicas—e tendentes ao mesmo fim—ao monismo atheo.

Peço-vos que me permittaes deixar no silencio as idéas de Lamarck, e apressemos-nos para enfrentar o mais importante problema transformista, problema que é igualmente o mais transcendental para nós catholicos—a origem do homem.

TRANSFORMISMO ANTHROPOLOGICO

IV Para bem abrangermos todo o assumpto temos de examinal-o no seu duplo aspecto—espiritual e animal—porque, embora com pezar dos materialistas, o homem é mais do que um animal, é um animal racional e “c’est faire de la bien mauveise Histoire naturelle, que de raisonner toujours a propos de l’homme comme s’il n’était qu’un animal”. (15)

A ALMA: ESPIRITUAL:

1—Pretender demonstrar esta verdade diante de um auditorio de mestres em phylosophia, querer ensinar-vos, a vós, douta assembléa de christãos, evidencias desta natureza, seria empreza inutil a não ser pretensão e ousadia minha. Comtudo, uma vez que o Dr. Arnobio Marques as negou tão peremptoriamente, uma vez que estas idéas se fazem mister para bem seguirmos a exposição dos argumentos, relembremos.

13—Cf. *Dict. Apol.* (Transformisme).

14—DRIESCH, *Biologisches Centralblatt*, Maio, 1902.

15—TERMIER, *La joie de connaitre*, pag. 295.

succintamente as conclusões das theses fundamentaes da Psychologia racional pondo-as em confronto com as pretenciosas affirmações materialistas.

Entre o psychismo do animal, exclusivamente sensitivo e o psychismo superior do homem intelligente, não existe unicamente uma differença de gráo, mas uma profunda differença de essencia e de natureza. Só o homem é capaz de conceber idéas abstractas e geraes, só o homem pode apreender formalmente a relação de causa á effeito; só elle pode julgar e raciocinar. Só este animal excepcional se determina livremente, possui uma linguagem conceitual, uma moral e uma religião. Todas estas são verdades fulgurantes que brilham com a luz meridiana da evidencia; só as não vê quem tem os olhos vendados por preconceitos ou não sabe a significação exacta dos termos philosophicos.

E' pois methaphysicamente impossivel que o psychismo animal possa, por evolução natural, tornar-se psychismo humano. Para encontrarmos, a origem deste ultimo, uma vez que as causas segundas não nol-a podem fornecer, é-nos de absoluta necessidade recorrer á uma intervenção immediata da Causa primeira, de Deus.

Nem se argua que, apresentando a serie dos Vertebrados um desenvolvimento do *systhema nervoso* em linha ascendente e progressiva, houve, como vulgarmente se diz, "uma marcha em direcção da intelligencia". O cerebro humano considerado physiologicamente como órgão motor e sensitivo não é nem pode ser a razão sufficiente de todo o psychismo humano, a verdadeira causa formal das manifestações psychicas do homem só pode ser encontrada em um principio immaterial, em uma alma espiritual e individual, obra immediata de criação divina.

Do exposto, conclue-se como diz o P. de Sinéty, que, "entre o espiritualismo christão e o transformismo antropologico integral, não ha reconciliação possivel, nem sequer nos será permittido examinal-o como hypothese de trabalho mais ou menos plausivel" (15) de antemão elle se declara blasphemo e atheo.

Passemos agora á outra questão que, no pensar de Delage e Goldsmith, é o termo visado em toda a polemica transformista.

O ORGANISMO HUMANO

2—Uma vez que o evolucionismo integral não resistiu aos ataques adversarios, um grupo de partidarios transformistas appellam, não para novos argumentos, pois não ha argumento possivel, contra a verdade, mas para uma nova modalidade do problema. A alma humana, dizem elles, pro-

vem da criação immediata, mas o corpo, em tudo semelhante ao dos outros animaes deve ser incluído no plano unificador da these transformista. Não é possível, declara o Dr. Cuénot, aceitar um transformismo generalizado. . . do qual o homem seja a unica excessão: sua estructura absolutamente conforme a dos demais mamíferos, seus órgãos rudimentares, sua ontogenia a indicar as marcas dos estados anteriores, sua paleontologia, tudo demonstra que o corpo do homem saiu de uma longa serie de predecessores animaes (17), é, para me servir da imagem tradicional, a inflorescencia ultima desta longa arvore animal.

A falar a verdade, á primeira vista, não parece extravagante a idéa, porque afinal, tirar Deus o corpo do homem de um pouco de argilla, do corpo de outro animal, ou de qualquer materia, tudo vem a ser o mesmo—foi Deus quem o criou. Comtudo, penetremos mais a fundo a questão e vejamos as razões allegadas em favor da these.

ANATOMIA COMPARADA:

a) Proclamou-se com grande ardor, como prova evidente da origem simiesca do homem, a semelhança que elle apresentava com relação a certos macacos; e tanto se procurou tirar do argumento que já o homem seria mais semelhante aos macacos do que os proprios macacos entre elles.

Uma só resposta, dentre as muitas que se tem dado. Segundo as idéas transformistas, a evolução progressiva dos macacos teve como ultimo aperfeiçoamento o alto desenvolvimento do organismo humano, de sorte que os estados mais semelhantes ao homem devem ser os mais aperfeiçoados, os que lhe estão mais proximos na escala descendente. Ora bem; a experiencia mostra-nos exactamente o contrario: o *Chrysotrix sciurea* L., especie do nossa saguim, medindo apenas 0,m.30 de comprimento, com uma cauda que lhe dá quasi o dobro do corpo, 0,m.50, é o que possui a caixa craneana mais semelhante á do homem, semelhança não só de forma, mas tambem de proporção, comparando-a com a face, e até a constituição geral; aproxima-o da constituição humana a unica differença, entre a cabeça de um *Chrysotrix* e a do homem, não é apresentar aquella uma dentição de 3 premolares e 3 molares; emquanto que esta possui 4 e 6, fallando já se suppõe, da capacidade volumetrica absoluta. Por outro lado, o chipanzé ou o gorilla, vulgarmente indicados como antropomorphos, portanto os que na escala evolucionista occupam o apice da animalidade, apresentam uma cabeça caracteristicamente bestial sem a minima semelhança com a cabeça humana: caixa craneana reduzida não attingindo sequer a

17—CUENOT, *La Genese des especes animales*, pag. 373.

terça parte do volume facial, dentes de ser feroz em disposição de prezas defensoras, mandibulas enormes governadas por musculos extraordinariamente desenvolvidos.

Assim uma conclusão impõe-se ao comparar-mos a anatomia do homem com a dos animaes: se em certos typos encontramos traços aproximativos, achamos tambem signaes que os afastam quasi aos extremos uns assemelham-se pela cabeça e divergem pelo corpo, outros approximam-se pelo corpo, e não é tão grande a semelhança, mas distinguem-se profundamente pela cabeça, numa palavra, a anatomia comparada não serveria senão para confirmar uma these já provada.

PHYSIOLOGIA COMPARADA:

b) Um outro argumento ordinariamente apresentado vem-nos da Physiologia. E' coisa bem sabida que a innoculação do sangue de um mamifero em outro, produz symptomas pathologicos tanto mais accentuados quanto mais afastados estiverem as duas especies a que pertencem os individuos. As experiencias de Friedenricg mostraram que a transfusão entre sangue humano e sangue simiesco não dava lugar á acção aglutinante dos globulos sanguineos. Julgaram logo os transformistas occasião azada para inscrever mais este argumento em favor da fragil these.

Terá elle realmente valor provativo? Respondamos com Pugiula:

"Se a semelhança histologica de certos elementos é razão sufficiente para estabelecer um parentesco real entre os organismos, podemos affirmar com igual direito, ser o coelho da India parente do homem, pois os globulos vermelhos de ambos são em tudo semelhantes" (18). Uma semelhança physiologica é consequencia natural da approximação anatomica que faz dos primatas um grupo natural, e não uma prova de origem ou identidade.

ORGÃOS RUDIMENTARES:

c) Da anatomia e physiologia comparadas, os descendentes do macaco passaram logicamente aos celebres órgãos rudimentares. Com pretenciosa arrogancia e não menos presumpção, viram elles em certos órgãos, cujas funcções desconheciam, não mysterios naturaes ainda velados ás limitadas conquistas scientificas, mas vestigios de órgãos inuteis em estado regressivo.

E' possivel que haja, e os ha certamente, órgãos, que exerceram funcções durante a vida embryonaria, outros cuja utilidade nos é ainda obscura, para não dizer desconhecida.

18—J. PUJIULA, *La vida y su evol. filogenetica*, pag. 175.

Segue-se porem serem elles caracteres regressivos? Para quem julga possuir o conhecimento de todos os segredos da natureza, para quem não segue a admiravel lição de modestia do grande geologo francez, E. Suess, que terminava suas preleções com o invariavel estribilho: “nous ne savons presque rien” (19), para quem não vê que “les sciences de la terre cotoient sans cesse l'inconnaissable (20)” a conclusão parece evidente.

Basta porém lançar um olhar retrospectivo para os dias de hontem e convencer-nos-emos de que a resposta exige um pouco mais de moderação. Muitos destes órgãos, hontem suppostos inuteis e rudimentares em via do desaparecimento, são hoje tidos como de absoluta necessidade para a economia vital do organismo, como partes integrantes da harmonia do todo; as glandulas tiroide, epiphise e pineal, constituem actualmente capitulos essenciaes da endocrinologia humana, e no emtanto eram apontadas como exemplos de órgãos rudimentares.

LEI ONTOGENICA:

d) Da tão decantada lei biogenética limitar-nos-emos a repetir o que della escreveu o transformista Perez: “A lei de Serres, que affirma resumir a autogenese dos seres actuaes toda sua historia philogenetica, está muito longe de nos apparecer com o vinculo de certeza que lhe attribuiam Haeckel e Giard” (21).

Realmente, desde que as mutilações embryologicas e as falsificações photographicas do propheta de Iena foram descobertas por Brass, desde que Wassmann mostrou serem as excepções á supposta lei mais numerosa do que as verificações, desde que se provou cabalmente terem os estados embryonarios uma significação exclusivamente anatomo-physiologica necessaria para a obtenção da forma final, desde então nunca mais se pretendeu ver na “ontogenese uma recapitulação da philogenese”.

PALEONTOLOGIA:

e) A obstinação dos transformistas foi maior do que o valor da idéa. Não desanimaram em face do insuccesso de todos estes argumentos julgados eficazes para estabelecer a these da descendencia directa do homem de uma fonte simiesca, e, com persistencia digna de melhor causa, appellaram para um parentesco collateral, tendo o homem e os macacos

19—Cf. TERMIER, *A la gloire de la terre*, pag. 22.

20—TERMIER, id. pag. 20.

21—PEREZ, *L'orientat. actuel. des scien.*, pag. 112.

a mesma origem em um ser prehistorico unico; não seriamos filhos de macacos mas seus irmãos.

Transposta a questão para este novo terreno, só a paleontologia poderá lançar alguma luz sobre o mysterio, só ella será capaz de nos mostrar no seio das camadas geologicas os vestigios desta paternidade commum. Consultemo-la pois.

A dar credito a certos livros de vulgarisação, a seguir certos mestres das nossas cathedras, as descobertas scientificas da ultima metade do seculo passado trouxeram provas paleontologicas decisivas em favor da descendencia animal da especie humana: negá-las seria a maior heresia scientifica, o maior testemunho de ignorante na materia. Examinando-as porem com imparcialidade reconhecemos o tenue raio de luz que ellas projectam sobre o campo tenebroso das eras passadas, de sorte que nos sentimos desamparados diante das difficuldades imprevistas... e vemos que: "Tudo está por fazer, e o unico caminho que parece viavel será seguir a passo lento no terreno experimental" (22).

E com razão, pois, se é verdade que innumerous restos fossilizados se apresentam como prova quasi evidente da evolução das especies animaes, se é verdade que as camadas da era terciaria nos mostram grande quantidade, de signaes, verdadeiras pegadas dos macacos e predecessores, não é menos certo que só em terrenos de formação quaternaria se encontram vestigios da existencia humana, e estes se mostram já como marcas indelleveis de um ser superior e intelligente, capaz de criar o fogo e mante-lo para os dias futuros, capaz de inventar e construir instrumentos, capaz de idealizar uma industria e a desenvolver, capaz até de conceber um vago ideal nessa vaga aspiração de um mundo supra-sensível, conforme se pode deduzir pela pratica da sepultura. O homem apparece-nos pois, como diz Branca, na qualidade de um res-cervendo sem antepassados, de um verdadeiro *Homo novus*" (23).

Muitos restos fosseis têm sido apresentados como documentos geologicos que demonstram a existencia de seres intermediarios entre o homem e o bruto antropomorfo. Citemos a titulo de curiosidade scientifica a mandibulla de Maner pertencente ao "Homo heidelbergensis", o crano do "Eoanthropus Dawsoni", varios ossos do "Homo neanderthalensis", o femur e 2 dentes do famoso "Pithecanthropus erectus" de Dubois, etc...

De todo este arsenal geologico escolherei apenas alguns ossos encontrados no alto da Denise perto do Puy-en-Veloy. A principio Marcelin Boule regeitou-os desdenhosamente dando como pretexto o não estarem bem identificados nem

22—PEREZ, id.

3—Cf. *Etudes*, 1911, (5 avril).

classificados com precisão as camadas geológicas em cujo seio repouzaram durante longos seculos. Talvez já anteviesse o illustre professor as consequencias daquella descoberta e procurasse lançar sobre ella o descredito dos sabios.

Mas, desde que Deperet provou terem sido aquelles ossos sepultados sobre as camadas posteriores aos grandes desliza-mentos vulcánicos que deram origem ao massiço da cadeia do Velay, por baixo porém dos basaltos recentes e da pozolona que obstrue a cratera do Denise, desde que Mayet mostrou pertencerem estes fosseis a uma raça humana inteiramente semelhante ás actuaes, seria absolutamente arbitrario, para não dizer erroneo, affirmar que quanto mais antigo é o fossil mais proximo elle se encontra do typo pittecoide. Os restos da Denise datam certamente do plistoceno inferior, são portanto mais antigos ou pelo menos da mesma era que todos os demais e comtudo nada têm que os approxime dos esqueletos dos irracionaes.

Bem se deixa conjecturar o embaraço em que se encontraram os transformistas que haviam julgado encontrar no "Homo Neanderthalensis" os caracteres simiescos intermediarios entre o homem e o animal seu antepassado, uma vez que o Neanderthalensis pertencendo ao plistoceno medio existiu muito depois do da Denise.

E com o "Homo Neanderthalensis" desapareceu da scena o "Rhodesiensis" tambem do plistoceno medio; desapareceu o "Eoanthropus Dawsoni", ser mysterioso cuja existencia não mais se crê como real, pois os ossos que deram lugar á sua representação imaginaria pertenceram a typos diversos. O proprio Pithecanthropus erectus", que suppunha Dubois ser "notre ancêtre direct", o Dr. A. Brass demonstrou á sociedade não se tratar de um macaco extraordinario mas unicamente do "Homo sapiens". (24).

Do que levamos disto deduz-se que a sciencia, em nenhum dos seus ramos, é favoravel ao transformismo anthropologico, mesmo se o restringirmos ao corpo humano; tudo porém indica que o homem appareceu sobre a face da terra já em seu posto superior de animal racional.

CONCLUSÃO

V — Terminemos este longo arrazoado, resumindo, á guiza de conclusão, tudo quanto se deprehende das nossas considerações:

TRANSFORMISMO CREACIONISTA:

1.º—O transformismo mitigado, attingindo unicamente uma certa evolução das especies systematicas, se não se

deixa arruinar pela grosseira idéa da geração expontanea, nada tem a ver com a philosophia ou com o dogma; e a biologia, a unica autoridade no caso, parece offerecer argumentos irrefutaveis justificando-o.

TRANSFORMISMO MATERIALISTA LIMITADO

A'S ESPECIES:

2.º—Seguir-se-á o mesmo quando elle suppõe na base de todo o *systhema* unicamente a energia physico-chimica da materia? Não; responde-nos a philosophia, porque um tal principio é metaphysicamente absurdo. Não; responde-nos a razão, porque a materia fria e bruta não pode gerar a vida. Não; responde-nos emfim a propria sciencia, porque todo vivo só provem de outro vivo, "*omnis cellula et cellula*".

TRANSFORMISMO ANTOPOLOGICO UNIVERSAL:

3.º—Incluir na these transformista a parte psychica do homem é ir de encontro aos dados evidentes da intuição psychologica, é cahir no mais profundo materialismo negando os testemunhos da propria consciencia, é emfim lançar a these ao descredito e á irrizão. Nenhuma evidencia de ordem scientifica poderá jamais estar em conflicto real com verdades de ordem dogmatica, com as evidencias racionaes.

TRANSFORMISMO ANTROPOLOGICO RESTRICTO:

4.º—Embora não seja declarado erro theologico, a acceitação *natural* e *expontanea* do corpo animal, comtudo talvez se possa ter, senão como impossivel, pelo menos como temerario e imprudente ensinar ou defender taes idéas. E a razão é, como adverte o P. de Sinéty, que, carecendo os argumentos ordinariamente adduzidos de valor convincente e implicando o transformismo anthropologico com o monogenismo requerido pelo dogma do peccado original, não será facil uma conciliação entre a these evolucionista e a tradição catholica; nem ha motivo algum para se pretender esta conciliação.

O TRANSFORMISMO ANTROPOLOGICO RESTRICTO E O DOGMA:

2 Para não vos reter a attenção por mais tempo, resumirei a objecção do illustre sabio neste dilema: Ou applicamos ás origens do organismo humano as leis geraes da evolução, então teremos que a genese deste typo particular seguiu os mesmos tramites que a evolução das outras especies animaes, isto é, ao chegar determinado instante certo numero de

individuos de ambos os sexos adquiriram caracteres corporaes inteiramente differentes dos da especie primitiva; o que vem a ser, no caso particular do homem, a negação da tradição catholica, pois não se concebe como, naturalmente, sem uma intervenção divina, este grupo de animaes seria capaz de produzir unicamente dois individuos que se tornariam, com a infusão da alma espiritual, o corpo do primeiro homem e da primeira mulher.

Ou, segunda alternativa, para se resguardar o monogenismo, admittir-se-á esta intervenção de Deus escolhendo dentre os varios typos já corporalmente humanos, dois privilegiados a quem dotou a alma espiritual e com ella o psychismo superior; deste casal descendeu toda a humanidade. Quem não vê que esta intervenção divina iria destruir toda a these transformista? Como conceber a sobrevivencia deste par excepcional emquanto que todos seus irmãos pelo corpo e inferiores pelo psychismo desappareceram completamente nas densas trevas de uma noite sem dia? delles a prehistoria não nos revela o menor traço, o mais ligeiro vestigio!...

A GRAÇA E O SOL:

3 Ah! como a verdade brilha atravez destas pesadas nuvens de confusão e incertezas irradiando a luz meridiana da esperança!... Muitos porém não a vêem, muitos

não a querem reconhecer. Levados pelo nosso zêlo apostolico, pela nossa caridade fraterna, não nos riamos delles, não os desdenhemos; talvez, coitados, ainda não lhes tenha chegado o momento da graça, a hora do Senhor. E nós sabemos pela Verdade eterna que sem Deus nada nos é possivel: Deus é a força do corpo, Deus é a luz da intelligencia, Deus é a vida da alma, Deus é o sol eterno.

Supponhamos que não existisse o sol... A terra que delle recebe toda a fecundidade, toda a belleza, toda a alegria, seria deserta, nua, tenebrosa, um astro sombrio errante pelo espaço. Que ha de vivo sobre a face da terra cuja existancia não se deva attribuir ou tornar dependente dos raios bemfazejos do astro rei?

Nasce a planta, o animal, o homem sob o influxo dos raios solares; já existentes estes seres vivos ainda necessitam do sol para sua manutenção, para a vida.

A planta cresce distendendo seus verdejantes braços numa anciedade do espaço, abrindo suas corolas de polichromismo perfumado a embalsamar a brisa da tarde que lhe agita a copa; a planta cresce sazouando os dourados pomos, abrigando garridos bandos de colibris mimosos; mas a planta cresce porque sente correr-lhe nas veias a seiva ardente. Deixae enregelar este sangue fecundo: ei-lo um simples es-

pectro de arvore; ei-la de corpo esqueletico e nú, de ramos tristes e fantasmagoricos erguidos ao ar; ei-la afugentando para bem longe as aves amigas que lhe demandam um pouco de sombra, um pouco de abrigo; ei-la cadaverica, envolta no seu alvo mento de neve a supplicar um raio de sol primaveril que novamente a desperte, que novamente aqueça seu coração e faça sorrir os verdes botões, abrir as tenras folhas, dourar os succulentos fructos.

No mundo da fé tambem encontramos um astro rei que o alimenta e vivifica, que o faz alegre e o torna feliz—é a graça.

A alma sob a acção da graça é jardim onde sorri a humilde violeta, desabotoa de verde nó o candido lyrio, exala suave perfume a rosa da oração; a caridade germina sazoados fructos, os proprios espinhos parecem transformados em flores porque a graça faz das lagrimas perolas de celeste alegria.

Ditosa a alma que possui a graça.. Vida não lhe falta porque Jesus nella tem sua morada; a alegria da paz de consciencia faz esquecer todas as tristezas e difficuldades da vida; a verdade da fé illumina-lhe a intelligencia; e a ansiedade de assemelhar-se a Jesus, faz sorrir a propria dor.

Mas é noite sem manhã, é dia sem sol, a alma daquelle que perdeu a graça de Deus, e sem ella não sente o calor e a luz da fé. Falta-lhe a seiva, falta-lhe a vida. Se sorri, são abrolhos de espinhos os seus risos; se chora, são lagrimas desesperadas os seus prantos; se germina, são peçonhentas flores de tristeza, indigencia e morte os seus renovos.

Almas ditosas que tendes fé, guardae este thesouro precioso com cuidado; defendeio-o da ambição dos inimigos; conservae-o que nelle está a vossa alegria, a vossa vida, o eterno rendimento dos vossos trabalhos e dores. Não sejaes porém egoistas, compadecei-vos dos pobres que morrem á mingua de luz, enregelados pelo frio da indifferença em noite continua; estendei-lhes a vossa mão misericordiosa e deixae cahir em seus corações um raio de luz, uma emanção de calor, uma onda de seiva de vida divina, uma migalha de fé. Sêde generosos com vossos irmãos como Deus o foi comvosco. "Quem dá aos pobres empresta a Deus".

Recife, 15-VIII-93.

A LICÇÃO DA MODERNA PEDAGOGIA RUSSA

L. VAN ACKER

A historia da educação russa, nos ultimos setenta annos, além de fornecer demonstracção experimental das consequencias do naturalismo pedagogico, apregoa tambem, pela voz autorisada dos nossos irmãos orthodoxos, provados e purificados nas agruras do exilio, salutar licção de restabelecimento dos valores catholicos educativos.

AS DUAS FONTES DA ACTUAL PEDAGOGIA RUSSA

Duas são as fontes da moderna educação russa.

A primeira, o naturalismo de ROUSSEAU, penetrando por toda parte a pedagogia libertaria hodierna. (1)

Postulado fundamental da educação rousseaunista é que o educando por natureza tende para o bem e a perfeição humana. Desvios explicam-se pela intervenção desastrosa da sociedade ou meio-ambiente, cuja parte principal e responsavel são os educadores. Deixemos a criança plenamente livre de revelar as suas tendencias genuinas incorruptas, limitando-nos a supprimir a influencia perturbadora social pela organização dum ambiente proprio, em que adultos e educadores com prudencia se abstenham de intervir e deturpar o trabalho fecundo e benefico da propria natureza. Os educadores, que preparem o scenario e a platéa. Por si mesmos, os educandos representarão o drama, interpretando os papeis com espontaneo e inexcedivel esmero. Qualquer intervenção directa e autoritaria seria indiscreta e violenta, antinatural e immoral. A natureza do individuo é o unico agente da perfeição educativa. A disposição do ambiente pelo educador é

(1) DEWEY, por exemplo, pondo de lado o grão de verdade humana, é ROUSSEAU vestido de pragmatismo behaviorista. (cfr.: O'Hara, *The limitations of the educational theory of John Dewey*, p. 4-5; A. Schinz, J. J. ROUSSEAU, *a forerunner of Pragmatism*, *Monist*, Oct., 1909, etc.)

condição indispensavel, mas não é propriamente causa (2). A criança, entregue á bondade natural, em ambiente favoravel, ha de infalivelmente crescer no bem. Morigerada em si e por si mesma, ipso facto reformará a vida e a sociedade. Reforma ethica da sociedade pela criança ou pela "escola" (3) — "*ut per juvenes ascendat mundus*" (4) — tal é o lemma do naturalismo rousseanista.

Ora bem, educadores liberaes e communistas concordam em affirmar que o maior obstaculo á reforma ethica pela escola é a actual organização economica social. Não pode a criança morigerar a sociedade, emquanto esta, pelo individualismo da propriedade particular e da industria privada, continua a suggerir invencivelmente o egoismo, o espirito de ganancia e a exploração do semelhante. Reforma ethico-social pela escola só é possivel em sociedade cooperativa (DEWEY, GORBUNOW-POSADOW, WENZEL) ou communista (PISTRAK).

Tal é a evolução das "idéas novas" na educação russa contemporanea. Da these fundamental do rousseunismo liberal: *bondade natural da criança, fundamento da livre auto-educação*; passamos logica, psychologica e historicamente a dois corolarios:

1. *saneamento moral da sociedade pela escola,*
2. *reforma economica e communista pela mesma.*

Esses dois corolarios resumem-se no aphorismo: *a escola é vida e não preparação para a vida.*

Pois, se a criança ou escola ha de reformar a vida, não se deve preparar para esta ultima, senão eliminal-a e transformal-a. Donde, a escola é a propria vida na sua expressão mais alta, dynamica e renovadora.

NATURALISMO E ORTHODOXIA RELIGIOSA

A segunda fonte principal da pedagogia russa é o christianismo "orthodoxo". Ao naturalismo rousseanista oppõe elle:

1. A negação da bondade natural da criança, em nome da experiencia e da theologia. A escola deve ajudar e dirigir a criança emquanto esta precisa de apoio e direcção.

(2) Alguns educadores catholicos de boa mente admittem essa doutrina' resalvada porém a influencia do peccado original. Infelizmente, a theoria está errada, prescindindo até do ponto de vista theologico. Sua rectificação está em S. THOMAZ, DE VERITATE, p. 11, art. 1, sobretudo o argumento 12 e a resposta.

(3) Para acertar na critica dessa these, cumpre frisar bem que, nos termos da educação libertaria, forçoso é identificar criança e escola, pois, aquella propriamente se educa e ensina a si mesma, reduzido o mestre a mera condição ou cousa accidental. E' o *discat a puero magister* do Instituto J. J. Rousseau, agora "Institut des Sciences de l'Education" de Genebra.

(4) E' o lemma do Bureau Internacional de educação (B. I. E.) com séde no Instituto J. J. Rousseau.

2. A reforma economica ou moral da sociedade pela escola não passa de utopismo pedagogico. Crianças maleáveis são incapazes das tarefas herculeas de reforma social que dellas se exigem (5). Identificar do modo sobredito a escola e a vida importa em destruição da escola. Pois, se esta deve preoccupar-se com reformas sociaes, politicas, economicas, industriaes e agricolas, que ha de ser do seu papel caracteristico de alphabetisadora e educadora pela instrucção? (6) Que ha de ser da autonomia relativa que lhe garante a sua tarefa peculiar? Se a escola se confundir com a vida, ella não passará duma repartição publica (como nos Soviets) ou dum instrumento servil das vontades e dos caprichos de pais e alumnos (como nas Americas). Se a escola é vida, todos mandam na escola: o partido, o *Konsomol*, os atheus militantes, a empresa industrial, as associações profissionaes, as sociedades de alumnos, todos emfim, menos os professores e technicos do ensino. Nestes termos, não ha como escapar á “morte da escola”, preparada pelos liberaes e preconizada por educadores sovieticos, embora condemnada pelo partido communista russo.

Nem por isso, aliás, adhire a orthodoxia russa ao intellectualismo postico, tão apreciado pela “Aufklarung” ou o moderno “seculo das luzes”. Unica no sentido de integral ha de ser a educação escolar, sem comtudo renegar a tarefa principal instructiva. A escola é apenas uma funcção da vida e nem a principal. Deve ella collaborar, dentro dos limites proprios, na reforma economica e ethica da sociedade. Mas, como o principio do saneamento moral e economico está na rechristianisação duma sociedade que se paganizou, conclue-se não ser a escola, mas sim a Igreja, a principal reformadora da vida moderna. Ora, o defeito visceral do naturalismo pedagogico reside precisamente em querer por meios naturaes ou violentos uma reforma radical que só pode ser operada pela força sobrenatural da graça divina. Pois, com effeito, só o Espirito Santo é criador do “homem novo” e transfigurador maravilhoso desse nosso temperamento, plasmado no lodo da terra e marcado dos estigmas da concupiscencia original. Nem o estado, nem a familia, nem a classe ou o syndicato ou a escola, mas só o Espirito de Deus, com a fiel submissão do livre arbitrio, é capaz de renovar a face da terra: “*Emitte Spiritum tuum et creabuntur. Et renovabis faciem terrae!*”

(5) Idéas analogas repetem-se, com insistencia, na America do Norte, contra o utopismo pedagogico de DEWEY. cfr. *Isaias Alves, Technicos e Educadores*, Jornal do Commercio, Rio, 25 de Junho de 1933.

(6) Não é de admirar que o decreto de 25/8/33 exija nas escolas russas, o ensino serio da leitura e da escripta. cfr. *ibid.*

NO FIM DO SECULO XIX

Nesse quadro de ideas, convem agora salientar alguns factos de maior monta.

USCHINSKY e TOLSTOI, no fim do seculo passado, são os precusores da moderna pedagogia russa. Personifica o primeiro a corrente religiosa e o segundo a libertaria.

USCHINSKY (1823-71) foi sobretudo um theorico da educação.

Segundo elle, tem a educação por fundamento o dynamismo da evolução natural. Mas a propria educação é uma arte idealizando o processo da natureza, o que importa em condemnação do naturalismo pedagogico.

A educação deve respeitar o character individual pelo conhecimento dos typos humanos e pelo methodo activo, concepção muito proxima da moderna Arbeitsschule.

A liberdade na educação tem por fim e condição restricta o legitimo desenvolvimento da personalidade. Esta ultima não é um todo autonomo, que só deva contentar-se a si mesmo. A pessoa humana é vitalmente unida ao povo. Sem communhão com a alma nacional, é impossivel o desenvolvimento integral da personalidade. Por conseguinte: "Cada povo tem o seu proprio systema nacional educativo, tornando impossivel a transmissão de systemas nacionaes de educação". USCHINSKY condemna formalmente o utopismo pedagogico ou a esperança de mudar os rumos da historia e renovar a humanidade por meio da escola. Escreve: "A educação por si mesma não resolve os problemas da vida, nem dirige a historia, mas só a esta segue. Nem os pedagogos nem a pedagogia, senão o povo e seus heroes applainam os caminhos do futuro". A escola deve ser integrada na vida (zelostny—integral), não como escrava passiva e materializada, mas como collaboradora da alma nacional, a um tempo realista (7) e idealista (8). Pois, no fundo da alma nacional permanece a força viva da historia e a fonte do idealismo, ainda não contaminada pelo peccado (9).

Como a alma nacional russa é profundamente religiosa, assim tambem ha de ser a verdadeira educação, em que a re-

(7) como pretendiam os nacionalistas realistas ou "potschveniki".

(8) como queriam os nacionalistas idealistas ou "narodniki".

(9) Haverá aqui um eco da doutrina de KHOMIAKOW e os neo-orthodoxos, proclamando a soberania religiosa do povo russo? A este proposito veja-se o artigo revelador de A. MIKHAILOV, *Les origines anticatholiques du bolchevisme*, E'tudes, 5/7/1929. O autor, depois de provar que os seminarios orthodoxos foram centros de revolução socialista explica: A orthodoxia rejeitou o papa. A autoridade passou do concilio para o povo russo e deste para a internacional. O tzarismo perseguiu o catholicismo, o bolchevismo hostiliza qualquer religião.

ligião deve ser fim, e não apenas meio, penetrando a formação humana e constituindo o fundamento da escola.

Tal é a tentativa de *synthese* pedagógica, suffocada pelo naturalismo pedagógico, mas que permanece a luz inspiradora e o estímulo da renovação educativa orthodoxa russa.

L. N. TOLSTOI E O LIBERALISMO PEDAGÓGICO

Em TOLSTOI (1828-1910) podemos distinguir três phases: 1) período de extremo naturalismo rousseanista preparatório á fundação da escola de Jasnaja-Poljana (+ 1860); 2) período de investigação religiosa; 3) romantismo religioso.

Quem quizer avaliar o anarchismo pedagógico de TOLSTOI, consulte o artigo intitulado: "Quem deve aprender a escrever e com quem? As crianças dos camponeses conosco ou nós com ellas?" No alludido artigo escreve: "A criança dispensa a educação e exige a liberdade na medida em que ella não está corrompida." "A criança está mais proxima do ideal harmonico de verdade, bondade e belleza do que o adulto ou educador que para tal pretende orgulhosamente leval-a. O conhecimento desse ideal é mais profundo na criança que no educador." TOLSTOI, aliás, quando moço, era devoto de ROUSSEAU, cuja imagem trazia no peito.

As ideas tolstoianas libertarias inspiraram, no seculo XX, o naturalismo romantico em pedagogia.

Quanto ao naturalismo scientifico, foi elle preparado por uma pleiade de educadores, como PIROGOW, RACINSKY, LESGAFT, STOJUNIN, BUNAKOW, etc., introduzindo a orientação pedagógica científica. No fim do seculo passado principiou o movimento psychologico experimental, caracterizado mais tarde por contribuições genuinamente russas. (Psychoreflexologia, BECHTEREW, PAWLOW). Em principio do seculo, fundou-se a primeira revista de psychologia experimental (Questões de Psychologia e Philosophia do Prof. GROT), bem como as primeiras revistas pedagogicas de interesse geral. Organizou-se o *Museu Pedagogico* centro de pesquisas especializadas. Foram criadas as escolas commerciaes, que se tornaram campos de experiencia, livres das rotinas didacticas.

Em summa, abriu-se o seculo XX em plena efervescencia pedagogica. Tres foram os problemas do momento: 1) Como reformar scientificamente a escola? 2) Como deixar á criança a liberdade necessaria ao desenvolvimento natural? 3) Como, consoante á idea do homem integral, familiar á philosophia russa, substituir a escola intellectualista por outra a um tempo instructiva e educativa?

PEDAGOGIA RUSSA NO SECULO XX

O naturalismo scientifico encarregou-se da solução do primeiro problema, tentando racionalizar tecnicamente a escola.

Dos representantes da corrente scientifica, merecem especial menção:

P. F. LESGAFI. (1837-1909) anatomista notavel, promotor incansavel da educação physica, a que imprimiu um cunho nitidamente scientifico e moralizador, pratico e idealista, formando uma geração de discipulos dedicados e competentes.

A. F. LAZURSKY, (+ 1917) conhecido pelos estudos caracterologicos, revelando affinidades com MAC DOUGALL e W. STERN; fundador duma *escola experimental* cujo pessoal idoneo devia praticar a experiencia natural ou "clinica pedagogica", em bem da pedagogia scientifica, sem perturbar as exigencias basicas do ensino e da saude physica, intellectual e moral dos alumnos.

Não se sabe, infelizmente, que fim levou a escola experimental de Petersburgo.

O prof. NETSCHAJEW, operoso fundador de laboratorio e inspirador de muitos trabalhos de psychologia experimental, nem sempre scientificamente irrepreensiveis. Após colaborar no "Museu pedagogico", organizou o "Instituto Psychoneurologico" em que collaborou o Prof. BECHTEREW, projectando então a "reflexologia".

NETSCHAJEW instituiu tambem uma *escola experimental* cujo destino ignoramos, entrando, depois da revolução sovietica, no Instituto pedagogico de Samara, recentemente estabelecido.

Outros nomes eminentes são o Prof. TSHEL PANOW, director do Instituto de Schtschukin, ROSSOLINO, MUZYTSCHENKO e outros.

A EDUCAÇÃO LIVRE

O problema da liberdade do alumno, pretendeu resolve-lo o naturalismo romantico da chamada "educação livre" (*swo-bodnoje wospitanie*). Podemos nelle distinguir dois grupos importantes: os discipulos de TOLSTOI, chefiados por J. J. GORBUNOW-POSADOW, e os semi-positivistas representados por WENZEL. Em SCHATZKY, podemos verificar a symptomatica transição do naturalismo pedagogico para a educação sovietica.

Tolstoianos ou semi-positivistas são discipulos legitimos de ROUSSEAU. Basta citar alguns textos:

"A criança no principio do seu desenvolver, é disposta unicamente para o bem. Com o tempo desaparece pouco a pouco essa tendencia. A causa está na influencia dos adultos.

"A criança carece da *Magna Charta* da liberdade.

A ella deve-se na familia garantir liberdade igual á dos adultos. Se quizermos formar homens livres, havemos de arredar e aniquilar toda autoridade pessoal". (WENZEL).

Nestes termos, como diz um daquelles pedagogos libertarios: "As punições, por mais leves que sejam, são evidentemente illicitas. O unico meio de influir no alumno é a admoestação persuasiva (*que este não está obrigado a ouvir*) e a exclusão da escola" (*como se a mais elementar Justiça não requeresse medidas e sancções gradativas*) (10).

Como, nesse andar, evita-se a anarchia pedagogica ?

"Coacção eliminada, responde WENZEL, não significa prohibição de qualquer interferencia activa do educador, nem leva em absoluto á praxe do "*laisser faire, laisser passer*". Para influir immediatamente no educando, age o educador sobre todo o ambiente... pelo methodo de acção indirecta".

E' a famosa educação directa por meios indirectos, a theoria do "*mestre-condição*".

Mas a theoria differe da pratica. Fundaram os tolstoianos a "*Casa da criança livre*" em que, segundo o testemunho insuspeito da sra. GORBUNOW-POSADOW, "frequentemente verificaram, desesperados, tumultos, desordem, extravagancias e brigas de crianças".

KISTJAKOWSKAJA nota que a "casa" foi fechada por iniciativa dos proprios alumnos, resumindo-se a sua obra positiva na mais formal "negação do principio de liberdade, tal como foi concebido a principio e na declaração dos deveres para todos e da responsabilidade social de cada um".

Liberdade completa sem coacção alguma leva á supressão de qualquer programma e á participação indiscreta das crianças na organização escolar. Neste ponto foram escriptos os disparates mais tolos e divertidos. Propuzeram alguns fossem as crianças iniciadas na arte do discurso; outros, se lhes outorgasse o direito de escolherem a materia didactica.

A sra. KRUPSKAJA, hoje em dia notavel pedagoga sovietica, já em 1911 pleiteou a organização de conferencias permanentes de alumnos, bem como a preparação das crianças como collaboradores na solução dos problemas educativos. Certa professora achou não serem as crianças, emquanto pequenas, capazes de participar da elaboração do programma, devendo este ultimo ser-lhes apenas proposto, mas não imposto; donde não ser obrigatoria tambem a formação do grupo. WENZEL, por fim, preconiza uma globalização de sabor rousseanista e utilitarista: "O ideal da escola, diz, é que a criança passe de uma para outra materia, como lhe aprouver, escolhendo em cada uma o de que precisar".

O methodo será, pois, activo. A escola do trabalho deve "por em liberdade as energias criadoras do discipulo". (WEN-

(10) Os parenthesis gryphados são nossos.

ZEL) “A escola nova deve esforçar-se por destruir as paredes que separam a escola da vida”. “Indissolúvel unidade liga a reforma da vida e a reforma da educação”. (J. J. GORBUNOW-POSADOW). Por isso, diz WENZEL, a escola não deve ser “escola” senão “*Casa da criança livre*”. Deve-se nella falar em programma de vida e não em programma de ensino. Nem será o lugar onde se aprende, mas onde se vive. Ha de ser uma escola de mestres, . . . uma pequena unidade económica, uma comunidade de trabalho. “A chave da reorganização benéfica e duradoura de nossa ordem social está na educação livre de todos as crianças. Só emquanto realizar em si a construção do ideal da vida social, educará a escola os seus membros como representantes da verdadeira sociedade”. (WENZEL).

Nestas palavras é patente o utopismo pedagógico da reforma social pela escola.

O trabalho não é apenas principio methodico senão também objectivo da aprendizagem. É por trabalho entende-se em primeiro lugar a actividade physica, económica e productiva, não excluindo porém qualquer forma de actividade que satisfaça as necessidades naturaes e normas humanas (GORBUNOW-POSADOW).

KISTJAKOWSKAJA, no entanto, melancolicamente observa: “tudo o que se conseguiu no sentido da união do trabalho espiritual e physico da criança não corresponde ao trabalho productivo que tanto se almejava conseguir no principio”.

Finalmente, que pensam os naturalistas sobre educação moral e religiosa?

Os tolstoianos, neste particular, seguem a doutrina do mestre, na sua phase religiosa, quando o grande escriptor russo, renegando na velhice o anarchismo da mocidade, já tinha proclamado que “uma educação racional só é possível onde a doutrina religiosa e a moral constituem os fundamentos do edificio pedagogico”. Os discipulos, J. J. GORBUNOW-POSADOW e N. S. DURYLIN, completaram os ensinamentos de TOLSTOI.

DURYLIN até tornou-se sacerdote orthodoxo.

Mas, não concordam todos os libertarios com taes ideas.

E. LORINSKY rispivamente assevera: “sob o pretexto da chamada educação religiosa actual executa-se um processo profundo e radical de desmoralização da criança”.

WENZEL, por sua vez, escreve: “Em nome do desenvolvimento das energias productivas da criança, devemos com todos os meios destruir na humanidade a crença na verdade absoluta”.

A educação moral não consiste em inculcar preceitos absolutos e fixos, senão em propor o nosso relativo ideal de verdade e bem, estimulando a criança para que ella transfor-

me esse ideal, livremente, em moldes superiores, mais perfeitos, mas nunca insuperáveis.

Não é, por conseguinte, fim da educação religiosa “inocular uma religião tradicional, por mais perfeito que lhe seja o typo, senão em ajudar a criança a produzir e criar a sua própria religião. Pois, só a religião pessoal, producto e criação do individuo é que se pode chamar religião no verdadeiro sentido da palavra”. Nem recusa WENZEL o corolario de que “às crianças assiste o direito de escolherem os educadores, emancipando ou afastando-se dos pais se estes não educam bem”. Foi esse corolario applicado ao pé da letra pelo KONSOMOL e os educadores atheus bolchevistas.

S. T. SCHATZKY OU A TRANSIÇÃO DO LIBERALISMO PARA O COMMUNISMO PEDAGOGICO

Eis agora um homem que desde o começo do seculo (1905) se dedicou ás “comunidades de trabalho de crianças” occupando-se principalmente com a educação moral e social. Suspeito á policia, que em 1908 fechou a “colonia de trabalho infantil”, trabalhou SCHATZKY na elaboração theorica das suas ideas educativas. Só depois da revolução de 1917 voltou á vida activa intensa. Em 1924, entrou, intimamente convicto, no seio do partido communista.

Não é o communismo pedagogico de SCHATZKY fructo de certos postulados socialistas como a omnipotencia do estado ou a primazia do social sobre o individual, senão que brota com logica natural do individualismo pedagogico.

As crianças, dizia SCHATZKY, tem a sua vida pessoal.

A verdadeira educação procura descobrir a personalidade do educando, ajudando-a no livre desenvolvimento. Ilicito, é, pois, impor ás crianças o typo de vida do educador. “A escola deve deixar de ser o centro do ensino para se tornar centro da vida infantil”.

“A solução da questão pedagogica não consiste em alphabetisar a todos, senão em fazer com que todos saibam viver”. Reforma da vida individual pela escola, tal foi, portanto, a primeira etapa do pensamento.

Mas foi apenas o preludio do utopismo socialista pedagogico: “A formula anterior da escola do trabalho (ou escola activa) como organização estimuladora da vida infantil já não me pode contentar” escreve elle. “O papel da escola é organizar o processo pedagogico adaptado ás necessidades actuaes da multidão operaria... E’ esse, sem duvida, o melhor systema de educação e ha de ser a mais poderosa arma nas mãos do proletariado para a fundação da sociedade communista”.

Como se processou a evolução de SCHATZKY ?

Segundo o insuspeito DEWEY (11) começou elle como reformador liberal e democrata constitucional. Suas realizações praticas andavam inspiradas no rousseanismo libertario de TOLSTOI e na idéa americana do valor educacional do trabalho productivo (12), ambos causas historicas da pedagogia sovietica (13).

Houve no entanto factores mais poderosos: Em primeiro logar a opposição cega do governo tzarista a qualquer reforma pedagogia por mais neutra, philantropica e sem cor politica. SCHATZKY, por exemplo, foi um dos primeiros introductores do "football" na Russia, innovação essa que lhe valeu varios mezes de cadeia, por julgarem as autoridades ser o fim do jogo treinar os jovens no lançar bombas com mais acerto.

Mais decisiva ainda foi a frustração dos ideaes pedagogicos pelas condições sociaes e economicas. Pois, convem, segundo SCHATZKY, distinguir a educação menor ou escolar da maior ou mais influente, emanando da familia e das condições geraes do ambiente social. Vendo o seu trabalho de educação progressiva escolar solapado pela influencia do ambiente, não obstante as condições experimentaes favoraveis, foi esse educador levado á idea da collaboração harmoniosa necessaria entre a escola progressiva e a sociedade. Tornou-se, porém, communista ao verificar que o maior obstaculo á reforma socializadora escolar era precisamente o ideal egoista e os methodos individualistas inculcados pelo regime da propriedade particular. (14)

Donde se viu obrigado a confiar na escola e... no governo para a reforma da sociedade no sentido communista !

Com razão acha DEWEY essa historia "typica" e "symbolica" ! Não se pode melhor illustrar a evolução do utopismo liberal pedagogico para o bolchevista.

PEDAGOGIA SOVIETICA

Nihil novi sub sole! O utopismo liberal, fundado apenas na criança e no ambiente "purificado" da escola foi reforçado pelo accrescimo do factor politico e economico: influencia do governo e lucta das classes. Mas, não deixa

(11) *Impressions of Soviet Russia*, 1929, cap. 4. DEWEY não cita nomes, mas o contexto e outras fontes historicas da pedagogia russa estabelecem a concordancia. cf.r DEWEY, o.c. p. 123 e W. ZENCOWSKY (trad. Ph. Jaufmann) *Die russische Paedagogik seit 1900* em *Die Paedagogick der Gegenwa't* vol. I, 1933, p. 233).

(12) SCHATZKY collaborou com outro russo, o engenheiro ZELENKO, fundador dum *settlement* para a criação de jardins da infancia e clubs infantis nos moldes americanos.

(13) Confessa-o o proprio DEWEY, pag. 64, cfr. pp. 91, 101, 90, 105, etc.

(14) DEWEY, o.c. pp. 70-71.

de ser utopismo por ser naturalismo e pretender a perfeição sobrenatural com meios puramente naturaes ou até violentos.

“A escola” — diz o programma communista — “deve ser o instrumento da transformação social communista”.

Não basta a transformação pedagogica liberal. E' utopico pretender reformar moralmente a criança por influencias meramente culturaes e educativas. Impossivel melhorar as almas humanas sem mudança radical da base economica”. Em vez da reforma pedagogica liberal, partindo da criança, a revolução e a lucta social, segundo as exigencias do estado communista. (PISTRAK) (15).

Para reformar communisticamente a sociedade, urge aproximar a escola e a vida, até confundir ambas e destruir o character proprio da escola. Dahi a propaganda pela escola do trabalho (já apregoada pelo liberalismo), pela cultura geral “polytechnica” (KRUPSKAJA) e pela industrialização da escola (BLONSKY). SCHULGIN propoz a “Morte da escola” que está certamente na logica da “escola—vida e não preparação para a vida” mas não foi acceita pelo partido communista, razão pela qual foi abandonada por KRUPSKAJA e KRUPENINA (16).

Nada de admirar, emfim, no successo, aliás ephemero, de certos methodos da “escola nova” liberal, adaptados á mentalidade communista (17)”.

Não nos interessa prolongar um capitulo conhecido da pedagogia russa, senão mostrar como o liberalismo de DEWEY, bem como o de TOLSTOI, facilmente nos levaria ao communismo pedagogico.

Segundo o philosopho norte americano (18): o caracteristico da educação sovietica não é o embutir a escola na vida, senão a organização official da educação progressiva. O segredo do desenvolvimento rapido dessa educação na

(15) Discurso de Leipzig, 1928, apud Zenkowsky, l. c. p. 244.

(16) O decreto de 25/8/32 sobre os programmas e o regime escolar primario e secundario reagiu contra a imixtão dos organismos politicos na vida escolar (Konsomol, associação dos atheus militantes, etc. por esta prescripção formal “Le Comité Central (executivo do Partido Communista) fait une obligation absolue aux Commissariats du Peuple á l'Instruction Publique et á leurs organismes d'assurer, dans le travail scolaire, la prepondérance du personnel enseignant”.

(17) O mesmo decreto manda, contra os abusos dos methodos novos. “La forme fondamentale d'organisation de l'enseignement á l'école primaire et moyenne doit être la leçon donnée devant un groupe déterminé d'élèves, suivant un programme nettement défini”... “Le maitre est tenu d'exposer de façon logique systematique la matiere qu'il enseigne, en apprenant aux enfants a se servir des livres et des manuels...” (v. texto official e commentario em “La vie intellectuelle, 25 Novembro, 1932, p. 58).

(18) DEWEY, Impressions of Soviet Russia, sobretudo cap. 5: New schols for a new era, e cap. 6. The great experiment and the future.

Russia “está no facto de que os proceres educacionaes puderam dar á phase economica e industrial o logar central que esta occupa na vida hodierna. Nesse facto está a grande vantagem conferida pela Revolução aos reformadores pedagogicos da Russia, sobre os demais no mundo.

Eu não vejo como algum reformador educacional honesto, nos paizes occidentaes pode negar que o maior obstaculo pratico á introducção da connexão entre a escola e a vida social, por elle desejada, é a preponderancia, em nossa vida economica, da competição pessoal e a ansia do lucro particular. Esse facto torna quasi imprescindivel proteger, em seus aspectos importantes, as actividades escolares dos contactos e connexões sociaes, em vez de organizar estas actividades em ordem a produzir taes contactos.

Basta a situação educativa russa para converter alguém á idea de que só em sociedade baseada no principio cooperativo, os ideaes dos reformadores educativos podem ser adequadamente realizados.” (19)

Sociedade cooperativa não é necessariamente comunista, podendo ser christã, regida por justiça e caridade. Mas como dessa não cogita DEWEY, não ha, praticamente, como escapar ao socialismo (nacionalista) ou ao communismo.

Accresce que o communismo é tentador, pois, o marxismo, pela industrialização socialista da escola, apenas reforçou a idea americana “burguesa e reformadora” do trabalho productivo (20). Conforme o *systema* dos complexos, adaptação comunista do methodo dos projectos (21) as materias do ensino devem ser escolhidas em ordem a melhorar a situação economica local e nacional. Dest’arte, os professores devem ser iniciados nos planos economicos do governo. Pode um educador de paiz burguez invejar aos collegas russos esse accrescimo de dignidade pela participação nos planos de desenvolvimento social da sua terra. “Tal educador (burguez) difficilmente pode evitar de perguntar no seu intimo se essa participação é só possivel num paiz em que a industria é funcção publica e não empresa particular. Pode ser que não encontre uma resposta certa ao quesito; mas a presença continua da questão no seu espirito lhe servirá por certo de estímulo que abre os olhos”. (22)

O communismo tambem rematou a idéa americana do *self government* dos alumnos. No principio, houve excessos e abusos, mas estes vão sendo eliminados por uma concepção da autonomia disciplinar, que longe de imitar artificialmente

(19) DEWEY, o.c. p. 85-86

(20) *ibid.* p. 90-93.

(21) *ibid.* p. 100-104.

(22) *ibid.* p. 100

a democracia politica dos adultos, ou servir apenas á escola, pretende beneficiar toda a vida social. DEWEY affirma ter achado “as crianças das escolas russas muito mais democraticamente organizadas do que as nossas” (americanas).

“Pelo *systema* da administração escolar, recebem ellas um treino que a habilita, por modo muito mais *systematico* do que em nosso paiz que se diz democratico para a ulterior participação activa no governo responsavel de comunidades e industrias locais” (23).

“Comquanto um visitante americano possa sentir algum orgulho patriótico em notar a grande influencia do impulsé inicial oriundo de certa escola progressiva de nosso paiz, o elle, no emtanto, logo humilhado e estimulado a envidar novos esforços, ao ver como a idea (progressiva) é muito mais originalmente incorporada no *systema* russo do que no nosso”.

“Mesmo não concordando com os educadores communistas affirmando que os ideaes progressivos dos educadores liberaes actualmente só podem ser executados num paiz submettido á revolução economica no sentido socialista; comtudo elle ha de ser forçado a fazer exames de consciencia (*scarchings of heart and mind*) indispensaveis e salutaes”. Em qualquer caso, DEWEY, julga lamentavel a separação isolando artificialmente “os educadores americanos daquelle *systema* educativo em que as nossas idéas confessadamente progressivas e democraticas são concretizadas do modo mais perfeito possivel, e de qual por conseguinte podemos, querendo, aprender mais que do *systema* de qualquer outro paiz”.

Por onde se explicam, segundo DEWEY as criticas dirigidas á Russia sovietica, por causa da “americanização” demasiado ardente da tradicional cultura europeá (24).

Por nossa parte, não nos furtamos á idéa de que tal “americanização” é o communismo em potencia, pois não ha nella barreira alguma intransponivel ao communismo.

DEWEY, na verdade, não acredita em evolução necessaria do liberalismo para o communismo. Este ultimo não passaria duma experiencia interessantissima cujo resultado não será o regime planejado pelo marxismo, senão provavelmente uma sociedade realizando os ideaes democraticos familiares de liberdade, igualdade e fraternidade, tendo por base a cooperação voluntaria, a direcção e fiscalização da industria pela união dos trabalhadores, a abolição da propriedade particular, senão de facto ao menos emquanto instituto fixo, e sobretudo a possibilidade de cultura para todos (25).

(23) Ibid. p. 104-106.

(24) Ibid. p. 106-108.

(25) *ibid.* p. 113-116.

Tudo isso, além de não discrepar essencialmente das promessas do materialismo historico, ainda não justifica os horrores da experiencia bolchevista, ameaçando transformar em vastos matadouros as grandes capitaes europeas (26)... e americanas.

O communismo, diz levianamente DEWEY, é uma experiencia importantissima, para sabermos, por exemplo, em que sentido a propriedade particular e a familia historica são factores naturaes ou accidentaes, socializadores ou anti-sociaes (27). No emtanto, por motivos egoistas, prefere o pedagogo norte-americano que tal experiencia se effectue na Russia e não nos Estados Unidos (28).

Eis ahi, pois, a que "experiencias" nos leva certo pragmatismo naturalista e pedagogico, bastante apregoado no Brasil, e que pretende experimentar... á custa dos outros!

* * *

Felizmente, existe "le pragmatisme qui se moque du pagmatisme" (Garrigou-Lagrange). O mundo não precisaria do experimento sovietico para chegar ao verdadeiro humanismo cooperativo, se em vez de tentar o dominio da materia e da machina, tivesse elle seguido a "escola nova" de Christo, muito mais experimental e progressista do que a "socialização" reformadora, liberal ou communista.

Escola nova, dizemos, pois: "não vos conformeis a este seculo, mas *reformaes-vos em a novidade do vosso espirito*, para que reconheçaes qual é a vontade de Deus, o bom, e o agradável, e o perfeito... Assim como em um corpo temos muitos membros... assim, ainda que muitos, *somos um corpo em Christo, e cada um de nós membros uns dos outros*" (Rom. cap. 12).

Progressiva: "Mas, praticando a verdade na caridade, *cresçamos a todos os respeitos* naquelle que é a cabeça, Christo" (Ephes., 4, 15).

Experimental: "Afim de que possaes compreender com todos os santos qual seja a largura e o comprimento e a altura e a profundidade. E conhecer o amor de Christo que excede todo o entendimento, *para que sejaes cheios de toda a plenitude de Deus*". (Ephes., 2, 18-19).

Ha, por certo, no communismo valores e fins genuinamente humanos, porém, todos esses bens a tal ponto se acham "atomizados" (29) e mergulhados num diluvio de abusos,

(26) *ibid.* p. 132-133.

(27) *ibid.* p. 78-116

(28) *ibid.* p. 114.

(29) Jos. Schroeteler, S. J. "*Ist eine Zusammenar'beit der Paedagogen verschiedener Weltanschauung moeglich*" em *Internationale Zeitschrift fuer Erziehungswissenschaft*, 1931-32 4es. Heft p. 653.

erros e crimes que seria perfeita loucura submeter-se a tal experiencia social e pedagogica.

Cooperação social e cultura para todos é o lemma invariavel do christianismo: “Ide contar a João o que ouvistes e vistes: o evangelho é annuciado aos pobres”. (Math., 11, 4-5)—“Porque o que foi chamado no Senhor quando captivo, é liberto do Senhor; e igualmente o que foi chamado sendo livre, é servo do Christo”. (Cor., 7, 12) —“Supposons qu’un jour le moindre ouvrier possede cette culture intellectuelle que nous appelons aujourd’hui superieure, analogue á celle qu’on acquiert actuellement dans les universités; que cet ouvrier gagne de quoi vivre dans l’aisance en travaillant deux heures par jour a une occupation facile,—en surveillant une machine; que le reste de sa journée soit consacré a la culture de son esprit, a l’exercice physique non remunerateur, a l’éducation de ses enfants, a la priere et au soin de sa vie morale, alors et alors seulement on pourra dire que l’homme est civilisé”.

“Les hommes n’arriveront a la civilisation... que... dans la mesure ou ils se convertissent au Christ”. (Abbé J. Leclercq). (30)

Restaurar o humanismo christão na educação brasileira, eis ahi, pois, tarefa muito mais urgente do que a installação da “Universidade technica” (attentem na terminologia de sabor sovietico!)—projectada pelo governo federal. (A revolução e o ensino, Jornal do Commercio, Rio, 17-9-33 p. 5).

O IDEALISMO PEDAGOGICO RUSSO

No intuito de novamente unir a escola brasileira a vida genuinamente humana e christã, não é sem interesse informarmos do idealismo pedagogico russo, empenhado em resolver organicamente, sem exaggeros desastrosos, a antinomia entre a escola e a vida, criada pelo individualismo isolador.

Nesta ordem de idéas, prescindimos do idealismo de M. M. RUBINSTEIN e S. J. HESSEN, que nos parece puramente racionalista e praticamente esteril.

Attrahenos pelo contrario o idealismo pedagogico de inspiração religiosa e orthodoxa.

Entre os precusores da renascente orthodoxia pedagogica russa, mencionámos no seculo passado USCHINSKY, ao qual convem acrescentar RATCHINSKY, professor de botanica na universidade de Moscou, que, renunciando á cathedra e á sciencia, se dedicou á educação religiosa, fundando na aldeia uma escola popular orthodoxa. Quanto á religiosidade de TOLSTOI e seus discipulos, foi antes um moralismo abstracto que uma religião deveras pessoal e viva.

(30) Crise économique et civilisation, em La Vie Intellectuelle, Mai, 1931, p. 298.

No seculo XX, nenhum representante notavel da pedagogia religiosa nas academias ecclesiasticas russas. (31) Merece menção o sacerdote G. PETROW, pela vulgarisação educativa e popular da doutrina orthodoxa. Depois da revolução sovietica, surgiu a reacção ecclesiastica. No *Instituto theologico* orthodoxo de Paris, a theologia russa conheceu notavel rejuvenescimento. No dito instituto, fundou-se um *bureau de pedagogia religiosa*, coadjuvado pelo movimento estudantino christão russo. Os representantes da pedagogia religiosa russa, são, alem do prof. ZENKOWSKY, o arcipreste S. TSCHETWERIKOWA, L. A. ZANDER, J. A. LAGOWSKY, A. S. TSCHETWERIKOWA, N. N. AFANASIEW, S. S. SCHISTLOWSKY, etc., etc.

Os principios basicos do ensino de ZENKOWSKY podem ser resumidos desta maneira:

1.—Urge vencer a secularização educativa e o naturalismo pedagogico que lhe serve de principio inspirador. Não ha no homem o “mal radical”, de KANT nem a “bondade natural” de ROUSSEAU. O homem, apesar de peccador traz em si a imagem divina. Fim e postulado da pedagogia é a libertação e o desenvolvimento da imagem de Deus na criança, preparando esta ultima juntamente para a vida temporal e eterna. Ora, tal fim não pode ser conseguido fora da Igreja.

2.—A educação integral não é sobretudo physica nem psychica, senão espiritual ou religiosa. Não deve ella ter como base essencial o desenvolvimento physico, nem mesmo a evolução moral (anomia, heteronomia e autonomia de HESSEN) senão principalmente as phases do crescimento religioso e espiritual.

3.—Papel da escola é educar integralmente, preservando a criança do “rethorismo”, do scientismo abstracto e do moralismo esteril, mas desenvolvendo incondicionalmente as suas energias spirituaes e religiosas. A escola é, pois, função da vida, mas não a sua reformadora, porque, devendo ser

(31) De 1861 a 1917, os seminarios e academias ecclesiasticas da Russia foram centros de propaganda socialista revolucionaria. Os seminaristas e theologos frequentemente attentaram contra a vida dos superiores ou puzeram fogo no seminario. Varios professores de theologia andaram implicados no movimento. Em 1904, os seminaristas de Kontais, com a cumplicidade das moças radicalistas dum pensionato visinho, profanaram o quebraram os vasos sacros, lançando na privada os iconos. O sal da terra, corrompido, ia ser pisado pelos homens (Math. 5, 13). Mas, quando a revolução bolchevista mostrou a verdadeira face, muitos clerigos, bem intencionados e desiludidos, voltaram corajosamente ao evangelho. Entre os 1.200 sacerdotes russos, victimas do communismo, alguns são verdadeiros martyres de Christo. Ver MIKHAILOV, artigo citado.

christã, essa reforma da vida pertence, propriamente, á Igreja.

Donde resulta ser confessional a verdadeira escola, o que não importa em submissão administrativa á Igreja ou preponderancia das materias religiosas, mas em penetração do espirito ecclesiastico em todas as phases da vida e estructura escolar.

Deste modo, elimina-se a secularização e o utopismo pedagogico. Para tal fim, mister se faz o união da escola á familia e á sociedade na obra de rechristianização pela Igreja. As crianças devem ser compenetradas da sua vocação de soldados do christianismo destinados a reduzir a natureza á submissão livre á graça do Christo. A liberdade da criança não é, portanto, submissão á natureza ou ao sentimentalismo impressionista, senão submissão espontanea da vida natural á Igreja de Christo, ou liberdade dos filhos de Deus. A educação intellectual, technica, moral e social, artistica e esportiva, são tantos meios de conseguir o fim principal que é a victoria sobre o naturalismo.

A união da escola á vida e a descoberta da verdadeira escola unica ou integral é o problema basico da moderna pedagogia. Pelo que se explica a luta actual entre o campo religioso e o antireligioso na moderna pedagogia russa. E' de crer que a evolução desta ultima, por fim nos levará ao triumpho dos solidos e eternos principios da Igreja de Christo, apóz aproveitamento e assimilação de todas as investigações valiosas no dominio scientifico-experimental e philosophico.

Deus ouça os nossos irmãos orthodoxos da Russia !

CONCLUSÃO

Aqui no Brasil, parece inadiavel uma vigorosa restauração organica e não apenas pragmatista ou ecclectica, da pedagogia christã e catholica. Pois, no ensino primario, o liberalismo educativo, importado de Nova York, Bruxellas ou Genebra, vae grassando por toda parte. No ensino secundario, a "republica velha", sob a influencia do comtismo, foi desmoralizando progressivamente e abolindo os poucos vestigios das verdadeiras humanidades classicas, substituindo-lhes um mystiforio inominavel, feito de bacharelise verbalista e scientismo utilitario.

A reforma *Francisco Campos* é simples copia do liberalismo yankee. Muitas vozes já defendem o curso secundario de base commum para operarios manuaes e intellectuaes, sob pretexto de eliminar privilegios de classe e proporcionar cultura para todos. Mas não será tudo isso, na verdade, apenas um começo de "polytechnização" e "industrialização" da escola secundaria, á moda dos Soviets ?

O discurso do sr. GETULIO VARGAS, na Bahia, se de um lado preconiza o desenvolvimento da propriedade particular e propõe com razão trocar a bacharelise administrativa pela competencia profissional e technica, por outro lado não teve uma palavra sequer para, consoante ao decreto federal sobre o ensino religioso, salientar os valores educativos espirituaes e divinos, accentuando-lhes a influencia profunda no reerguimento moral e economico da nação !

Já em 1856, o PE. GAGARIN, russo convertido, em *La Russie será-t-elle catholique?* affirmava que a sua patria havia de ser catholica ou revolucionaria. O bolchevismo de 1917 confirmou a previsão.

Não se poderá formular a mesma disjunctiva em face do Brasil e do Mundo?... Lembrem-se todos, adverte a encyclica *Quadragesimo Anno*, que do socialismo educador foi pae o liberalismo, será herdeiro legitimo o bolchevismo.

UM MODO NOVO DE CONSTRUIR IGREJAS NO BRASIL

MONS. JOAQUIM NABUCO

Em Março de 1932 o Senhor Henry Sloper me escrevia communicando-me a sua resolução de construir uma igreja no alto de Teresopolis em memoria de sua carissima consorte. A idéa era esplendida. O Alto merecia uma igreja digna do seu clima e do seu panorama. A actual capella de Santo Antonio, em pessimo estado de conservação e por demais pequena, está, além do mais, fóra do centro e mal situada em meio de rua. A nova deveria ficar na avenida principal, de acesso facil, mas ao mesmo tempo num ponto alto, de modo a dominar o panorama em torno; perto dos hotéis e da estação, e no entanto bastante longe para garantir silencio em redor do local, questão essencial. Numa visita a Teresopolis, e de accordo com o doador, o terreno foi logo escolhido: depois de levantada a igreja, parece que melhor não poderia ter sido a escolha. Houve demora, independente da vontade do Sr. Sloper, em conseguir a compra do terreno desejado, e só em Novembro de 1932 foram as negociações terminadas.

Depois da escolha do terreno, vinha a escolha do architecto, sendo possivel alguém com pratica das melhores escolas europeas, alguém que fosse artista e architecto, que desse o mesmo cuidado ás linhas geraes, ao levantamento das paredes e a todas as minucias do mobiliario e da decoração. Quantas vezes um architecto, depois de levantar as paredes dum bello edificio, vae ver sua obra arruinada pelo mobiliario e pela decoração.

O architecto deveria construir e mobiliar a igreja sob a minha orientação. Apresentei o sr. Anton Floderer ao doador, que o convidou a apresentar um projecto, que foi aceito. A escolha optima ia me dispensar de muito trabalho e garantir uma obra perfeita. A igreja seria pequena, porque a população do logar é pequena e toda a vida de Teresopolis está se concentrando na Varzea.

Pareceu-me occasião unica de apresentar a nossa gente uma igreja catholica com todos os requisitos que deve ter,

capaz de educar o povo e não de lhe seguir o gosto. Quantas vezes ouve-se dizer "o povo quer isto, o povo não quer aquillo", como se fosse o povo que devesse formar o clero e não o clero formar o povo.

Pareceu-me tambem que já era tempo no Brasil de se sair do periodo semi-barbaro do nosso catholicismo popular de fogos, santos de "Carton-pierre", flores de papel e outras exterioridades vistosas e de máu gosto, que tanto distam das verdadeiras normas do christianismo. Se a Igreja Catholica não é iconoclasta, é ainda menos uma religião de exterioridades.

A igreja de Teresopolis necessitava de tecto e de paredes, de linhas e de superficies, mas não obedeceria ao estylo romano ou bisantino, e muito menos ao gothico. O ferro concreto seria usado para conseguir uma nave varrida de onze metros de largo, mas a igreja seria de pedra e tijolo e não de concreto.

Uma larga escada de cantaria de quatorze degráus dá um esplendido accesso á igreja. A altura do logar permite que ella domine a vista apesar de ser de construcção baixa.

Entramos na igreja por um bello portal ogival, todo em cantaria. Uma grade de ferro dá entrada para o *narthex*, nome que se dá ao "hall" de entrada duma igreja. Os antigos nunca dispensavam o *narthex*. De facto não seria de todo conveniente a mudança directa do ambiente profano exterior para o recolhimento interior da igreja. O *narthex* prepara o caminho, para entrar na igreja e em tempo de chuva é um optimo logar de espera, ao mesmo tempo fóra e dentro da igreja.

A esquerda de quem entra, mas á direita da igreja, porque a direita se toma olhando do altar para as portas, damos com o baptisterio, uma das partes mais importantes duma igreja com cura de almas. Um portão de ferro batido que impressiona pelas suas bellas linhas nos dá entrada para a pia de granito que fica nos fundos, dois degráus abaixo do nivel da igreja. Nisto temos muitas lições symbolicas. De facto, além duma piscina ser naturalmente colocada em logar baixo, os nossos maiores entendiam que o peccador devia descer para ser baptisado como Christo desceu ao sepulchro e depois do baptismo subir, regenerado e resuscitado pelas aguas desse Sacramento, assim como Christo subiu depois da sua resurreição.

A direita de quem entra temos uma pequena secretaria ou sala de registo, que permite tratar do expediente, papeis de casamento, baptisados, etc., sem atravessar toda a igreja. O baptisterio e a sala de registos fóra da igreja faz com que se possa baptisar sem incommodar as pessoas que estão na igreja com o movimento e talvez o choro das creanças.

Ao lado da secretaria temos uma escada occulta que dá acesso a um grande côro ou tribuna, que occupa todo o espaço por cima do *narthex* e do baptisterio. Foi collocado o mais baixo possivel (tres metros e pouco de altura). Infelizmente é um erro commum pôr os cantores o mais perto possivel do tecto das igrejas. Um côro grande seria um refugio em occasiões de muita concorrência. Uma grade de madeira evita que os cantores (e as cantoras) façam exhibições pessoaes durante as funcções liturgicas—serão pouco vistas.

Entramos na igreja. Impressiona numa igreja tão pequena a grandeza da nave. Tudo foi calculado para dar impressão de amplidão. A nave é varrida, nada a interrompe. Dos dois lados, imbutidos na parede, como parte do todo architectonico, dois confessionarios onde o confessor e o penitente podem até falar alto sem preigo de serem ouvidos de fóra; confissionarios commodos, com ventillação directa e luz electrica onde o padre pode ficar horas á vontade.

Imbutidas nas paredes—tudo é imbutido nessa igreja, mesmo porque não havia espaço a perder—as quatorze estações da Via Crucis. Bello trabalho original em granito fundido feito pelo artista viennense Grosman. Quantas vezes horriveis estações em molduras penduradas estragam bellas paredes! Entre as estações, as doze cruces da sagração,—porque a igreja deve ser sagrada (e não sómente benta como se usa fazer entre nós) no mesmo dia de sua inauguração.

Do lado do evangelho, tambem como parte do todo, um pulpito baixo possivel—o pregador deve se fôr em contacto visual com seu auditorio.

Mas uma igreja catholica se faz por causa do altar, simplesmente para cobrir o altar. O altar é tudo numa igreja porque o sacrificio eucharistico é tudo na Liturgia. Em Teresopolis as linhas todas convergem para o altar. Mas este é simplesmente um altar, isto é, uma mesa sacrificial para celebração da Eucharistia. Directamente em cima da mesa, que naturalmente é de marmore, estão collocados, sem mais, os seis (só seis) castiçes, o tabernaculo e a cruz. O altar, portanto, não é uma imponente serie de degraus para exhibição dum sem numero de castiçes e de jarras de toda especie de metal, dispostos em escadarias de degraus tambem de tamanhos diversos. Muito menos é o altar uma exposição de marmores variados. Nem tão pouco encontrará o visitante uma serie de nichos de todos os tamanhos com santos pintados. Nada disso em Teresopolis, porque tudo isto é liturgicamente absurdo. Um altar é uma mesa e não um deposito de castiçes e de jarras, nem um lugar de exposição de estatuas. Quem está habituado com altares que são construcções phenomenaes, chegando até o tecto, ou quasi, pensará talvez que o altar da nova igreja é protestante.

Pode, porém, se tranquilisar porque a igreja, apesar de ter sido doada por um protestante em memoria de sua mulher catholica, é catholica em toda a linha.

Atraz, independente do altar, na propria parede, dominando todo o edificio, surge a figura do Mestre Divino em mosaico de louça; obra do Grosman; Jesus "dominator orbis", Jesus, Rei e Senhor. Não é o Christo Rei que costumamos ver paramentado com corôa e sceptro. As dimensões e linhas do logar e o material um tanto ingrato de que se serviu o artista exigiram por parte d'elle o sacrificio de toda ornamentação. Um bello contraste de côres, porém, faz com que a figura de Christo domine. E' o que eu queria.

A igreja é pequena e não ha logar para muitas imagens além das estações e dos vitraes. Por isso não as haverá. Os santos principaes e mais populares estão bem presentes em dezeseis vitraes. Santo Antonio, Patrono de Teresopolis e em cuja honra foi construida a primeira capella do Alto, tem uma estatua em granito fundido, num pedestal á entrada. A direita uma pequena capella é consagrada á divina maternidade da Virgem e assim temos juntas as duas festas introduzidas recentemente por Pio XI.

Todo o mobiliario foi estudado e desenhado pelo Architecto; todo elle estudado nos seus pormenores, dos quaes alguns foram muito felizes, como as estantes e os castiças. Nada foi feito por catalogo, nem nada comprado prompto. Tudo foi feito de encommenda.

E o interessante é que, apesar de ser tudo do bom e do melhor e tudo de acabamento perfeito, sem differença de cuidado entre coisas grandes e pequenas, o total do seu custo ainda não chegou a trezentos contos.

Nos nossos dias infelizmente, temos mercantilismo demais no mobiliario e na decoração das igrejas. Para justificar o mercantilismo, o catalogo, a coisa já feita, muitos appellam para a falta de meios. Eu, cada vez me convenço mais, que é pelo contrario muito mais barato mandar fazer do que comprar feito. A razão, porém, do mercantilismo, é outra. E' que muitos não sabem, nem como, nem onde, mandar fazer. E' mais facil entrar numa loja e sair com o que se viu na vitrina.

Fundou-se nos Estados Unidos, ha tres annos, uma sociedade de architectos e artistas liturgicos para promover a construcção e a ornamentação liturgica das igrejas catholicas, porque mesmo lá ha igrejas monstruosas, e muitas vezes as mais caras são as mais monstruosas. Em tres annos de vida a Sociedade "Liturgical Arts" já fez prodigios, conseguindo orientar muitos parochos que tinham que construir igrejas, mas que em materia de arte da construcção e decoração liturgica, dispunham apenas de boa vontade.

Nós aqui estamos ainda muito longe de poder começar sociedade semelhante, mas nem por isso devemos deixar de trabalhar.

A igreja do Alto de Teresopolis ahi fica, em testemunho vivo de como se deve construir uma igreja catholica e liturgica, e tambem para mostrar o muito que se pode fazer com relativamente pouco dinheiro se se souber aproveitar todos os recursos possiveis. Fica tambem como um bello exemplo da generosidade de um coração magnanimo. Oxalá seja esse exemplo seguido por outros.

Rio de Janeiro, 13 de Setembro de 1933.

SCIENCIA E RELIGIÃO

OSCAR MENDES

Hilaire Belloc que é, com Chesterton, das maiores culturas e das mais lúcidas intelligencias do laicato católico inglês, em livro famoso, levantou o cadastro dos velhos erros agressores da Igreja e dos novos ataques suscitados nos nossos dias, todos mais ou menos identicos e todos sempre rechaçados através dos tempos.

Entre outros, avulta pela sua tenacidade em viver e pela barulheira escandalosa que lhe é congenita, o da condenação da Religião pela Ciencia. Faz ele parte, como muitos outros, do acervo de quinquilharias que nos herdou o famigerado século XIX, esse "século das luzes", em que brotou da cabeça de certos sábios a incrível moral científica, e em que a ciencia foi elevada a idolo, incensado e cantado pelos Haeckel, pelos Renan, pelos Berthelot, com o côro possante dos sabios de segunda.

O cientificismo balôfo e orgulhoso saiu dos gabinetes e laboratórios e afirmou ao mundo, boquiaberto de ignorancia e maravilha ingênua, que a Ciencia vinha substituir a Religião, principalmente a católica, que entre ambas a luta seria de morte, adversárias inconciliáveis que eram. Os inimigos da Igreja tripudiaram. Nos fundos das "lojas", os compassos e esquadros tilintaram, alvoroçados. Nos candomblês espiritas, as mesas pés-de-galo dansavam *cake-walks* de satisfação.

Mas os anos decorreram e, embora o vozerio continúe, o trombeteado conflito entre a razão e a fé, entre a ciencia e a religião, não passou dum jacto de gás hilariante lançado á face do mundo do bom-senso. Porque esse conflicto não foi mais que um ataque do velho ódio sectário contra a Igreja, mascarado com a fisionomia grave e misteriosa da Ciencia. Ele não podia verdadeiramente existir, dada a diversidade de planos em que agem as duas pseudo-inimigas e a disparidade de fins que colimam.

A falsa lei dos tres estados de Comte, que foi para muitos o dogma irrefutável da época, já passou de moda. A Ciencia não é o último estágio do conhecimento humano.

Ela pode coexistir, como coexistiu e coexistirá, com a Religião e a Metafísica. Os que quizeram e querem fazer da Ciência arma de arremesso contra a Religião não falam em nome da verdadeira Ciência, mas delle se utilizam para mascarar a careta de ódio do seu sectarismo. Porque conflicto se o dominio de ação de uma nada tem que ver com o da outra?

A Ciência de hoje não tem mais aquele orgulho vão que lhe emprestavam os cientificistas pretéritos, de ser o conhecimento total do mundo. Ela própria limitou, modestamente, o ambito de seu alcance. E' Berthelot, um de seus mais acérrimos epigonos, e tipo do sábio desviado e sectário, quem o afirma: "A ciencia positiva não trata nem das causas primeiras, nem do fim das cousas; mas age estabelecendo fáto e ligando-os uns aos outros por meio de relações imediatas".

A ciencia não é, pois, o conhecimento total. E' apenas, uma parte do conhecimento: o conhecimento do fato, o conhecimento experimental. Mas este não esgota o conhecimento do homem e da natureza. O estudo dos fenômenos é apenas o estudo de uma manifestação da substancia dos sêres, da sua essência. E as causas e os fins? Esqueceram-se eles do que dizia o estranho Hamlet, de Shakespeare:

"Ha mais cousas no céu, há mais na terra,
Do que sonha a tua vã filosofia".

A Ciência não cogita das causas, não cogita da finalidade, mas as causas existem, as finalidades existem. Logo, ela não alcança a realidade toda. O horizonte de sua observação é estreito, é parcial, é limitado. Apenas quer estudar as causas segundas. Acha que o restante não lhe compete.

Ora, é justamente onde pára a ciencia e se recusa a ir mais adiante, que a Religião inicia seu dominio. Os seus problemas transcendem do campo científico e não podem ser solucionados pelos mesmos métodos. Problemas diferentes, métodos diferentes. Não póde haver conflito. Uma estuda o *como* dos fenômenos. A outra, o *porque* e o *para que*. Os objetivos são diversos. Como diz o cardeal Cerejeira: "Pelo objeto, a Ciência ocupa-se do *mundo dos fenomenos*, cuja ordem de coexistencia, dependencia e sucessão procura determinar; a Religião resolve o *problema do nosso destino*, irredutivel a toda a análise experimental.

Onde, pois, o conflito? E quando houver, é que qualquer das duas exorbitou dos seus limites. Aliás, é este o pensamento mesmo da Igreja Católica, neste passo das decisões do Concilio do Vaticano:

"Nenhum verdadeiro desacordo póde existir entre a fé e a razão. Não só a fé e a razão jamais podem estar em desacordo, mas elas próprias se auxiliam mutuamente; a reta razão demonstra os fundamentos da fé, e, esclarecida

por sua luz, desenvolve a ciencia das cousas divinas. . . Longe de se opor ao estudo das artes e ciencias humanas, a Igreja o favorece e propaga de mil maneiras; porque ela não ignora, não despreza as vantagens que dele resultam para a vida humana. Não proibe certamente que cada uma das ciencias, de seus proprios principios e de seu método particular; mas ao mesmo tempo que reconhece essa justa liberdade, véla com cuidado para que nenhuma delas sustente téses em opposição á doutrina divina, ou que, ultrapassando os respectivos limites, venha invadir e perturbar o que é do dominio da fé”.

De modo que, esse pseudo-conflicto só é discutido ainda hoje, com encarniçamento, por certos alunos de ginásio, por muitos cientistas em rama e livres-pensadores aposentaveis, e por alguns autênticos sábios, mas que o fazem não do ponto de vista propriamente científico, mas do de suas convicções filosóficas, o que é bastante diferente. Porque é a própria Ciencia, pela boca de seus maiores cultores, que se ergue para desmenti-los e contraditá-los.

E' Cauchy, o introdutor dos imaginários na análise matemática, exclamando: “Sou cristão, isto é, creio na divindade de Jesus Cristo, com Tycho-Brahé, Copérnico, Descartes, Newton, Fermat, Leibniz, Pascal, Grimaldi, Euler, Guldin, Boscowich, Gerdi, com todos os grandes astrônomos, todos os grandes fisicos, todos os grandes géometras dos séculos passados. Sou mesmo católico, com a maior parte deles, e, se me perguntassem a razão disto, dá-la-ia de boa vontade. Ver-se-ia que as minhas convicções resultam, não de preconceitos de nascimento, mas de exame aprofundado”.

E' Ampère, o teorizador da eletro-dinamica e do eletromagnetismo, dizendo a Ozanam, enquanto trabalhava: “Como Deus é grande, Ozanam, como Deus é grande!”

E' Chevreuil, luminar da quimica organica, escrevendo: “Os que me conhecem, sabem que, tendo nascido católico e de pais cristãos, vivo e quero morrer como católico”.

E' Jean-Baptiste Dumas, o fundador definitivo da quimica inorganica, afirmando: “O Deus da Revelação é o mesmo que o da natureza. . . A Ciencia não mata a Fé, e a Fé ainda menos a Ciencia”.

E' Pasteur, o grande Pasteur, afirmando no seu discurso de recepção na Academia Franceza, diante do apóstata Renan, a sua fé bretã, “depois de ter reflectido e estudado muito”.

E falariam ainda católicos e outros que morreram nos braços da Igreja, como Copérnico, Descartes, Hermite, o matemático; Herschel e Laplace, astrônomos; Le Verrier, o descobridor de Netuno; Henri Poincaré, sábio universal e matemático; Becquerel, verdadeiro iniciador da descoberta da rádio-atividade, Brunhes, Sadi-Carnot, Duhem, Foucault, Lavoisier, Mayer, Deville, Seguin, Thénard, Volta, Barran-

de, Van Bebeden, Claude Bernard, Déchelette, Henri Fabre, Grasset, Laennec, Lapparent, Mendel, João Muller, Schwann.

Robert de Flers, em célebre inquerito, feito em 1926, entre os membros da Academia de Ciencia de Paris, sobre se a Ciencia se opõe ao sentimento religioso, obteve o seguinte resultado:

“Todos sem exceção afirmam que *não há opposição entre a Ciencia e o sentimento religioso* e que os seus respectivos dominios são *distintos*; o maior numero deles reconhece expressamente o *valor e a legitimidade da religião como fonte de vida superior e de moralidade*: alguns, indo mais longe, *condenam até e reprovam* os que invocam a Ciencia para combaterem a Religião, vendo na invocação daquella um *ato de ignorancia* e no ataque desta um *ato condenável*” (A IGREJA É O PENSAMENTO CONTEMPORANEO—Cardeal Gonçalves Cerejeira—p. 53—nota).

E os sábios que, de caso pensado, confundem os dois conceitos de Ciencia e Religião, negando direito de vida a esta ultima, são, no dizer do cardeal Cerejeira, “como um cego que sustentasse que as côres se não podiam ver... porque ele as não vê”.

No Brasil, entretanto, a questão ainda não morreu. Nesse Brasil, em que o sr. Medeiros e Albuquerque, parafraseador de telegramas, é um oráculo em todos os ramos do conhecimento humano, em que o cidadão Manoel Rabelo é filósofo, em que Maria Lacerda de Moura é pensadora e o almirante Thompson é cientista, ainda se faz desse inexistente conflicto escanifrado cavalo de batalha. Pobre Brasil, ferro-velho de todas as ideologias desmoralizadas e capengas!

Felizmente a reação se está fazendo. O nivel intellectual de nossa gente ascende cada vez mais. A rajada de ar puro, que vem saneando o pensamento occidental, chegou até nós. No Brasil já se estuda, com seriedade. As velhas teorias e as velhas frases sonoras se desmoralizam cada vez mais. Refazem-se reputações, põem-se á prova certas glorias, sopesam-se certas culturas. Os autênticos mestres e pensadores são lidos e assimilados. Muitas cousas mudaram. Hoje, por exemplo, apenas certos sabichões empavonados sorriem alarvemente, quando se fala na actualidade de São Tomaz de Aquino.

Nessa renovação da intelligencia nacional, resalta o movimento intellectual católico. A Igreja apparece na sua glória imortal de milenária educadora dos povos. Para esse fóco irradiante de luz, se encaminham todos aqueles espiritos sedentos da verdade total, que o horizonte limitado da ciencia não pode proporcionar. E entre eles, os espiritos moços. A mocidade se agita por toda a parte. Especialmente a mocidade católica, que despertou do marasmo em que vivia, e hoje se afirma, decidida e franca.

E essa mocidade estuda. E essa mocidade aprende. E essa mocidade quer também dizer sua palavra de ordem na confusão nacional. Ela desperta para a luta das idéas, ao chamado de seus bispos, de seus sacerdotes, de seus chefes leigos. Ela ouviu a palavra inquietadora de Jackson, que as ondas afogaram; a voz de Felício, que os anos não enrouqueceram. Ela escuta todas essas vozes dos chefes do laicato católico, que vêm reboando pelo Brasil inteiro, como um éco imortal da voz intrépida de D. Vital, que a garra adunca da maçonaria não conseguiu estrangular.

Só os Joões Ribeiros do Brasil não compreendem o que significa esse clamor imenso que se eleva dos quadrantes de nossa patria. Só os inimigos da Igreja riem, escarninhos. Não enxergam eles os prenuncios da Renovação. Não vêem eles, os cégos voluntarios, que como já dizia Ollé-Laprune, no fim do século passado, "o pensamento moderno volta a Cristo, e Cristo vai retomar o imperio".

CARTA DO EXILIO

SEVERINO SOMBRA

Dentro em breve, se Deus quizer teremos por aqui de novo o nosso Severino Sombra, alma ardente de catholico e brasileiro, que tem nesta casa, em cada um de nós, um amigo e um companheiro muito de coração. Folgamos hoje em commetter uma pequena indiscreção, publicando esta bella carta que dirigiu ha pouco do exilio á sua Mãe e que é uma pagina da mais alta espiritualidade e que edifica profundamente a todos que a lerem. Revelar assim thesouros de um coração de verdadeiro crente, é a melhor homenagem que A ORDEM póde prestar a um companheiro como Severino Sombra.

Lisbôa, 15 de 8 de 33

Mãe adorada.

Comoveu-me muito sua ultima carta. A mamãe mostra-se mais abatida do que nunca.

Que sorte a nossa de estarmos sempre afastados um do outro! Para que consequencias Deus encaminhará as nossas dôres em Seus planos divinos?

Ha dias, venho lendo trechos da Vida de Elisabeth Leseur—esta mulher admiravel que offereceu seus cruciantes soffrimentos para conversão do marido. E' elle mesmo—hoje, padre pregador—quem conta o martyrio da esposa.

Que posso eu offerecer para lenitivo de suas tristezas? Que merecimentos poderia ter, por acaso, capazes de augmentar o valor de sua vida santa? Que voz faria eu junto ás vozes de sua perfeição? Porque não se enternece Deus que as ouve afflictissimas? Julgal-O máu, suppol-O injusto, além de blasfemia ante a Fé, seria estultice ante a razão natural. Que pensar então?

No thesouro que a Providencia Divina accumula para pesar num futuro que ella divisa e comprehende—nisto sim é que devemos pensar.

Essa fé aspera de alcançar, é depois leito macio para repouso das dôres. Deus quer este abandono á Sua vontade. Tentar agarrar-se ao que passa para indagar do destino;

parar em meio ao soffrimento para prescrutar seu fim; procurar lenitivo na illusão de que a tristeza é passageira—tudo isso é humano mas—e por isso mesmo—em vão.

E' difficil evitar a contemplação da dôr; nesta contemplação exgotam-se os estoicos e revoltam-se os sem fé. Emquanto emanação—por assim dizer—do homem, ella é corruptora. E' redemptora desde que recebe o raio divino, mas este só desce quando o olhar sobe. Quando o coração abandona a visão magnetica do soffrimento para altear-se ao seu impulso, então a dôr tem um significado e um merito. Quantos sabem aproveitar as proprias penas? Deixar-se envolver é ester-torar, é asfixia moral. Fazel-a pedestal, ou antes genuflexorio é santificar-se.

Santifique-se ainda mais a Mamãe no genuflexorio de suas dôres, abandonada ao mysterio divino e á sua caridade.

Seu filhinho, de longe, na pequenez dos seus meritos, acompanhal-a-á como um devoto á sua santa nas procisões.

Elle quer sempre vel-a, alta e bella, sobrepairando, numa progressiva espiritalisação. Não deixe que a envolva a nuvem asfixiante do soffrimento que se humanisa. Não sirva á dor, mas sirva-se della. Alteie-se no abandono que se torna esperança, esperança que vem cahir tambem sobre nós que vivemos na raia de suas virtudes. Mãe soffredora de todos nós que vivemos na raia de suas virtudes. Mãe soffredora de todos nós que a acompanhamos e que a fazemos soffrer, seja sempre o exemplo luminoso para todos, o Cyreneu caridosissimo da familia. Se os proximos de hoje forem ingratos os seus rebentos abençoarão a memoria de uma Mãesinha santa. E se a maldade humana a todos perverter, ha Alguem incorruptivel e justo que acolhe de braços abertos os que souberem ser bons. Mãesinha adorada, suba cada vez mais. Quando eu não puder ou não souber amal-a, o meu proprio sub-consciente alumiará uma devoção.

Sinto, miseravel como sou, as suas penas mais para logo offerece-las á Virgem como perolas que só estão bem em suas mãos.

Beijo-lhe as santas mãos abençoadas pela dor e me fio nas graças que ellas farão cahir sobre mim—seu filhinho querido.

O MENINO QUE NASCEU CÉGO

JOSE' MARIZ DE MORAES

Tinha ternuras de poeta agonisante
—Meu Deusinho! Meu Deusinho!
Pedia esmola com os pés descalços
E nos dias de chuva pisava com alegria
As poças d'agua do caminho molhado...
Queria brinquedos como os meninos felizes
Mas, nunca viu as cores do seu boneco pobre...
Quando morreu pensavam que não estava vendo nada,
Mas elle tinha o rosto feliz dos que vêem tudo
Nossa Senhora, o Menino Deus e São João Baptista
Com o carneirinho...
“Em verdade vos digo: se não vos fizerdes iguaes
a estas creancinhas, não tereis o Reino do Céu”
Senhor!
Minh'alma é o boneco pobre do meninosinho cego.
Eu nunca vi a sua côr
Eu nunca vi a sua côr
Mas na hora de minha morte, eu quero tambem, Senhor!
ver tudo isso,
Que o meninosinho cego viu:
Nossa Senhora,
O Menino Deus,
E São João Baptista com o Carneirinho
—Está ouvindo Nosso Senhor?

Rio, 1932.

A Lei de Confissões e Congregações Religiosas em Hespanha

PEREIRA GUEDES

Após alguns mezes de accidentado tramite, e ainda assim, graças ao auxilio da "guilhotina", que lhe foi applicada duas vezes, foi approvada pelas Cortes espanholas a Lei de Confissões e Congregações Religiosas. Ainda que não se esperasse outro desfecho, para esse caso, não obstante a opinião publica se commoveu com a noticia. Sem duvida porque não se pode conceber maior violencia, maior attentado aos direitos de uma collectividade; maior, mais despudorada, mais cynica, mais revoltante provocação aos brios de um povo do que a que se contem na lei em questão. Sem duvida, tambem, porque apesar de conhecido o sectarismo grosseiro, a mentalidade primaria, o servilismo indigente e a incultura social e juridica das actuaes Cortes espanholas, ainda assim, taes são os erros, as contradicções, as insinceridades da famosa lei, que repugnava admittir fosse ella approvada mesmo por um semelhante parlamento.

Como quer que seja, a infamia se consummou, innegavelmente, para accrescimo dos soffrimentos de que padece a Egreja de Espanha, nesta hora infausta de sua vida, mas, tambem, para opprobrio e repulsa de um regimen, que assim humilha, affronta e cobre de escarneos a consciencia de uma nação christã.

Muito se tem dito alli, que a Republica entrou sem obstaculos em Espanha. E que della dependem unir todas as forças vivas do paiz ao destino das novas instituições. Particularmente quanto á Egreja o facto é que sua attitude foi de respeitosa expectativa, promptificando-se as autoridades ecclesiasticas em indicar aos fieis o respeito ao pronunciamento da Nação. Mesmo a celebre pastoral do Cardinal Segura, tão adulterada pelos inimigos da concordia, ainda que prestasse uma justa homenagem á Coroa decahida, em substancia pregava a obediencia ao Poder constituido. E pouco depois o Episcopado, em pastoral collectiva, insistia em advertir aos catholicos, dessa tradicional e inva-

riavel doutrina da Igreja, doutrina que S. Paulo pregou sendo Nero Imperador de Roma.

Em um ambiente assim propicio, a obra de consolidação da Republica resultava simplissima. Os estadistas do novo regimen, porém, manobrados por poderes secretos e estranhos ao paiz, pela Franco-Maçonaria e pela II.^a Internacional, inclinaram-se para uma politica de iniciativas imprudentes, de aggressão e violencias. E a Republica, que fôra promettida para o povo, passou a ser propriedade de um partido.

Dahi nascem as discordias que, no momento, agitam a vida publica espanhola e, que, aumentando dia a dia de intensidade, prenunciam para breve, se a tempo não surgir uma intervenção providencial, dias bem tempestuosos para a infortunada peninsula. Dahi se origina tambem, como é patente, essa hostilidade odienta, systhematica, impenitente, insaciavel com que o Estado corresponde, alli, á benevola disposição de animo dos catholicos, em favor da Republica, nos primeiros tempos.

Historia da Lei. O artigo 26 da nova Constituição espanhola, determina que, em lei especial as Côrtes actuaes regulam a situação das Ordens religiosas no regimen vigente. Isto depois de ter estabelecido que, em lei tambem especial, e sem exigir que as mesmas Côrtes della se incumbissem, se definam os direitos e deveres das varias confissões religiosas na Republica. O Governo, entretanto, preferiu executar os dous dispositivos de uma vez só e fundil-os em um mesmo estatuto. E assim, em 13 de Outubro do anno passado, entregou ás Côrtes um projecto de lei sobre Confissões e Congregações Religiosas. Entregue á Commissão de Justiça, das referidas Côrtes, o projecto em apreço foi reformado em varios pontos e convertido em dictamen apresentado em plenario a 1.^o de Dezembro do anno findo.

Aggravo do projecto á Igreja. Podem-se deste modo resumir os principaes aggravos do projecto á consciencia religiosa do paiz: ingerencia fiscal do Estado na propaganda religiosa; nacionalisação do Clero; competencia do Estado para obstar a escolha dos dignatarios da Igreja; pedido previo de assentimento ao Estado para alterar a presente divisão ecclesiastica do paiz; prohibição de auxilio ao culto; incorporação dos bens ecclesiasticos ao patrimonio do Estado; prohibição da actividade docente á Igreja; tutela do Estado sobre as instituições religiosas; restricção ás Ordens religiosas da capacidade de possuir; negação dos direitos politicos aos congregados; inhabilitação dos mesmos, para o exercicio do commercio, da industria, da exportação agricola, etc., etc.

Aggravos do dictamen ao projecto. Como já ficou dito, a Commissão de Justiça da Côte alterou o projecto do Governo. E essa alteração se fez no sentido de augmentar as violencias

do mesmo projecto contra a Igreja, no sentido de accentuar ainda mais seu espirito estupidamente sectario. Dessas alterações as mais sensíveis são as seguintes: tributação sobre a propriedade ecclesiastica que permanecer a serviço da Igreja; arbitrio do Governo para alienar qualquer bem ecclesiastico independente de formalidades; obrigatoriedade para a Igreja dos gastos de conservação dos bens de que fôra possuidora; intervenção fiscal do Estado no estudo dos seminarios; prohibição absoluta aos Religiosos de ensinar, seja directamente por si, seja indirectamente por meio de seculares, ingerencia fiscal do Estado no cumprimento dos votos religiosos; cassação immediata da actividade pedagogica das Ordens religiosas e de todo ensino confessional.

O texto definitivo da Lei. Segundo fizemos notar, o projecto do Governo, já em si mesmo inaceitavel pelos attentados aos direitos dos catholicos de que estava recheado, soffreu ainda uma aggravação ao ser revisado pela Comissão de Justiça das Côrtes. Como, porém, não se houvesse attingido ao cumulo de taes violencias, em seu tramite no plenario, novas aggravações veio a soffrer. Recusadas systematicamente todas as emendas com tendencia conciliatoria, sem embargo foram acceitas todas ou quasi todas as que se destinavam a acirrar a furia do Estado contra a Igreja. A "El Debate" tomamos o resumo que fez do texto definitivo do monstrengo. Apreciem-no os leitores:

"CONTRA OS DIREITOS INDIVIDUAES.—Não se garante a liberdade de consciencia dos catholicos. Cumprimento dos deveres religiosos nos quarteis, hospitaes, etc. (Art. 4.º). Restringe-se a liberdade de associação para fins religiosos (Art. 24 e seguinte).

Nega-se a igualdade civil dos Religiosos. (Arts. 30, 31, etc.).

Nega-se aos cidadãos o direito de escolher os mestres e educadores (Art. 31).

CONTRA A PERSONALIDADE DA IGREJA.—Posterga-se o culto catholico violando o principio de igualdade dos cultos. (Arts., 11, 12 e seguintes).

O Estado legisla unilateralmente sobre materia ecclesiastica: a lei "será o regimen desta materia" (Art. 1.º).

A Igreja mera associação e não Corporação de Direito publico (Preambulo).

Nega-se á Igreja o direito de reger-se por si mesma, limitando o alcance de suas normas a actos "ao compativel com as leis". (Art. 8.º)

Limita-se a faculdade de nomear suas autoridades: direito do Estado "a não reconhecer em sua função aos nomeados (Art. 7.º).

Prohibe-se aos estrangeiros ser autoridade ecclesiastica em Espanha (Art. 7.º).

Limitam-se as manifestações do culto. Previa autorização governativa para procissões, viaticos, enterros. (Art. 13.º).

Usurpa o Estado o direito privativo da Igreja de estabelecer o regimen das Congregações religiosas (Art. 25).

CONTRA OS DIREITOS PATRIMONIAES DA EGREJA.—Proibição do auxilio economico por parte das entidades publicas (Art. 10). (Depois da annullação do orçamento do Culto e Clero, que era indemnisação pelos bens desamortizados).

Nacionalização dos bens destinados ao culto, “para liquidar um passado historico” (Preambulo e Art. 11). A Igreja não pode exercer seus direitos de posse sobre estes bens (Art. 12). O Estado, por lei, poderá dispôr delles retirando-os do culto com indemnisação ou sem ella.

Serventia dos bens moveis, ainda que não estejam destinados ao culto, se constituam thesouro artistico. São inalienaveis; devem ter acesso ao publico e podem ser trasladado aos museos (Art. 18).

A Igreja pode ser compellida ao encargo com a manutenção e conservação dos bens que não façam parte do thesouro artistico (Art. 12).

De futuro não poderá possuir outros immoveis que não os necessarios ao culto. Os que adquira deve convertel-os em titulos da Divida (Art. 20).

Tambem não pode possuir bens moveis para renda (Artigo 20).

Uma lei pode limitar a aquisição de qualquer especie de bens (Art. 20, parag. ultimo).

CONTRA OS DIREITOS DOCENTES DA EGREJA.—Não se autoriza outro ensino senão o de Religião, para os fieis e o relativo á formação dos seus ministros (Art. 21).

O Estado se reserva o direito de inspeccionar este ensino (Art. 21).

CONTRA A BENEFICENCIA RELIGIOSA.—Obrigam-se os Patronatos ou administrações ecclesiasticas a prestar contas ao Estado, a despeito de estarem isentos por titulo fundacional (Art. 22).

Autoriza-se a destituir os patronos ou administradores sob o pretexto de não cumprimento de suas obrigações (artigo, 22).

Dá-se ao Governo faculdade “para que adapte ás novas necessidades sociaes as instituições beneficentes da Igreja (Art. 22).

CONTRA A PERSONALIDADE DAS CONGREGAÇÕES.—O Estado abre excepção nas garantias da lei commum de Associação contra as Congregações religiosas (Art. 25).

Autoriza-se o Governo a clausurar as casas religiosas por mera suspeita de que sua actividade “constitua um perigo

para a segurança do Estado "(Art. 24). As Côrtes podem chegar a dissolver o Instituto (Art. 24).

Obriga-se ás Congregações como "requisito para sua existencia legal" a inscreverem-se em um registro publico ao qual deverão remetter tambem, relação dos seus membros (Arts. 25 e 26).

Prohibe-se que a Congregação possua em Espanha mais de um terço de membros estrangeiros (Art. 26).

Proibição a estrangeiros de occupar cargos de superiores (Art. 26).

CONTRA OS DIREITOS PATRIMONIAES DAS CONGREGAÇÕES.—Não poderão possuir outros bens alem dos destinados á sua vivenda e a seus fins privativos (Art. 28).

Não se autoriza renda superior ao duplo dos gastos (Artigo 28).

Não poderão conservar immoveis e os que adquiram devem convertel-os em titulos da Divida (Art. 29).

Não poderão exercer commercio, industria nem exploração agricola (Art. 30).

O Governo fiscalizará o regimen economico de toda Casa ou Residencia que ficam obrigadas a ter contabilidade (Artigo 27).

Prohibe-se aos religiosos occuparem casas ou propriedade de estrangeiros ou que estejam gravadas em favor destes (Art. 26).

CONTRA OS DIREITOS DOCENTES DAS CONGREGAÇÕES.—"Não poderão dedicar-se ao exercicio do ensino" (Art. 31), excepção feita do de seus membros.

Os religiosos deixarão de dar ensino secundario a 1.º de Outubro proximo e o primario em 1.º de Janeiro (Art. 32).

A discussão do projecto. Iniciada a discussão do projecto em plenario, apresentaram-se os deputados catholicos para a liça. Uns com vehemencia, como Gil Robles, outros com serenidade, como Pildain, todos destemidos, documentados, demonstraram, á saciedade, sua inconstitucionalidade, seu character sectario, seu anticlericalismo retrogrado, sua furia destruidora da cultura, do character, do proprio espirito espanhol. Não faltou quem assignalasse sua desconformidade com o moderno Direito das gentes. Tambem se puzeram em fóco os graves problemas de ordem moral, politica e economica que elle vinha determinar. Estudaram-se todas as razões do Governo e todos os argumentos dos defensores do projecto. Tudo foi minudentemente esmerilhado, provando-se toda sorte de claudicações em que o apoiavam: ignorancia da situação da Egreja na Historia de Espanha; ignorancia da tradicção juridica do paiz em materia de relações do Poder Espiritual com o temporal; ignorancia da evo-

lução das ideas no mundo, no que respeita á posição do Estado perante as confissões religiosas; ignorancia do que as Ordens Religiosas representam na Historia de Espanha como factor de unidade, de civismo e de progresso do povo; ignorancia do que a essas mesmas Ordens se deve como vehiculo de diffusão da influencia da cultura e da civilização hespanholas em todos os continentes, a essas e outras ignorancias, sommando-se muita má fé, muito rancor immerecido, muita affirmação mendaz, propositos claros de vindicta e oppressão.

De começo os deputados catholicos foram illudidos em sua boa fé. Prometteram-lhes que se melhorariam os termos do dictamen da Commissão se elles se abstivessem da acção obstruccionista. A uma certa altura do debate, porém, quasi ao chegar ao meio do projecto, se convenceram elles, pela recusa systematica de suas emendas e a facil acceitação das dos seus adversarios, que estavam sendo victimas de uma farça, e recorreram, então, a faculdade da obstrucção. Foi este um trabalho cyclopico pois para que a obstrucção tivesse effeito seria mister redigir de cem a mais emenda para cada artigo, e defendel-as em plenario. E a esse trabalho se deram com um invejavel ardor, sendo de notar que seus discursos, apezar de numerosos, não descerao nunca á vulgaridade e, em sua grande maioria, ficarão registrados nos annaes do Parlamentarismo como testemunhos de erudição, da superioridade de cultura, da força creadora, da mentalidade catholica que nas Côrtes se defrontou com a barbaria e a poltroneria dos vassallos da Maçonaria e da III Internacional, da segunda Republica espanhola. E esse labor ainda seguiria por algum tempo si o Governo não se determinasse a paralyzal-o com um novo golpe de força, refundindo num só os artigos do projecto que restavam a discutir, e dando por finda a discussão, a despeito das numerosas emendas, em tempo apresentadas, que a Mesa impediu viessem a plenario.

Conclusão. A Lei de Congregações representa, a um só tempo, um escandaloso attentado ao Direito Natural, ao Direito Divino, ao Direito Ecclesiastico, á razão e ao bom senso. O projecto do Governo, em si mesmo, já arrolava todas essas affrontas contra a Civilização. O dictamen da Commissão de Justiça e a collaboração do plenario, como já accentuámos, encontraram maneira de tornar a Lei mais mesquinha, mais irritante, mais insultuosa ao espirito cavalleiresco de Espanha, mais tyrannica, mais oppressora para a consciencia religiosa do paiz, mais antagonica e irreconciliavel com a opinião publica mundial. Tudo indica que ella está destinada ao mais ruidoso fracasso. Em pleno parlamento o deputado Aizpem affirmou solemnemente que ella será obedecida porém não cumprida. Na mesma sessão de-

clarou o sr.^o Lamancié de Clairac: “estamos seguros de que esta lei não durará, assim opposta á potestade do povo espanhol e Gil Robles encerrou seu formoso discurso, na mesma occasião, com estas fortes palavras: com que encerramos o presente commentario: “Conste que nos venceis, não com razões, sinão com votos. Tendes o Poder, não o Direito. Com esta lei vaes consagrar definitivamente vossa indignidade politica”.

CHRONICA FEMININA

LUCIA MIGUEL PEREIRA

A evolução, desde que tenha o seu rythmo apressado, desordenado, cresce em revolução. O r a mais ou a menos é uma funcção do tempo. Assim sendo, pode ser considerada como verdadeira revolução a transformação febril por que passaram, e vão passando, as mulheres. A maior revolução, talvez, do nosso revolucionado mundo, e, até certo ponto, o germen das outras.

Entre a geração de nossas mães e a nossa, um abysmo se cavou. Modos de sentir, de pensar, de agir divergem quasi totalmente. E agora, com a ingenua surpresa que todos experimentamos ao ver que a vida não parou comnosco, já vamos percebendo differenças entre nós e a camada mais joven.

Procurando definir, de um modo conciso, e por isso mesmo um pouco simplista, as directrizes desse movimento, podemos dizer que as mulheres estão, cada vez mais, procurando assimilar a moral masculina.

Sem duvida, idealmente, a moral é uma, e uma deveria ser, nas suas applicações. Mas entre o que é e o que deveria ser, ha muita cousa que a nossa philosophia compreende, infelizmente, demais. Os meios os mais austeros sempre aceitaram, entre sorrisos de malicia e quasi de conivencia, os os deslizes dos homens. Praticamente, não obedeciam estes aos mesmos codigos por que se regiam as suas companheiras. E, entretanto, eram essas as leis basicas da nossa organização social, e se mantiveram em toda a sua pujança enquanto lhes obedeceram as mulheres.

Porque, não ha como nega-lo, a mulher é a grande força moral; uma sociedade valerá, moralmente, o que valerem as mulheres. O pudor, a fidelidade conjugal, a castidade, todas essas victorias do christianismo sobre o animal humano, foram sempre virtudes quasi exclusivamente femininas. Mas sobre ellas repousava, atravez da familia, toda a ordem social.

E se, agora, tudo estremece e ameaça ruir, é que a mulher começa a se revoltar contra essa moral unilateral. O sentido profundo da sua mudança está ahi. Depois da igual-

dade politica e social, a igualdade moral. Ella ainda sonha com a utopia da igualdade... (O que demonstra, aliás, cabalmente, o seu atrazo, e é uma terrivel contra-prova em desfavor da sua emancipação).

Ora, de que a liberdade masculina, liberdade cujas demasias tocam á libertinagem, é contraria assim á indole da mulher como á sua constituição, o melhor testemunho está na dolorosa inquietação da mocidade feminina nos paizes á vanguarda do movimento.

A literatura scandinava é um reflexo do desencanto e da amargura das jovens revoltadas, e da America do Norte já nos chegam écos de situação semelhante.

Mesmo observada pelo prisma deformante do egoismo, a inovação falhou. Aliás, ella é muito contraria á natureza feminina para ser duradoura. Os seus extremos são a melhor garantia da sua efemeridade. Desnoriteio momentaneo de uma epoca de transição, revolta exaggerada contra rigores talvez não menos exaggerados da educação antiga.

Fundamentalmente, a mulher não se póde ter modificado. Ha, na alma feminina, certas constantes inalteraveis. Contra os excessos, a reacção ha de vir, fatalmente. Virá por si mesma, pela obediencia a essas constantes.

Acha-se actualmente entre nós um dos espiritos mais sinceramente, mais requintadamente scepticos de que tenho noticia, o prof. Pierre Janet. Esse homem que parece respirar á vontade num ambiente irrespiravel para nós outros onde não se loriga a fresta de uma crença, onde tudo é murado pelos limites mesquinhos do raciocinio, está realizando um curso sobre a psychologia de crença. Nada mais desconsolador, mais dissolvente, pensar-se-á. Ao contrario. Nada mais animador—para quem sabe interpretar. Esse descrente estudo da crença conduz-nos á certeza da sua necessidade. Falando sobre a suggestão, o prof. Janet vê no fenomeno, uma manifestação, em individuos fracos, esse anseio que todos sentimos por um guia, esse desejo imperioso de acreditar, um dos mais fortes e dos mais activos em nós.

Não serão essas as suas palavras, mas a idéa é a sua.

Necessidade cuja existencia implica a noção de superioridade e, logo ,de hierarchia; ora, a hierarchia, por sua vez, suppõe a concepção de uma Superioridade Absoluta, segundo a qual foi estabelecida.

Necessidade, portanto, que nos póde levar até Deus, necessidade que é uma das constantes espirituaes da alma feminina.

Nesse anhelos de acreditar, de confiar, aliada a essa outra necessidade que é tambem uma constante—a dedicação—encontrará sempre a mulher marcos seguros para reconduzi-la ao bom roteiro após desvios e enganos.

Mas, como tudo no mundo, também essa energia creadora que é a crença tem o seu avesso, e os seus perigos. A faculdade generosa entre todas de confiar, de se entregar, é, pela sua natureza mesma muito fácil de ser malbaratada. Muitos são os ídolos e os falsos mestres. Em torno de qualquer ponto aparentemente sólido a cristalização se pode fazer. “Tu nunca te libertarás dos espíritos que houveres chamado” prophetizava Goethe. Com efeito toda crença estigmatiza, deixa a sua marca. E se transforma em actos. Não é por ter adorado o ídolo da felicidade pessoal e terrena que a mulher se lançou para fóra da sua órbita normal? Não é por ter aceiteado quasi como dogmas os direitos do corpo que ella se revoltou com as diferenças entre a sua moral e a moral masculina?

Uma amiga me confiava, ha tempos, as suas duvidas ante a educação a dar á filha. Criá-la como nós fomos, com as mesmas exigencias seria talvez desambiental-a, de futuro, e torná-la uma inadaptada, e, portanto, uma isolada. Mas dirigil-a segundo as ideias da época não arriscaria falsear-lhe o character e entregal-a, sem defeza, á desorganização que campeia por esse mundo em fóra?

Se pudesse aconselhal-a, eu lhe diria simplesmente: Dá a tua filha uma crença sólida, e tudo se resolverá.

Não a fé vaga e commoda num Deus adocicado, a cuja sombra tanta culpada fraqueza de abriga, não a fé á Lutheró. Mas uma crença segura, consciente, em Deus, e atravez d’Elle, crença na dignidade da vida humana, crença em si propria e nos seus deveres. Pobres creaturas de barro, é preciso que o céo se abaixe até vós, e penetre em tudo e em tudo se esconda, para nos valer. As crenças ideais são muito longinquas, para certas almas. E’ mister positival-as, concretizal-as em objectos precisos, proximos, tangiveis. Uma vez conseguido isso, uma vez ancorada no coração uma crença sadia, todos os problemas são faceis.

As cousas essenciaes são eternas e simples. A essencia, o nucleo, a raiz estão naquelle recondito ponto da alma, mysterioso e quasi sobrenatural, em que a vontade divina encontra a aspiração humana. Contra elle, nada prevalecerá. E, por elle, tudo será salvo.

As regras de conducta pratica, as convenções, os costumes, todos esses sub-productos da moral, passam, e devem passar, porque se temperam ao sabor dos tempos. Só o fundamental permanece. Sempre a procura de um guia—que é, embora disfarçada, embora mesmo frusta, a procura do Guia Supremo—sempre a attracção do sacrificio, a necessidade de dar de si, empolgarão a mulher e a manterão acima do materialismo. O transitorio, as apparencias importam apenas na medida em que reflectem, realmente, o essencial. O que importa é não deixar medrarem os ídolos.

E o apego ferrenho á rotina, aos usos, póde ser tambem um idolo. A regra é uma consecuencia, e nunca um fim. A maior liberdade de movimentos, de leituras, de conversas, não é, em si, um mal. A menina de hoje, cedo instruida das cousas da vida, cedo responsavel pelos seus actos, pode—e com maior merecimento—se manter tão digna, tão pura como a antiga.

Tudo está na direcção das suas crenças, e tambem nas alegrias que estas lhe procuram.

Já S. Thomaz, com um realismo admiravel reconheceu que: “Ninguem póde ouvir sem deleitação. Por isso, aquelle que é privado de deleitações espirituaes, busca as carnaes”.

De um modo geral, foram sempre as primeiras as que mais fundo resoaram na sensibilidade feminina. Por isso, mesmo se fosse possivel negar-se de bôa fé a hierarquia entre as duas ordens de satisfações, ter-se-ia de concordar em que, evoluindo para o materialismo, a mulher renega o seu passado historico, destroe a essencia intima, a força vital do seu ser.

E, entretanto, é nesse sentido que a vemos caminhar. E contra o declive escorregadio onde se aventurou, só o esteio seguro da crença a póde suster. Sem o arabouço da crença, a educação é um paliativo inocuo.

LETRAS CATHOLICAS

JONATHAS SERRANO

Cartas Jesuiticas — III Cartas, Informações, Fragmentos Historicos e sermões do Padre Joseph de Anchieta, S. J. (1554 — 1594) — Civilização Brasileira — Rio de Janeiro — 1933.

Já tivemos ensejo, aqui mesmo e ha mais de um anno, de commentar o esforço benemerito do Sr. Afranio Peixoto em favor da publicação das cartas jesuiticas. Tratamos então das *Cartas do Brasil* de Manoel da Nobrega (1549—1560) e das *Cartas Avulsas* (1550—1568). A proposito do presente volume, o terceiro da serie, já observamos alhures que elle vem, paradoxalmente, ligar ainda mais estes dois nomes—Afranio Peixoto e Anchieta—na historia das nossas letras. E relembramos precedentes, num espaço de dez annos pelo menos, demonstrativos de que o enthusiasmo do illustre academico em relação aos jesuitas não é occasional e de superficialidade; é, pelo contrario, um sentimento de admiração consciente e erudito, resultante de uma investigação cada vez mais larga e profunda, haurida nas melhores fontes, do que devemos ao instituto ignaciano.

Desde 1923, o então Presidente da Academia nos dera no volume *Primeiras Letras* as provas iniciaes do seu interesse pelos escriptos anchietanos. As palavras da introdução foram em parte reproduzidas quasi textualmente nas *Noções de Historia da Literatura Brasileira*, em 1931: “A literatura de Anchieta serviu de tabuada á civilização dos primeiros brasileiros”. Mas agora, no compendio, o enthusiasmo parece maior ainda: “Historicamente, e com sublime finalidade, os remanescentes do muito que escreveu Anchieta são as nossas primeiras letras”.

Na Academia de Sciencias da Educação, fundada este anno aqui na Capital, bateu-se Afranio Peixoto, com vivacidade, para que o patrono de sua cadeira, como educador, fosse Anchieta.

Sabido que se trata de um intellectual agnostico, o facto é realmente extraordinario.

Em nota preliminar do presente volume de escriptos de Anchieta, vem como epigrapha o juizo insuspeito de Capistrano a proposito do epistolario jesuitico: "Reunir suas cartas, seus escriptos varios... é uma divida que não admite moratoria."

As cartas de Nobrega, publicadas em 1931, traziam anotações de Valle Cabral e Rodolpho Garcia. As Cartas Avulsas, editadas no mesmo anno, foram annotadas pelo proprio Afranio Peixoto. O volume anchietano de agora teve para commentador, em notas eruditas, o Sr. Alcantara Machado. "Não esqueci que era a sua terra de S. Paulo que devia tal oblação a Anchieta", explica Afranio Peixoto em sua nota preliminar. Além das 700 annotações do volume, o eleito ainda escreveu, em appendice, notavel resumo biographico de José de Anchieta.

Preciosa foi tambem a contribuição do Padre Cesar Dainese com o extractos da *Bibliothèque de la Compagnie de Jesus*, de Sommervogel e as correções e acrescentamentos de Riviere. O sermão XXXVII, inédito, foi copiado do original existente em Bruxellas, graças ao Padre Luiz Gonzaga Cabral.

Só pelo que ahi fica, é possivel já avaliar o interesse do presente volume. Ha, porém, ainda mais: em nitida reprodução o retrato de José de Anchieta que se acha na casa matriz da Companhia no Gesú, em Roma; uma ampliação da assignatura de Anchieta, que escreveu *Anchiéta*, (Carta XIX), segundo o *fac-simile* publicado no "Livro do Centenario do P. Joséph de Anchieta, Paris-Lisboa, 1900"; uma cota do manuscripto do proprio veneravel, existente no Museu Paulista, e onde mão contemporanea escreveu *Ancheta* (sem *i*); uma reprodução de pagina do livro "Vida del Padre Joseph de Ancheta", Salamanca, 1618, do P. Estebam Paterna, no qual sempre se escreve o nome do grande apostolo sem *i*, sendo que só na pagina reproduzida assim está por tres vezes; o braço da familia de José de Anchieta e, de accordo com o exemplar da Bibliotheca Nacional, a primeira pagina da *Arte de Grammatica da Lingoa mais usada na costa do Brasil* (Coimbra, 1595).

Não admittimos a hypothese de ficar um só brasileiro culto, qualquer aliás que seja o seu credo ou o pretexto de sua descrença, indifferente á publicação da obra anchietana. Em toda bibliotheca de estudioso a ausencia do presente volume seria lacuna censuravel

Algumas das cartas são particularmente notaveis; de nenhuma todavia se pode sem erro dizer que não tenha interesse. Para o historiador o que narra Anchieta dos nossos indigenas é sobretudo precioso. Mas aos proprios naturalistas que mina, e das mais ricas, a carta X, datada de S. Vicente, em Maio de 1560! Annotou-a, no presente volume, o

dr. Afranio do Amaral, director do Instituto do Butantam, e ainda o dr. Oliverio Mario de Oliveira Pinto, assistente do Museu Paulista, e o Sr. Pio Lourenço Corrêa. "Outras ainda, explica-nos o autor das notas de todo o volume, submettemos á revisão de um tecnico do Instituto Biologico de S. Paulo..." Vê-se, por essa erudita collaboração, o que representa e vale essa carta de Anchieta, que Alcantara Machado, sem exaggerar, qualifica de *admiravel*.

Já tivemos ensejo, em nossa conferencia da serie anchietana promovida pelo Instituto Historico, de citar, entre outras, a carta XI, de Junho de 1560, escripta de S. Vicente, em que ao lado da narrativa da resistencia dos Brasis á catechese, ha bellos e inesperados exemplos de castidade entre as indias christãs. As de Abril de 63 e Janeiro de 65, ambas ao Geral Diogo Lainez, (respectivamente XIV e XV, no presente volume), são preciosas pelas informações relativas ao ataque dos indios a Piratininga, á fidelidade de Tibiriçá, á sua morte, aos esforços de Nobrega na catechese e por fim á missão de paz entre os Tamoios, em Iperoig.

E Afranio Peixoto, não podendo conter o entusiasmo, escreve na Introducção: "Para que ler Varnhagem, o Historiador? ou Magalhães, o Poeta? Anchieta viu, foi o refem, sentiu e soffreu, esperou e alcançou, leiam nas escolas essas cartas XIV e XV, para estimular o patriotismo nacional!"

E nós, por nossa vez, diremos: leiam essa Introducção para avaliarem o que é capaz de produzir num intellectual agnostico a prodigiosa obra de José de Anchieta.

Ha, no entanto, uma divida que o Brasil ainda não pagou, Não posso em verdade admittir que passe 1934 e o 4.º centenario do nascimento do nosso Thaumaturgo sem que em fim seja reparada a longa e inexplicavel indifferença dos nossos eruditos para com o poema latino de Anchieta. Nem é possivel deixar de subscrever o juizo de Vilhena de Moraes, em opportuna e bem fundamentada proposta ao Instituto Historico: "E' verdadeiramente inadmissivel continuar, como até agora, depois de tantos seculos, sem traducção autorisada e commentario critico, um poema latino como esse... Obra surpreendente que, no par das peças theatraes e poeticas, sagra indubitavelmente o seu autor, o primeiro humorista da America".

Na verdade escrever quasi 6.000 versos latinos, entre hexametros e pendametros, numa praia deserta, entre selvagens anthropophagos, e celebrar nesse poema a Virgem Purissima, tendo no redor, inevitavel e perturbadora, á desnudez feminina em toda a sua variedade, é caso unico em toda a historia da litteratura. E, insistindo no que já dissemos, julgamos que Anchieta, ao buscar nas letras classicas, nos dactylos e nos espondeus, um escudo para defender-se dos assaltos da insidiosa *libido*, offerece a mais impressionante

das homenagens do espirito christão ao verdadeiro humanismo, no que elle possui de mais bello, de mais efficaz, de mais humano.

O que até aqui se tem feito em relação ao poema anchietano é insufficiente. Urge uma traducção integral, annotada, litteral e tambem literaria, possivelmente em verso.

O sr. Celso Vieira, em seu volume consagrado ao Apostolo, fez uma apreciação desenvolvida do poema, dando uma idéa geral do plano e algumas citações mais expressivas. Foi alguma coisa, não ha duvida, mas ainda pouquissimo. Em numero recente do "Mensageiro do Coração de Jesus" (Outubro, 1933) ha um interessante ensaio sobre Anchieta e o Poema da Virgem, com a traducção, em verso de varios metros, de alguns trechos mais expressivos.

Mas tudo isso, repetimos, são apenas amostras que provam a necessidade urgente de uma edição completa e condigna da obra do primeiro poeta que honra as letras christãs no Brasil.

Segundo informações autorisadas, sabemos que o autographo latino do poema existe na Hespanha em poder de um particular.

Já se deram passos no sentido de obter copia fiel ou photographica. Sem isto é de facto impossivel fazer uma edição critica perfeita. Mas por que não haveremos de vencer as difficuldades e obter para 1934 o necessario, a tempo de figurar entre as melhores e mais adequadas commemorações?

Academia Brasileira e Instituto Historico, de accôrdo com a Companhia de Jesus, podem e devem interessar-se pelo assumpto. A proposta de Vilhena de Moraes não é das que se deixem ficar a dormir nos archivos. Ou então seriamos forçados a concluir, ainda de accôrdo com o proprio autor da proposta, que ao cabo de quatro seculos o Brasil culto e catholico, indifferente e ingrato, haveria repudiado o poema á Virgem, no mais singular e incomprehensivel de todos os repúdios...

CHRONICA POLITICA

(De 19 Março a 17 de Abril)

H. SOBRAL PINTO

Clausewitz, em formula celebre, sentenciou: "A guerra nada mais é do que a continuação das negociações politicas com a intervenção de outros meios". Advertia, com isto, o grande doutrinador militar que a guerra não é cousa *em si*, mas simples instrumento de consecução de fins politicos, manejado de accôrdo com as leis que lhe são proprias. Dentro, assim, deste espirito realisador, "mais a politica de um Estado é possante e consciente de seus fins, mais ella fará a guerra energicamente" (General Von Seeckt, *PENSE'ES D'UN SOLDAT*, pag. 20).

Estas reflexões, ditadas pela experiencia historica dos povos, mostram o papel de relevo, que, no destino das nações, desempenha a politica dos seus governos.

Todo o esforço, assim, dos dirigentes de um Estado, deve de se concentrar na formulação de uma *politica* maduramente pensada, que tenda, dentro das contingencias de cada momento, para *finalidade* claramente definida, que não exceda, nas aspirações que alimenta, aos meios de execução do povo a que tem de ser applicada.

As grandes realizações guerreiras ou pacificas de um povo não surgem, no curso da sua vida, como resultado expontaneo dos acontecimentos sociaes que lhes são contemporaneos. Ellas são a consequencia logica da actuação, nos annos que as precederam, dos homens que tiveram, em suas mãos, a suprema orientação dos negocios politicos e sociaes.

Cumprê, porem, accentuar que essa obra de progresso social e de realizações administrativas depende, sobretudo, da personalidade, forte e sabia, do chefe de governo.

Nigüem melhor do que La Bruyère (*LES CARACTERES*—Cap. Du Souverain) focalizou, em termos lapidares, essa verdade luminosa: "Sob um rei eminente, os que occupam os primeiros postos só têm deveres faceis, que cumprem sem difficuldades: **TUDO PROMANA DA FONTE**; a autoridade e o genio do principe lhes aplainam os caminhos, lhes evitam as difficuldades, e fazem tudo prosperar além da sua expectativa: elles têm o merito de subalternos".

Clarividencia e prestigio eis as duas caracteristicas por excellencia dos governantes das nações fortes, que têm consciencia do seu alto destino.

Nos regimens republicanos, como o que vigora no Brasil, quem deve possuir, no mais alto gráo, essas qualidades é o Chefe do Poder Executivo

Federal, que, por força do nosso desenvolvimento historico, concentra nas suas mãos uma somma tal de poderes, que da sua bôa ou má orientação depende, na maior parte, a grandeza da nacionalidade.

Infelizmente, para o paiz, o Sr. Getulio Vargas,—assistindo a actos de indisciplina de algumas das mais altas autoridades da Republica, sem que faça valer o prestigio da sua autoridade—dá mostras de que não tem a exacta comprehensão de sua alta missão.

Typico é, a este respeito, o que se passou entre o General Pargas Rodrigues e o Procurador Eleitoral do Tribunal Regional desta Capital.

O caso, na sua integral realidade, é assim narrado pelo Procurador dr. Carlos Edmundo Amalio da Silva: “O Codigo Eleitoral determinou, no art. 37, paragrapho 1.º, que o chefe das repartições publicas, civis ou militares, etc. fossem obrigados, nos quinze dias immediatos á abertura do alistamento, a fornecer ao Juiz Eleitoral, sob cuja jurisdicção estivessem, listas de todos os *cidadãos qualificaveis ex-officio*.”

Segundo o art. 4.º do mesmo Codigo, os analphabetos não podem ser eleitores. Logo, na lista dos cidadãos qualificaveis *ex-officio*, de qualquer repartição civil ou militar, não podiam figurar os analphabetos.

Na lista enviada pelo General Pargas Rodrigues ao Juiz da 4.ª zona eleitoral, os cidadãos qualificaveis *ex-officio* e que, por isso mesmo foram ahi qualificados, figuram trez analphabetos. Era o que constava de dois officios do Juiz da 5.ª zona eleitoral, onde a inscripção dos mesmos se deveria realizar, pois nenhum delles conseguiu assignar o nome nem preencher alguns claros das formulas respectivas” (CORREIO DA MANHÃ, de 18 de Março).

Era evidente, em face do exposto, ter o General Pargas Rodrigues infringido disposição clara e taxativa do Codigo Eleitoral. Elle qualificara *ex-officio* pessoa que, ante o texto legal, não o podia ser.

Ora, como muito bem accentuou o dr. Carlos Edmundo Amalio da Silva (Ibid.): “O Codigo Eleitoral, no art. 107, § 2.º, prescreve, como delicto eleitoral: “Fazer falsa declaração para fins eleitoraes ou de que possa resultar qualificação *ex-officio*: pena—multa de 500\$000 a 5:000\$000 conversivel em prisão cellutar, nos termos da lei”.

Mas, no § 13.º do mesmo art. 107, o Codigo Eleitoral prescreve: “Deixar o Juiz Eleitoral, qualquer magistrado ou autoridade eleitoral, de remetter aos representantes da justiça os papeis e documentos, para que se inicie a acção penal por delictos eleitoraes, cuja existencia seja patente dos documentos, papeis ou actos, submettidos ao seu conhecimento; pena—as do paragrapho anterior”.

Após esta exposição accrescenta o Procurador Eleitoral (Ibid.): “O regimento interno dos Tribunaes Regionaes da Justiça Eleitoral, elaborado de conformidade com o Codigo respectivo, estabelece, no art. 21, entre as attribuições do Procurador—a de exercer a acção publica e promovel-a até final, em todas as causas da competencia do Tribunal, e a de velar pela execução das leis, decretos e resoluções.

Do exposto é evidente que o Juiz da 4.ª zona eleitoral cumpriu o seu dever para não incorrer na penalidade da lei; eu cumpri o meu. O Juiz do Tribunal, designado para relator do processo, cumpriu o seu, mandando intimar o General para nelle defender-se”.

☞ Pois bem, mal o General Pargas Rodrigues foi informado da denuncia contra elle offerecida ao Tribunal Regional desta Capital, em vez de se limitar a apresentar ás autoridades judicarias competentes as razões de sua defesa, procurou o "DIARIO DE NOTICIAS" (18 de Março, 1.^a edição) para, em linguagem desabrida, assim desconsiderar de publico os seus juizes: "... logo me lembrei da phase que vamos atravessando. Conhecedor do meio e sua psychologia, nada disso, que tantas decepções têm causado, me surprehende. Além disso, *a quelque chose malheur, etc.*

O caso, aliás, não passa de uma grande tempestade em pequeno copo d'agua.

—O facto parece não ter grande importancia.

—Absolutamente nenhuma. Sem necessidade de embrenhar-se pelo direito criminal, com a mesma ganancia a procura de um crime que tem o caçador na floresta em busca da caça, A AUTORIDADE JUDICIARIA PODERIA, MAIS CRITERIOSAMENTE, agir dentro do direito administrativo. Um pedido de informação encaminhado pelo Ministerio da Guerra ou directamente enviado ao Director do Arsenal, tudo teria esclarecido. A justiça ficaria satisfeita e o escandalo em torno á personalidade de um General do Exercito não se apresentaria aos olhos de um publico tão avido dessas sensações. QUANTO, PORE'M, MAIOR E MAIS GORDA A CAÇA, MAIOR A SATISFAÇÃO DO CAÇADOR. Se um militar dentro do seu dever, assim houvesse procedido EM RELAÇÃO A UMA AUTORIDADE CIVIL, PRINCIPALMENTE EM SE TRATANDO DE UM JUIZ, CERTAMENTE SERIA PUNIDO. MAS, EM NOSSO PAIZ, PELO MENOS PELO QUE TENHO OBSERVADO, SO' HA UMA CLASSE QUE CUMPRE E RESPEITA A LEI E QUE SOMENTE ESTA SUJEITA A RESPONSABILIDADES —A CLASSE MILITAR".

Difficilmente se descobriria, no scenario da vida administrativa brasileira, facto que estivesse a exigir, como esse da autoria do General Pargas Rodrigues, repressão severa e immediata, sobretudo pela inverdade destas suas palavras imprudentes: "Só ha uma classe que cumpre e respeita a lei e que sómente está sujeita a responsabilidades—a classe militar". Se essa responsabilidade fôsse effectivamente real, nos quadros militares do paiz, certamente que o General Pargas Rodrigues teria soffrido a merecida punição da parte dos seus superiores, que não póden desconhecer o que dispõe o Regulamento Interno dos Serviços Geraes do Exercito, promulgado pelo decreto n.º 19.040, de 19 de Dezembro de 1929, no seu art. 338, n.º 25: "As transgressões disciplinares... são as abaixo declaradas:.....desconsiderar autoridade civil".

Que desconsideração á autoridade civil, maior e mais grave do que esta? E quando se attenta em que a instituição que mereceu as iras do General Pargas Rodrigues foi precisamente esta organização judicaria, que o Governo Provisorio acabava de fundar como elemento garantidor imprescindivel da authenticidade e respeitabilidade do voto dos cidadãos, não se póde deixar de reconhecer que a attitude desse illustre General bem merecia severa punição disciplinar.

Entretanto, nada disto aconteceu. O Chefe do Governo Provisorio não chegou a tomar conhecimento do grave incidente, continuando o General Pargas Rodrigues a exercer, tranquillamente, a sua função no seio

da administração militar, enquanto que o Tribunal Regional, arranhado no seu prestígio, ostentava aos olhos de todos, com o seu silencio, a fraqueza dos recursos de reacção legal de que pode dispor.

Não ha, assim, porque se admirar alguém da confusão immensa que reina no ambiente agitado da politica brasileira da hora actual. No tumulto diario dos acontecimentos, no entrechoque fragoroso das ambições desenfreadas, na lucta odienta das facções ambiciosas, na successão constante das attitudes contradictorias, em tudo isso, emfim, que, nesses ultimos tres annos, vem sendo a característica da vida publica nacional, não se lobra, nas palavras e nos gestos do Chefe do Governo Provisorio, uma só manifestação firme e positiva que indique estar S. Ex. disposto a seguir uma politica de processos definidos, e de rumos conscientemente assentados.

Temperamento glacial, intelligencia lucida, vontade herculea, o Sr. Getulio Vargas conseguiu, em quasi tres annos de governo discricionario, guardar silencio impenetravel sobre a orientação positiva e constructora do seu governo, para o qual pretende reclamar o honroso objectivo de realizador de uma renovação corajosa de valores. Poucas vezes, nesse já largo periodo de poder discricionario, tem falado á Nação. Nas occasiões, porém, em que se tem dirigido aos seus concidadãos, revela-se sempre admiravel pintor dos quadros politicos e sociaes da nacionalidade. Visão clara das falhas e anomalias da organização politica, conhecimento exacto da antithese entre a deficiente legalidade legislativa e o arbitrio absorvente da vontade do executivo, discernimento perfeito da realidade do facto social brasileiro, que não comporta, pelo atrazo e dispersão das populações do nosso interior, uma legislação doutrinaria e systematisada como a que rege a maioria dos povos europeus, todas estas características de uma intelligencia alerta e perspicaz enxameiam nos discursos e manifestos do Sr. Getulio Vargas. Neste papel de critico politico, ninguem, entre os nossos homens de governo, attingiu jamais as elevadas culminancias até onde já conseguiu subir o actual Chefe do Governo Provisorio.

Mas, para um homem de governo não bastam somente estas qualidades de intuição e penetração da realidade social. Urge que, ao lado dellas, elle possua outras, que lhe permittam intervir, atravez do poder politico de que dispõe, nessa realidade, para que, consiga modifica-la aos poucos, e sempre no sentido de fazer progredir o bem commum.

Nestes ultimos tempos, os acontecimentos mostram que todo o esforço do Sr. Getulio Vargas,—em vez desse trabalho proprio dos estadistas de tempera,—se vem orientando, simplesmente, no sentido de aproveitar, pelo influxo dessa intervenção, na obra de fortalecimento da autoridade moral do poder central, as facções e organizações partidarias, que a Revolução de Outubro fez surgir na vida politica do paiz, para que lhe seja facil, á sombra dessas forças politicas, dominar o pensamento e a vontade da futura assembléa Constituinte, que, deste modo, passaria a ser mero órgão do seu arbitrio.

Esse proposito ficou claramente manifestado nesta nota da União Civica Nacional (JORNAL DO COMMERCIO, de 25 de Março): "Reuniram-se hontem, ás 21 horas, na séde do Partido Autonomista do Districto Federal, os elemento constitutivos da direcção da União Civica

Brasileira, presentes os Srs. Ministro Antunes Maciel, Ministro Oswaldo Aranha, Ministro Juarez Tavora, Ministro Washington Pires, General Góes Monteiro, General Flores da Cunha, Capitão João Alberto, Interventor Pedro Ernesto, Dr. Virgilio de Mello Franco e Dr. Hugo Napoleão.

DEPOIS DE EXAMINADA A SITUAÇÃO GERAL EM FACE DA ACTIVIDADE POLITICA DO PAIZ, FORAM TOMADAS AS SEGUINTE RESOLUÇÕES: 1.º—adoptar a denominação de União Civica Nacional; 2.º—COORDENAR E DISCIPLINAR AS CORRENTES REVOLUCIONARIAS EM TORNO DAS LINHAS GERAES DO ANTE-PROJECTO CONSTITUCIONAL, ORA EM ELABORAÇÃO PELA COMMISSÃO NOMEADA PELO GOVERNO; 3.º—ORGANISAR, LOGO QUE SEJA POSSIVEL, E AINDA SOB O PATROCINIO DA U. C. N., UM PARTIDO NACIONAL, OBJECTIVANDO MANTER INTEGROS OS PRINCIPIOS QUE ANIMARAM A ACCÃO REVOLUCIONARIA; 4.º—apreciar e decidir questões e differenças que surjam no seio das correntes filiadas á U. C. N.; 5.º—confirmar os seguintes nomes COMO MEMBROS DA COMMISSÃO DIRECTORA PROVISORIA DA U. C. N.: MINISTROS OSWALDO ARANHA, JUAREZ TAVORA, JOSE' AMERICO, WASHINGTON PIRES E ANTUNES MACIEL, GENERAL GOES MONTEIRO, DR. PEDRO ERNESTO, CAPITÃO JOÃO ALBERTO E DR. VIRGILIO DE MELLO FRANCO.

O GENERAL FLORES DA CUNHA, COM PODERES IRRES-TRICTOS DO PARTIDO REPUBLICANO LIBERAL DO RIO GRANDE DO SUL, DECLAROU ESSE PARTIDO FILIADO A' U. C. N. E INDICOU O MINISTRO OSWALDO ARANHA PARA REPRESENTANTE DO MESMO NA RESPECTIVA DIRECCÃO.

O dr. Virgilio de Mello Franco fez identica communicação pelo Partido Progressista de Minas-Geraes, apresentando credenciaes que o autorizavam e ao Ministro Washington Pires como delegados dessa organização partidaria junto á direcção da U. C. N.

Registraram-se mais as seguintes filiações á U. C. N.: Partido Alliancista Renovador, do Estado do Rio; Partido Nacional, de Alagoas; Partido Social Democratico, do Paraná; Partido Autonomista, do Districto Federal; Partido Social Democratico, de Pernambuco, Partido Nacional Socialista, do Piauhy; Partido Liberal, do Amazonas; varios nucleos do Partido Socialista Brasileiro e do Club 3 de Outubro.

O Sr. Hugo Napoleão esteve presente a reunião na qualidade de representante do P. S. N., do Piauhy, do qual é presidente honorario.

Apresentando suggestões sobre a situação politica do Amazonas, compareceu ainda o Capitão Aluizio Pinheiro Ferreira".

A composição dessa commissão directora com Ministros do Governo Provisorio, e altas autoridades militares, que desfructam a inteira confiança desse governo, e os propositos expressamente confessados da União Civica Nacional de coordenar e disciplinar as correntes revolucionarias do paiz em torno das linhas geraes do ante-projecto constitucional, mandado organizar pelo Sr. Getulio Vargas, mostram que este está cuidando de organizar, á sombra do poder, vasta agremiação politica, que facilite

a S. Ex. fazer ingressar no seio da Assembléz Constituinte maioria absoluta de elementos integralmente submissos á sua soberana vontade.

Com o desabrimento, que lhe é peculiar, o General Góes Monteiro, em entrevista ao "DIARIO CARIOCA" (9 de Abril) consignou, formalmente, que taes eram os objectivos da União Civica Nacional. Sendo-lhe perguntado pelo reporter "se elle achava que o Governo teria maioria na Constituinte para tornar victorioso aquelle projecto:—Creio que terá—diz-nos. **E UMA GRANDE MAIORIA. Não se muda a mentalidade de um momento para outro. ENTRE NO'S, SEMPRE O GOVERNO DE UM POVO TEVE MAIORIA NAS ELEIÇÕES. E PORQUE NÃO TERA', AGORA?**

O reporter árrisca uma pergunta indiscreta:—Mesmo havendo liberdade?—Sim. Liberdade haverá, porque, do contrario, a Revolução teria fallido. Mas, mesmo com liberdade e com todas as surpresas do voto secreto, acredito que a opposição ao Governo não irá além de 25%".

Não resta, assim, a menor duvida de que o Sr. Getulio Vargas vae conduzindo com a astucia politica, em que é mestre, homens e acontecimentos no sentido de crear um bloco partidario federal, formado de correntes estaduaes, que se disponham a pleitear a eleição de elementos doces aos propositos governamentaes.

Essa orientação da politica do Chefe do Governo Provisorio foi, em suas linhas geraes, focalizada pelo DIARIO CARIOCA de 25 de Março: "Esclarece-se, finalmente, o panorama politico nacional. Podem, hoje, considerar-se victoriosas as "demarches" que se vêm processando entre os proceres prestigiosos das mais fortes correntes politicas do paiz no sentido de assegurar a nação brasileira um ambiente de paz, de garantias e de ordem.

E' innegavel que a proxima reunião da Constituinte—se perdurasse até lá a situação cahotica em que se vem debatendo o paiz com a dispersão e o desequilibrio de suas forças politicas, semeando agitações e sobresaltos—não poderia produzir os frutos desejados por todos os bons brasileiros: a elaboração de um pacto fundamental inspirado nas nossas realidades e o estabelecimento da ordem legal sob bases solidas e duradouras, respeitadas as tradições liberaes do nosso povo, com a ampliação dos direitos do cidadão já consubstanciados na Carta de 91 e a condemnação decidida e formal das soluções extremistas".

Entra, depois, esse orgão da nossa imprensa matutina a indicar os nomes dos principaes autores e collaboradores dessa tentativa de articulação dos grupos politicos: "Não desejaríamos citar nomes na rapida resenha que vamos fazer da acção desenvolvida ultimamente, nos meios politicos, para a constituição desse ambiente de paz e fraternidade. **MANDA, ENTRETANTO, A JUSTIÇA QUE NÃO ESQUEÇAMOS A BOA VONTADE ESCLARECIDA COM QUE O SR. GETULIO VARGAS VEM ACOMPANHANDO AS "DEMARCHES"**, bem como a actividade, intelligencia e largo espirito de conciliação dos Srs. Oswaldo Aranha, Flores da Cunha, Virgilio de Mello Franco, Antonio Carlos, de paulistas illustres de todos os partidos, que sabem collocar os interesses do Brasil e de S. Paulo acima de seus creditos politicos" (Ibid.).

Quaes as bases dessa conjugação de forças? Ei-las, segundo o mesmo jornal: "Offerecendo-se mais uma prova decisiva de seu amor ao Brasil,

os paulistas acabam de arregimentar-se num só bloco para o pleito da Constituinte e procuram entender-se com as correntes politica de outros Estados para assegurar á Assembléa Nacional um ambiente de serenidade e de confiança, que torne possível a elaboração de uma carta magna merecedora do acatamento e respeito de todos os brasileiros”.

Como, entretanto, tornar possível o enquadramento das facções paulistas dentro de um bloco nitidamente dictatorial, chefiado pelo Sr. Getulio Vargas? Não guarda a gente paulista, e com razão, do Chefe do Governo Provisorio máguas e resentimentos os mais profundos?

Segundo a informação officiosa do DIARIO CARIOCA, a aproximação deverá fazer-se assim: “As forças politicas de São Paulo concordaram em apresentar-se com um unico programma ao eleitorado do Estado. Esse programma já foi elaborado e está, nos seus pontos fundamentaes, em concordancia com os programmas do Partido Liberal, do Rio Grande, do Partido Progressista, de Minas, e do Partido Popular Radical, do Rio de Janeiro”.

Identificado, por este meio, o pensamento politico das maiores correntes partidarias desses quatros grandes Estados, a alliança entre ellas não offerecerá difficuldades irremoviveis: “Uma vez confederadas as correntes da opinião do Estado de São Paulo, entraram em entendimento, atravez de seus *leaders* principaes, com os proceres dos partidos dominantes dos tres grandes Estados—Rio Grande, Minas e Estado do Rio—com o intuito de assegurar, na Constituinte, a victoria dos principios sustentados no programma unico de São Paulo e a restauração, sobre bases seguras, da ordem constitucional no paiz.

Essa iniciativa paulista deu logar a um convenio dos quatro Estados, que será estendido, depois, ás forças politicas representativas da opinião publica nas demais unidades da Federação, isto é, ás respectivas maiorias nas bancadas da Constituinte” (DIARIO CARIOCA, *ibid.*).

Pensando ter firmado neste plano de vastas proporções, o seu dominio incontrastavel sobre os rumos da politica geral do paiz. O sr. Getulio Vargas convocou para o dia 1.º de Abril uma reunião de todo o Ministerio, onde seriam “tratados os assumptos referentes á convocação da Assembléa Nacional Constituinte, determinação do numero de deputados; sua distribuição por Estado; data da installação da Assembléa; representação de classes; regimento interno da Constituinte, com as immunidades e garantias aos eleitos, subsidios, etc” (JORNAL DO COMMERCIO, de 2 de Abril).

Terminada a reunião, o Sr. Antunes Maciel, Ministro da Justiça, communicou á Imprensa: “Depois de haver feito uma exposição verbal do seu modo de pensar, em relação aos termos do decreto a ser redigido para a convocação da Assembléa Nacional Constituinte; determinação do numero de deputados e sua distribuição por Estado, foi aberto o debate, nelle tomando parte todos os senhores Ministros.

Após a discussão, ficou assentado que a convocação da Assembléa Nacional Constituinte dependerá da communicação do presidente do Superior Tribunal Eleitoral ao Chefe do Governo Provisorio sobre a terminação da apuração do pleito de 3 de Maio proximo.

Recebida essa comunicação, o Chefe do Governo Provisorio terá o praso de 30 dias para baixar o decreto fixando a data da installação da Constituinte.

Ficou assentado, egualmente, que o numero de deputados será constituido pelo mesmo total que formava a antiga Camara dos Deputados, isto é, 212, com a mesma distribuição pelos Estados da União, de accôrdo com a tradição. Esse total accrescido de mais 2 representando o Territorio do Acre, será eleito pelo suffragio universal. O total effectivo será, porém de 254 deputados, porquanto terá de ser augmentado de 40 representantes profissionaes, eleitos não só pelos syndicatos reconhecidos, como tambem pelas associações civis, com personalidade juridica, sendo 20 das associações de empregados e outros 20 de associações patronaes.

Foi em seguida approvedo o regimento interno da Constituinte elaborado pelo Sr. Ministro da Justiça, no qual estão comprehendidas as garantias indispensaveis aos membros da referida Assembléa, entre as quaes avultam as immunidades parlamentares, como tambem a fixação do subsidio, dividida em duas partes, uma fixa de 3:000\$000 mensaes e outra movel, correspondente a uma diaria de 50\$000, por comparecimento á sessão, definindo o regimento esse comparecimento com o dever taxativo de tomar parte nas votações constantes da ordem do dia.

O Sr. Ministro do Trabalho ficou incumbido da elaboração de um decreto, em que serão estabelecidas as regras para a escolha da representação professional" (Ibid.).

A politica de Minas Geraes, que vinha oppondo restricções á orientação politica do Governo Provisorio, desarticulou um pouco os planos do Sr. Getulio Vargas, que suppunha poder contar com a collaboração incondicional do officialismo mineiro.

Mas, tal não aconteceu. O Sr. Olegario Maciel, com as manhas de velho e de sertanejo, e o auxilio da astucia perfida do Sr. Antonio Carlos, entrou a formular restricções sobre certos pontos do programma da União Civica Nacional, invocando, para isto, razões de ordem doutrinaria, que mal escondiam, entretanto, o seu desejo de furtar-se ao envolvimento da politica federal.

O Chefe do Governo Provisorio, desde que presentiu esses ventos contrarios, que estavam a soprar do lado de Minas Geraes, tratou de atrahir o Sr. Olegario Maciel a um encontro em Juiz de Fóra, na Chacara da Floresta, para, em entendimento directo, tentar reduzir o chefe do Executivo mineiro ao seu ponto de vista. Esse encontro realisou-se a 2 de Abril, conforme se lê no seguinte telegramma do correspondente do **CORREIO DA MANHÃ** (4 de Abril): "Juiz de Fóra, 3 (Do correspondente)—O Sr. Getulio Vargas, chegou aqui, hontem, ás 10 horas da manhã, acompanhado do Commandante Siqueira, seu ajudante de ordens. O Chefe do Governo viajou directamente de Petropolis para a Fazenda da Floresta, onde foi recebido pelos Srs. Washington Pires, Antonio Carlos, João Penido, Fabio de Andrada, Theodorico de Assis, e pelo Sr. Alvaro Baptista, chefe de Policia de Minas.

Ahi, encontrou-se logo com o Sr. Olegario Maciel, o qual com o Sr. Gustavo Capanema, já o aguardava. Tambem alli se achava o Prefeito da cidade".

Dessa conferencia não resultou o desfecho esperado pelo Sr. Getulio Vargas, como o faz certo este telephonema do mesmo correspondente: “O Chefe do Governo Provisorio relatou ao Presidente de Minas o que se passou na reunião do Ministerio, no Rio de, sabbado, á tarde. Fez-lhe tambem um resumo da situação politica do paiz, dando-lhe as suas impressões pessoaes. Acredito que, em linhas geraes, o Sr. Olegario Maciel está de accôrdo com as deliberações tomadas na reunião do Ministerio. . . Guarda, entretanto, restricções quanto á hypothese da representação de classes. Neste particular o presidente de Minas falou, manifestando o seu parecer contrario, em harmonia aliás, com o programma do Partido Progressista de Minas, que lhe apoia o Governo no Estado” (Ibid.).

Mais adeante, e nesse mesmo telephonema, o correspondente do CORREIO DA MANHÃ accrescenta, a respeito da politica do Café, seguida pelo Governo Provisorio: “O Sr. Olegario. . . fez algumas considerações sobre o novo regulamento do Departamento, apreciando as attribuições do presidente desse Departamento que são muito amplas e collocam os demais directores em situação subalterna”.

Dias depois, o Sr. Olegario Maciel, em entrevista ao já referido CORREIO DA MANHÃ (11 de Abril) confirmava, de modo inequivoco, accentuando-a, a divergencia entre o situacionismo mineiro e a politica federal do Sr. Getulio Vargas. De facto, a esta pergunta do reporter: “Cogitou-se, é certo, do ante-projecto da nova Constituição? . . .”, respondeu o Sr. Olegario Maciel: “Sim. Apreciamos a questão nos seus diversos aspectos. Sou dos que pensam que convem conservar melhorando. Fiz as minhas restricções sobre alguns pontos da futura carta politica em elaboração. Assim, por exemplo, não sou pela representação de classe. A maioria dos politicos mineiros tambem não a adopta. Acho sem legitimidade um mandato dessa natureza para decidir com a mesma amplitude, com a mesma soberania de um mandato popular. A innovação contraria a razão. Tambem não sou pela unidade da justiça, ponto, aliás, não sustentado na sub-commissão elaboradora do ante-projecto. Seria incoherente commigo mesmo se concordasse com as restricções á liberdade de commercio, salvo em caso excepcionalissimo. Não poderia nunca apoiar o proteccionismo injusto e odioso, gerador da vida cara. Tambem um systema de egualdade de representação politica na Assembléa não obteria os meus applausos”.

Transportando-se, em seguida, para o terreno economico, o Sr. Olegario Maciel examina o caso do Departamento do Café. Accentuou que pela maneira como fôra regulamentado esse Departamento, a directoria não era autonoma, e autoridade somente a tinha o seu presidente. Ora, a lavoura mineira não concordava com o systema”.

Onde, porém, as declarações do Sr. Olegario Maciel assumiram proporções de quasi hostilidade á actuação do Governo Provisorio foi na revelação deste episodio: “O Sr. Olegario Maciel, faz, então, uma referencia á actuação politica do Sr. Mello Vianna. Recorda os seus serviços ao Estado. Declara que tem encontrado, no Governo, o apoio desinteressado dos amigos do ex-vice-presidente da Republica. Dahi, o seu convite ao sr. Mello Vianna para acceitar um logar na chapa do Partido Progressista, convite do qual o outro declinou, agradecendo lembrança. O pre-

sidente de Minas ainda insistiu, dizendo ao sr. Mello Vianna que, na hypothese de não concordar em ser eleito pelo Partido, que apontasse um dos seus correligionarios mais dedicados. Conjecturou-se que este correligionario poderia ser o Sr. Tancredo Martins. Mas, o ex-vice-presidente da Republica permaneceu na recusa delicada, aconselhando, porém, a todos os seus amigos que sustentassem, nos seus respectivos municipios a chapa dos candidatos progressistas”.

Impossivel é deixar de enxergar a verdadeira significação destas palavras do Chefe do Executivo mineiro, quando se entra a pensar que o sr. Mello Vianna tivera, dois mezes antes, os seus direitos politicos cassados pelo Superior Tribunal Eleitoral, a pedido do Ministro da Justiça, Sr. Antunes Maciel, em officio dirigido áquelle Tribunal.

Todas essas restricções estão a indicar que o Sr. Getulio Vargas não pode confiar na collaboração incondicional da politica mineira no bloco partidario, que é a União Civica Nacional.

Por outro lado, em São Paulo surgiram difficuldades de genero um pouco differente, mas, ainda assim, delicadas: Ao General Waldomiro Lima não convém que as correntes partidarias, que, em São Paulo, se arregimentaram em torno do Partido Republicano Paulista, consigam entrozar-se, directa ou indirectamente, na União Civica Nacional. Isto implicaria, necessariamente, no seu afastamento da interventoria. Cuidou então, de formar, com elementos divergentes, que nunca faltam n’uma população de sete milhões de almas, dois Partidos nitidamente governamentaes, segundo informa o seguinte telegramma publicado na A NAÇÃO (13 de Abril): “São Paulo, 12—Falando a um jornalista que o interrogou sobre a formação da Chapa Unica, o General Waldomiro Lima declarou desconhecer essa organização. Dois partidos apenas existem em São Paulo, para o Interventor: o Partido da Lavoura, que sempre viveu espinhado, espoliado, e o Partido Socialista, dos proletarios. A ESTES, SIM, O GENERAL WALDOMIRO LIMA DECLARA QUE DARA’ MÃO FORTE”.

Em face destas difficuldades, o Sr. Getulio Vargas lançou as suas vistas, com mais interesse, para o Norte do paiz, onde pretende ir buscar o fortalecimento do prestigio politico, de que está necessitando, para poder imprimir aos trabalhos da Assembléa Constituinte os rumos convenientes aos seus interesses de dominador frio e implacavel.

Com a solercia e a dissimulação, que são as características predominantes da sua politica, o Sr. Getulio Vargas, ao mesmo passo que procurava congregiar os grandes Estados do Sul n’um bloco politico de reacção contra as tendencias radicaes dos Estados nortistas, que entregou a militares, improvisados em estadistas, suggeria aos dirigentes dos Estados do Norte, a conveniencia da realização de um congresso de Interventores, para que nelle fossem estudadas as medidas que impedissem a volta ao passado, preconizada pela mentalidade estreita dos politicos que a Revolução de 30 derrubara.

Conforme a marcha dos acontecimentos, S. Ex. apoiar-se-ia ora num, ora noutro destes dois grupos, que se equivalem na mentalidade ideologica, mas que se hostilizam enquanto ambicionam o dominio do poder para si com exclusão do outro.

Pois bem, fracassada a formação do bloco dos Estados do Sul, o mesmo não aconteceu com o Congresso dos Interventores do Norte, assim definido, na sua natureza e na sua finalidade, pelo O RADICAL (7 de Abril): “Não se trata, de facto, de um conclave official de Interventores, mas da convocação dos directores das correntes partidarias que vão estudar a sua articulação com a União Civica Nacional. Essas correntes, como se sabe, estão sendo arregimentadas, COM O APOIO DIRECTO DOS INTERVENTORES, QUE LHES TEM DADO A SOLIDARIEDADE E A PROPRIA COLLABORAÇÃO PESSOAL NA CONSTITUIÇÃO DOS RESPECTIVOS DIRECTORIOS. A circumstancia de figurarem na composição desses directorios não póde ser considerada como elemento de incompatibilidade entre o exercicio da funcção publica e o desempenho do mandato partidario”.

E desta maneira, em 15 de Abril, segundo noticiou esse mesmo jornal, na sua edição de 16, “installou-se. . . , em Recife, a conferencia dos Partidos politicos do Norte.

Muito já se tem falado e escripto a respeito desse conclave, attribuindo-lhe varias origens e finalidades. Daqui mesmo, tivemos occasião, mais de uma vez, de referirmo-nos a elle, emprestando-lhe a verdadeira accepção que elle tem e que outra não é senão a de uma grande convenção destinada a articular as FORÇAS REVOLUCIONARIAS DO NORTE COM AS DO SUL, EM TORNO DE UMA ACÇÃO COMMUM, QUE LHES ASSEGURE ORIENTAÇÃO UNIFORME NA DEFESA DOS POSTULADOS OUTUBRISTAS, PERANTE A ASSEMBLEA CONSTITUINTE.

Estes estão consubstanciados no programma da União Civica Nacional e catalogados no esboço de ante-projecto constitucional, em elaboração, que elle amparará no seio daquela Assembléa”.

Teremos, afinal, por intermedio deste bloco, uma directriz politica claramente definida, e conscientemente pelejada em prol da finalidade, que encerra, e para cuja consecução deve tender?

Ha quem assim esteja pensando. A A NAÇÃO, por exemp.o, examinando, em vasto apanhado, a situação politica do paiz, assevera: “A crise que o Brasil viveu, depois da Revolução de Outubro, é apenas á lucta entre as duas mentalidades—politica e revolucionaria” (24 de Março).

Vão nos parece este esforço em descobrir, no scenario da vida publica nacional, a tão decantada e proclamada “mentalidade nova”.

Ninguém conseguiu, ainda, divisar, no cháos allucinante da vida politica do presente esta dualidade de mentalidades em antagonismos. O que todos sentem, no turbilhão devastador das ambições pessoaes illimitadas, é a luta desenfreada dos grupos e das facções sem rumos precisos, nem idéas claras, em torno do poder politico, que cada qual se julga com o direito de alcançar, não para, atravez d'elle, melhorar a cousa publica, ou impôr algum systema de governo, de cujas excellencias esteja convencido, mas tão somente para pôr em pratica o desejo de servir-se d'elle como instrumento de dominação orgulhosa ou de satisfação de vaidades estultas.

Muito mais perto da verdade andou o O RADICAL (7 de Abril) quando sem hypocrisias, nem disfarces, declarou, com clareza e simplici-

dade: "Quem conhece a vida brasileira, nas relações da massa popular com os órgãos do poder, NÃO DESCONHECE O COSTUME GENERALISADO DE TUDO SE ESPERAR E EXIGIR DO ESTADO. E' um phenomeno de expontanea tendencia socialista que já foi afflorado por Alberto Torres num dos seus livros, e que só passa despercebido aos observadores que têm o seu ponto de referencia na lua ou em Sirio. O poder publico está sempre obrigado a dar exemplo, a marcar o rythmo de todas as iniciativas da vida nacional. ESSE FACTO E' O MAIS PODEROSO FUNDAMENTO PSYCHOLOGICO PARA O SURTO DA ACTIVIDADE DOS GESTORES DA COUSA PUBLICA NOS DOMINIOS DA POLITICA, INCLUSIVE DAS FORMAÇÕES PARTIDARIAS"

Deizando de parte, porque sem fundamento na realidade social brasileira, essa "expontanea tendencia socialista" de que falla o mais extremado dos órgãos revolucionarios, sente-se, atravez dos defensores do *Tenentismo nortista*, que nesse mundo de contradicções permanentes e de misturas insoluveis, que é a politica do Governo Provisorio, a unica cousa que interessa aos actuaes desfructadores da cousa publica nacional é a perduração desse regimen de irresponsabilidade systematisada, onde os governantes fazem o que querem, sem que o poder Judiciario possa lhes oppôr embargos aos caprichos do arbitrio, e a imprensa tenha meios dignos de formular quaesquer criticas documentadas aos actos prejudiciaes aos verdadeiros interesses da nacionalidade.

Não ha, nem nunca houve, assim, duas mentalidades doutrinarias em opposição: a politica e a revolucionaria, como se vem pretendendo, desde muito, sustentar e defender, e agora se renova, a proposito da escolha dos nomes que entraram na organização da Chapa Unica paulista: "Na organização da futura bancada de São Paulo na Constituinte ha um desfile de sombras, que são os politicos de um passado odioso trazidos á tona de um movimento renovador pela velha tactica dos manobristas eleitoraes. Falharam as esperanças, que já alimentou a mocidade que esteve nas trincheiras, sobre uma completa, larga e necessaria revisão dos valores da politica paulista" (O RADICAL, de 16 de Abril).

Raciocinio extranho este: para os partidarios do Sr. Getulio Vargas, a chapa paulista tem de ser, necessariamente, uma desillusão para a mocidade daquelle Estado, porque della constam "os politicos de um passado odioso".

Entretanto, quando esses mesmos "politicos de um passado odioso", se dispõem a fazer allianças com os Interventores, que dominam os Estados do Norte, elles merecem attestados como este passado, solemne e publicamente, pelo Sr. Juracy Magalhães (JORNAL DO COMMERCIO, de 18 de Março): "Se queremos a verdade das urnas, não podemos seleccionar valores. Os eleitos serão os que tiverem elemento eleitoral. Aliás, a Bahia não terá de envergonhar-se, levando a Constituinte nomes como Arlindo Leone, Medeiros Netto, Marques dos Reis, Clemente Marianni e outros que honrariam a representação de qualquer Estado".

Mas, para que ir tão longe, quando aqui mesmo, na Capital da Republica, temos exemplo mais frisante, que o DIARIO CARIOCA (26 de Março), não deixou de focalisar, com rara felicidade: "Hontem mesmo ti-

nha-se como certo que o Sr. Julio Cesario de Mello ingressara nas fileiras Autonomistas, deixando o Partido Social Progressista, de que era uma das figuras mais salientes.

O Districto Federal conhece bem o sr. Cesario de Mello, a quem estamos certos não faltam credenciaes para entrar numa aggremação revolucionaria. Todos sabemos quem é o prestigioso politico de Santa Cruz, que se notabilisou pelas “peixadas civicas” e pelo apoio aos governos da Republica velha.

O Partido Autonomista vae, realmente, em franco progresso com as adhesões expressivas que está recebendo”.

O que os factos, portanto, demonstram, de maneira irretorquível, é que a politica brasileira desta hora sombria, é bem o symbolo da actuação confusa, cahotica, e dissimulada do seu chefe supremo, o sr. Getulio Vargas.

Continuaremos, por isto, a caminhar sem rumos definidos, e sem objectivos claramente fixados. Sendo certo como é, segundo a exacta observação de La Bruyére, que, no mundo politico, “tudo promana da fonte”, é evidente que a cousa publica nacional não sahirá jamais do regimen de indistincção de valores, de confusão de idéas, e de ambições desmedidas, que actualmente a desmoralisa e prejudica, enquanto o homem, que as contingencias politicas elevaram ao poder supremo da Republica, teimar em conduzir os acontecimentos politicos e sociaes dentro do pensamento incerto, e da finalidade confusa, que caracterizam as suas attitudes nestes tres annos de governo discricionario.

CHRONICA DAS TRANSCRIPÇÕES

O que são os "Estatutos dos Funcionarios e Operarios da cidade do Vaticano"

ALBERTO LE ROY

Num dos seus ultimos numeros publicaram as *Acla Apostolicae Sedis* no supplemento consagrado ás leis e regulamentos do Estado Pontificio o novo Estatuto dos Funcionarios e Operarios da Cidade do Vaticano. Poderiamos dizer dele que é o mais "liberal" de todos os estatutos de funcionarios, caso essa palavra não desse margem a equivocos. Diremos, porém, d'elle, que é eminentemente "social", porque em cada um dos seus artigos é facil descobrir a preocupação constante de não inspirar-se em coisa alguma dos falsos dogmas do "individualismo liberal" do Seculo XIX.

No Vaticano o trabalho humano não é considerado como uma mercadoria ordinaria, o homem não é um simples individuo que aluga os seus serviços por um tempo determinado, mas uma pessoa, um ser moral, cuja dignidade é respeitada e cujos direitos são devidamente salvaguardados. Além disso é elle ainda considerado como um "chefe de familia", que deve assegurar, pelo seu trabalho, o com que sustentar honestamente mulher e filhos. E a solitudine do Chefe da Igreja vae tão longe que chega a tomar a defesa da familia contra possiveis fraquesas do seu chefe. O que torna esse estatuto particularmente interessante é ser elle o unico a inspirar-se, em todo o mundo, na doutrina social da Igreja, pondo-a em pratica tal como nos está ella proposta nas Encyclicas *Rerum Novarum* e *Quadragesimo Anno*.

Assim, os ensinamentos da Igreja não se limitam ás palavras. E' tornado mais vivo e concreto pelos seus actos. Sociologos dos mais eminentes não teem escondido suas duvidas sobre si todas as reformas sociaes destes ultimos quarenta annos, preconizadas e realizadas mesmo pelos mais ardentes catholicos sociaes não seriam, muitas vezes, sem que seus promotores o notassem, dominadas pelo espirito individualista. Porque é muito difficil fugir á influencia do meio ambiente. Tal reproche não poderia ser feito aos Estatutos

dos Funcionarios e Operarios da Cidade do Vaticano, como é facil de verificar. O interesse que seu estudo offerece não se resume tão só a cada um dos seus artigos, tomados isoladamente, mas na idéa central que os inspira. Ella é que não deve ser esquecida, si se quiser comprehender o sentido de suas diversas disposições. Dão-nos essas disposições um exemplo novo de sabedoria da Igreja, que soube aliar de maneira a mais harmonica, as prescripções necessarias á boa marcha de toda administração com a salvaguarda da dignidade das pessoas por ella empregadas em seu serviço.

Examinemos, rapidamente, os pontos seguintes:

1. Recrutamento do pessoal;
2. Suas obrigações; horario do trabalho; ferias;
3. Vencimentos e indemnizações;
4. Licenças, disponibilidades; doenças;
5. Sancções disciplinares.

I RECRUTAMENTO DO PESSOAL

A palavra “pessoal” comprehende aqui, bem como em todo este estudo, os funcionarios, empregados e pessoal subalterno da Cidade do Vaticano, exceptuados, apenas, os corpos armados e o pessoal especializado, composto, este ultimo, em geral, de membros de ordens religiosas. Deixaremos de lado, igualmente, o que diz respeito ao “alto” pessoal administrativo, como os directores de serviços, escriptorios centraes, etc.

São condições para ser-se admittido no funcionalismo do Vaticano:

1.º—Não ter menos de 21 annos e mais de 35.

2.º—Provar boa conducta religiosa, moral e civil—o que representa, mais ou menos, um gráo mais acima do nosso tradicional “certificado de boa conducta”.

3.º—Estar no gozo de plena capacidade juridica, e não estar sujeito a nenhum processo.

Num mesmo serviço não podem entrar dois parentes até o segundo gráo, ou que possuam alliança de primeiro gráo. Evita-se, com isso, até a ameaça do favoritismo nos serviços.

Preferencialmente são titulos para a admissão no emprego:

Estar em disponibilidade, em virtude de extincção do emprego ou de reduccão nos serviços; gozar da cidadania vaticana; ser orphão de pae que tenha estado ao serviço da Santa Sé, ou empregado em serviços do Estado Vaticano.

O tempo consumido na aprendizagem é contado integralmente para o calculo da antiguidade. O aprendiz deve prometter solemnemente fidelidade, diligencia e discreção nos termos seguintes:

“Prometto de ser fiel ao Soberano Pontifice, cumprir com diligencia as obrigações que me incumbem e observar, escrupulosamente, o segredo profissional”.

Depois de titulado, o novo funcionario deve prestar um juramento segundo a forma exigida pela lei.

II OBRIGAÇÕES. HORARIO DE TRABALHO. FERIAS

Além das obrigações que lhes são designadas, em virtude do seu emprego, os funcionarios teem o dever de se auxiliarem mutuamente e de substituirem uns aos outros, no caso de ausencia ou impedimento, de accordo com as ordens superiores.

Além das obrigações que lhes são designadas, em virtude do seu emprego, os funcionarios teem o dever de se auxiliarem mutuamente e de substituirem uns aos outros, no caso de ausencia ou impedimento, de accordo com as ordens superiores.

Não podem exercer nenhuma outra profissão quer no commercio ou na industria, nem desempenhar cargos publicos e privados além dos seus.

Entre as outras prohibições que lhes são impostas, destaca-se a de não acceitarem qualquer compensação, seja de que natureza for, para a execução de acto proprio do seu officio, não podendo igualmente ser interessados, directa ou indirectamente nas empresas de trabalho ou nas adjudicações de fornecimentos da administração pontificia, sendo-lhes vedado, ainda, receber porcentagens ou commissões por este motivo.

O horario de trabalho é de SETE horas por dia. Muito mais proximo, portanto, da semana de 40 horas que da de 48, sobretudo se se contarem os dias de descanso e ferias. E como as differenças de estação repercutem de maneira muito sensivel em Roma, a fixação do começo e terminação do trabalho é deixada ao alvedrio do Governador, depois de proposta feita ao Conselho Central.

Para os empregos ou trabalhos que não podem parar, as substituições devem ser realizadas de tal maneira que permita o cumprimento dos deveres religiosos dos empregados e lhes assegure o descanso hebdomadario.

No caso de absoluta necessidade o trabalho extraordinario pode ser autorizado. Mas com direito a uma retribuição especial, assim estabelecida.

Para os empregados, segundo sua classe, 6 a 9 libras.

Para o pessoal subalterno, 2,50 a 4 libras.

O Governador pode, igualmente, conceder uma retribuição especial ao empregado que, no espaço de um mês, haja exercido cargo superior ao que occupa.

Além dos domingos e festas de guarda da Igreja, são ainda dias de descanso os seguintes:

Anniversario da coroação do Summo Pontifice;

Sabbado Santo.

Quinta feira de Pascoa.

Vigilia da Assumpção.

Commemoração dos fieis defuntos.

Vespera de Natal.

O dia seguinte ao Natal.

Ultimo dia do anno.

Anniversario da assignatura do tratado de Latrão.

Terça feira de Carnaval.

As tardes de quinta e sexta-feira santas.

Note-se, particularmente, que são dados tres dias de descanso pelo Natal, tres dias e meios na Paschoa, dois dias no inicio do anno, dando aso a que sejam tais festas passadas realmente em familia. Sommados aos dias de festa, não estão longe de alcançar uma vintena os dias de descanso, além dos domingos, o que dá uma folga de mais de dois mezes e meio no anno, para o pessoal.

Entre 1.º de Julho e 31 de Outubro, o pessoal tem direito ás seguintes ferias:

Até 10 annos de serviço.....	20 dias
De 10 annos a 20.....	25 dias
De mais de 20 annos.....	30 dias

Os empregados de todas as categorias podem ainda obter, no correr do anno, pequenas licenças que não ultrapassem de dez dias, ficando essa concessão ao arbitrio dos seus superiores hierarchicos. Os que se casam tem direito a um descanso suplementar de cinco dias.

III—VENCIMENTOS E INDEMNIZAÇÕES

Os vencimentos, indemnizações e outros auxilios supplementares são pagos mensalmente e ADEANTADAMENTE.

Eis a tabella de vencimentos mensaes, em liras, para o pessoal medio e subalterno:

EMPREGADOS

Categoria	Venc. basico em liras	Depois de 5 annos	Depois de 10 annos	Depois de 15 annos
1.ª classe	1.750	2.000	2.250	2.500
2.ª classe	1.500	1.750	2.000	2.250
3.ª classe	1.250	1.500	1.750	2.000
4.ª classe	1.000	1.250	1.500	1.750

PESSOAL SUBALTERNO

	Venc. basico	5 annos	10 annos	15 annos	20 annos
1.ª classe	1.000	1.100	1.200	1.300	1.400
2.ª classe	950	1.050	1.150	1.250	1.250
3.ª classe	900	1.000	1.100	1.200	1.300
4.ª classe	850	950	1.050	1.150	1.250
5.ª classe	800	900	1.000	1.100	1.200
6.ª classe	750	850	950	1.050	1.150
7.ª classe	700	800	900	1.000	1.100

Taes cifras, por si mesmas, são sufficientemente eloquentes, em especial si lidas verticalmente. Qual é o empregado que, no fim de dez ou vinte annos de serviço não terá conquistado duas ou trez escaladas na hierarchia?

Todo funcionario ou empregado tem, alem disso, mensalmente, direito a um accrescimo de trinta liras por filho menor de 18 annos.

Aos empregados cuja presença seja necessaria a todas as horas do dia, cabe residirem nos apartamentos disponiveis da Cidade e gratuitamente. A habitação gratuita, porém, não dá direito, em principio, ao gozo das gratificações extraordinarias. No caso de o funcionario deixar de attender quando chamado a qualquer momento, a concessão da residencia gratuita pode ser cassada. Mas a Igreja, tendo em vista a sua qualidade de chefe de familia, e não querendo criar-lhe embarços immediatos, concede-lhe um prazo de tres mezes para desoccupar a habitação. O mesmo se verifica si o empregado deixa o emprego por qualquer motivo, seja por demissão ou de motu-proprio. A Cidade do Vaticano não lhe fica a guardar rancor e lhe dá um prazo de tres mezes para deixar a casa.

IV LICENÇAS E DISPONIBILIDADES—DOENÇAS

Os motivos que justificam as licenças são os seguintes:

Doença por mais de seis mezes.

Razões de familia.

Serviço militar.

Da licença por motivo de serviço militar pouco ha a dizer. O tempo de serviço não dá direito a nenhuma indemnização e não é contado como antiguidade. Assim não acontece, em caso de mobilização, quando a antiguidade é inteiramente contada e recebem os que se afastam dois terços dos vencimentos até seis mezes. No caso de prolongar-se a mobilização por mais de seis mezes, será o caso tratado em regulamento especial.

As licenças por motivos de familia não dão direito a nenhuma indemnização e não são contadas para a antiguidade. Trata-se, alem disso, de factos excepcionaes. Já é muito, aliás, saber-se que por motivos inteiramente pessoas pode-se deixar o serviço durante largo espaço de tempo sem perder o logar. E' dispensavel, portanto, sublinhar o character benevolente dessa disposição.

De todas as inquietações, que atormentam o trabalhador a mais penosa é a da doença. "Si eu cair doente, que será de minha mulher de meus filhos?". E' preciso que se tenha vivido num Sanatorio popular afim de comprehender a paz de espirito que uma lei como a dos Seguros e Assistencia sociaes, mesmo imperfeita, traz aos que, até então, viviam na incer-

titude do dia de amanhã. A legislação vaticana proporciona, a este respeito, garantias completas aos empregados da Cidade.

Uma doença que se prolongue por mais de seis mezes permite uma licença até de dois annos, num periodo de trabalho não inferior a cinco annos. Durante essa licença, o empregado percebe dois terços do salario, sendo que, nos primeiros seis mezes da licença, o vencimento é integralmente recebido. Ou, noutras palavras, o Vaticano toma a si o seguro contra as doenças, procedendo com a maior largueza.

Si, mesmo depois dos dois annos da licença, ainda é precaria a saude do empregado, perde elle o logar, mas com direito a uma aposentadoria.

Ao empregado que é victima de accidente ou se inutiliza no serviço, bem como aos que adquirem molestias provenientes do trabalho que exerce, é assegurado o vencimento integral durante o periodo do tratamento ou indefinidamente, no caso de invalidez completa.

Si ha duvidas sobre si a molestia contraida foi mesmo devida ao serviço, fica o empregado em observação durante seis mezes, com os vencimentos integraes, concedendo-se-lhe, depois, aposentadoria com dois terços dos vencimentos.

Para a verificação de invalidez de um empregado recebe elle a visita de um medico de confiança das autoridades vaticanas, mas assiste-lhe igualmente o direito de ter ao seu lado um medico da sua propria confiança. Ainda mais, no caso de uma sentença desfavoravel, dispõe o empregado de um prazo de quinze dias para apresentar suas objecções.

No caso de supressão de cargos, os empregados não são postos na rua summariamente. Ficam em disponibilidade pelo espaço de tres annos, recebendo, nos seis primeiros mezes os vencimentos integraes e no tempo restante a metade.

Si nesse periodo verifica-se alguma vaga, têm elles preferencia sobre os demais candidatos.

O tempo da disponibilidade é integralmente contado para effeito de antiguidade. Somente após tres annos, no caso de não aproveitamento, é que o empregado é definitivamente despedido.

V SANÇÕES DISCIPLINARES

As penalidades em vigor na administração do Vaticano não visam a punir as faltas passadas, mas a auxiliar o culpado a corrigir-se, e assegurar a boa marcha dos negocios. Essas penas são minimas e applicadas no estritamente necessario. Um castigo severo não é imposto onde apenas se faz preciso uma leve corrigenda. E afóra o simples chamado á ordem, verbalmente, que pode ser feito pelo Director dos Serviços,

toda e qualquer imposição de penalidades fica reservada ao Governador da Cidade do Vaticano.

Distinguem-se tres especies de sanções: Reprehensão, Perda dos Vencimentos e Demissão.

1—*Reprehensão*.—A reprehensão ocorre, por proposta do Conselho Central, nas faltas seguintes:

Não comparecer á hora e ausencias injustificadas, quando repetidas por mais de cinco vezes num mez;
negligencia continuada no serviço;
faltar ao respeito ou proceder inconveniente para com os collegas, inferiores, etc.

2.º—*Perda de Vencimentos*.—No caso de chegar atrasado ou nas ausencias injustificadas; por exemplo: 1/16 da diaria quando o atraso não ultrapassa de meia hora, inclusive o quarto de hora de tolerancia. A proporção do desconto augmenta com o prolongamento do atraso e pode absorver o total da diaria, no caso de ir alem de 4 horas.

A perda de vencimentos pode ir tambem de 15 dias a 3 mezes e absorver metade dos vencimentos, occorrendo nos casos seguintes:

Num caso passivel de censura, quando esta já foi imposta por duas vezes no correr do anno; nas revelações do segredo profissional, quando disso não resultem graves consequencias; carregar para a residencia livros ou documentos do serviço e delles servir-se para uso pessoal; nas infracções das regras que não admittem pertencer a empresas ou serviços de fornecedores da Cidade, nem receber compensações quando em serviço; falta de respeito para com os superiores hierarchicos, etc.

A perda de vencimentos com suspensão do trabalho, penalidade mais grave, implica na privação de metade dos vencimentos e afastamento da repartição. Pode durar de 2 a 6 mezes. Isso acontece nos casos de revelação do segredo profissional com consequencias graves, negligente procedimento privado, etc.

Si, mediante processo penal, um empregado é denunciado como indigno da confiança do Governo, perde elle os vencimentos e o logar, mas—veja-se como se pode aliar a bondade prudente á justa severidade—O Governador pode conceder ao faltoso, bem como aos que elle sustenta, uma pensão alimenticia até metade dos seus vencimentos.

Indispensavel é accrescentar que no caso de nada ficar apurado contra o denunciado são-lhe restituídos vencimentos e cargo immediatamente.

3—*A demissão* só se dá em faltas gravissimas, como, por exemplo, no desvio de bens da administração, na violação do segredo profissional, acompanhado de dolo, por sentença passada em julgada e que tornam o empregado indigno da confiança geral, etc.

Eis, nas suas grandes linhas, um Estatuto de Funcionários e Empregados, que todos nós desejaríamos ver adoptado tanto nas administrações publicas como nas empresas particulares. As lições que elle proporciona são, antes do mais, repetamo-lo, de tal modo felizes e suggestivas que talvez irrealizaveis fora da Cidade do Vaticano. Mas apropriemo-nos ao menos do seu espirito, que vê no trabalhador ou no empregado, qualquer que elle seja, uma pessoa cujos direitos e cuja dignidade moral devem sempre ser escrupulosamente respeitadas.

SECÇÃO UNIVERSITARIA

Mais uma vez cobriu-se de louros a Acção Universitaria Catholica (A. U. C.) de São Paulo. A "semana de estudos universitarios" por ella promovida constituiu um verdadeiro acontecimento nos annaes de nossa historia intellectual. Conforme o programma amplamente divulgado e por todos conhecido, a "semana de estudos" desdobrou-se entre os dias, 14 e 20 do corrente.

Nas sessões especiaes realizadas nos varios estabelecimentos de estudo superior de nosso Estado occuparam a tribuna os mais eminentes vultos da intellectualidade tanto paulista como nacional. Tristão de Atahyde, o grande vanguardeiro do ideal catholico, Alcantara Machado, o brilhante escriptor e mestre, e muitos outros, souberam maravilhar o selecto auditorio, com as sabias licções emanadas de suas solidas culturas e rutilantes intelligencias. A "semana de estudos" foi uma verdadeira revolução nos meios culturaes de nossa terra, até então atacados de comovedora estagnação. Os seus effeitos, as suas consequencias proximas e remotas far-se-ão sentir, fatalmente no succeder dos dias. A mocidade de São Paulo, esta mesma mocidade cujo animo, cujo ardor, cujo ideal nem a brutalidade dos canhões conseguiu abater, saberá aproveitar os ensinamentos da doutrina catholica, tão luminosamente expostos por tão insignes personagens.

Na reacção espiritual, na rechristianisação das nossas camadas sociaes está, iniludivelmente, a unica salvação. A nossa maior crise é a crise moral. Faltando a moralidade falta o character e faltando este as transacções, politicas, economicas e financeiras entre os homens caem no terreno baixo dos vis processos das escandalosas negociatas. E na deshonestidade do homem, quer no governo, quer na vida privada, na debilidade de suas convicções moraes e patrioticas reside a causa primaria do descalabro actual do orbe. E' preciso reformar. E' mister restabelecer o dominio augusto do espirito sobre a materia. O espirito é a nobreza, é a altivez, é a salvação. A materia é o interesse que amesquinha e o vilipendio que avilta.

Volte a dominar o espirito e o mundo se salvará.

Para tanto é preciso trabalhar na educação de todos, principalmente na da juventude, pois ella é a patria de amanhã. E é esta a maior gloria da nossa A. U. C.: ter concorrido, ainda que modestamente, para a reimplantação do espirito catholico no mesmo meio universitario. E ao mesmo tempo que lhe consola a consciencia do dever cumprido, lhe anima a certeza inabalavel de que os moços de São Paulo saberão, mais uma vez, patentear as suas excelsas qualidades espirituaes e materiaes, cuja manifestação, tantas vezes repetida, lhes valeu a honrosa posição que occupam na historia de nossos grandes empreendimentos.

S. Paulo, 1933.

XAVIER NETTO

REGISTRO

SEMEADORES DE VENTO... Uma pessoa devidamente informada na questão do ensino, estando de bôa fé, reconhece facilmente que o Estado não tem nenhum interesse vital em cho-que com a pedagogia religiosa. Pensando bem, concluirá que essa pedagogia é a unica que lhe convem pelo indispensavel concurso de ordem moral que lhe offerece no sentido de preparar a consciencia do cidadão na doutrina do respeito á autoridade, da obediencia á Lei, do respeito á Justiça, que não se incutem, como se pretende fazer modernamente, com a força armada. Todavia, apenas por teimoso e estúpido sectarismo, aqui e alli, o Estado vae emprestando o seu prestigio á campanha contra a escola confessional, acceitando e officializando a escola laica. Da escola laica, temos dito e repetimos, que não é escola. E' um connubio de paixões destruidoras da idéa religiosa e, por ultimo, da propria segurança do Estado. Sob este aspecto ella se nos mostra mais uma vez. E agora é no Mexico onde o facto se verifica. Ninguém ignora que alli se destruiu, quasi de uma assentada, o ensino religioso. O Estado se propoz a substituir os institutos de ensino confessional com a escola laica official. Creou, realmente, numerosas escolas primarias embora não tantas quantas necessitava o paiz, de modo que dous milhões de crianças ficaram sem ter onde aprender as primeiras letras! E a escassez de recursos financeiros para manter as escolas creadas, determinou a mais escandalosa ausencia de escrupulo na escolha de seus mestres, visto que são incontaveis os que ali recebem o ridiculo ordenado de 50 centavos por dia... De todo modo, constituiu-se a escola laica. Agora o proprio Governo está soffrendo as consequencias dessa politica imprudente. E' que, precisamente no corpo do professorado publico se apoia a politica opposicionista. Como em França, os mestres mexicanos, em maioria esmagadora, inclinam-se para as doutrinas extremistas, para o Communismo e o Anarquismo. Diante desse imprevisto o Governo da infortunada Republica se mostra já temeroso. E dahi a recente expedição de uma circular da Secretaria da Educação prohibindo aos mestres nacionaes, especialmente aos ruraes,

toda intromissão na vida partidaria, na vida politica do paiz. Veremos que resultado colherá o dito Governo deste acto restrictivo da liberdade dos mestres laicos. O certo, no emtanto, é que o Governo mexicano, tendo semeado ventos com a escola laica, está na hora da colheita dos fructos da sua sementeira, isto é, tempestade.

BONS PROPOSITOS DE HITLER

Nossa pregação anti-liberal não significa uma adhesão ás doutrinas que ao Liberalismo se antepõem como o "Fascismo" e, agora, o "Racismo". Sem duvida, praticamente, tanto o regimen em vigor na Italia quanto o que domina a Allemanha dos nossos dias, representam para as respectivas nacionalidades uma solução immediata para os mais graves problemas alli surgidos depois da guerra. Tambem significam uma reacção oportuna contra os elementos de dissolução da sociedade. Desgraçadamente, porém, como doutrina, permanecem fieis ao pernicioso principio do absolutismo estatal podendo converter-se em mãos menos habéis e prudentes que as de Mussolini e Hitler, em instrumento de tyrannia contra direitos fundamentaes como os da familia e da Religião. Declaradas essas reservas comprehende-se que alguma palavra de sympathia que expressemos em favor do "Fascismo" e do "Racismo" está despida de qualquer inclinação partidaria. E nem por isto deve ser menos estimada. Quanto ao "Racismo", por exemplo, vem a proposito assignalar certos factos auspiciosos com que Hitler está marcando a actuação do seu partido. Apenas se consolida sua situação na vida publica allemã, seu maior esforço se dirige no sentido de refreiar as correntes extremistas do partido dando por concluida a phase revolucionaria e indicando a applicação da sua actividade em obra constructora. "A experiencia não deve ser rechassada só porque contraria nossas ideas particulares", diz Hitler em discurso aos governos racistas dos Estados. Com uma Concordata que satisfaz á Santa Sé, e com a restituição da liberdade ás Igrejas evangelicas, descarta de seu Governo os embaraços de uma questão religiosa. Sua politica exterior, ao contrario do que se esperava, está obedecendo ás normas da indispensavel descrição. Vê-se, assim, que Hitler vae dando provas de que está animado de bons propositos no sentido de dar á Allemanha uma era de paz.

MAIS UMA CRISE NO SOCIALISMO

O Socialismo francez está vivendo como os partidos que apoiam o actual Governo espanhol: do temor do esphacelamento. Diante da perspectiva de uma derrota funesta ao seu appetite de mando, as correntes que internamente se hostilizam, unem-se na hora do perigo e, com um appello á disciplina, desfarçam

o espectáculo das divisões visceraes que patenteam os processos da sua decomposição. O recente Congresso de Paris, em que mais se accentuaram as discordias da familia socialista franceza, terminou votando uma innocua moção de censura aos parlamentares da sua facção que apoiam o Governo, sem no emtanto aventurar-se a propôr sancções contra os mesmos. Tudo seguirá como si nada houvesse acontecido. Os parlamentares socialistas continuarão a desvirtuar o credo do seu partido numa collaboração governamental que o compromette. E o partido se lamentará desses agravos na intimidade das suas tertulias sem comtudo ousar cousa alguma contra os rebeldes, para consolar-se com a illusão de uma unidade material uma vez que está perdida a unidade moral. Resta indagar quanto tempo esta illusão poderá ser mantida, dado que bem escassas possibilidades de exito pode contar uma instituição em que se manifesta a divisão dos espiritos.

A POSIÇÃO DO SOCIALISMO NO PRESENTE E NO FUTURO

Uma das figuras de maior realce do Socialismo hespanhol, incontestavelmente, é o actual presidente das Côrtes de Hespanha, o sr. Julian Bestero, que o é, igualmente, da União Geral dos Trabalhadores, Pois, o sr. Besteiro, em recente discurso que pronunciou em Ovideo prognosticou o triste destino que está reservado ao seu partido si insiste em manter-se no poder. "Quanto mais tempo dure a participação ministerial dos socialistas, affirma o orador, é natural que os conflictos se accentuem de tal modo que a hypothese de que tal situação possa desembocar na formação de um Governo puramente socialista está em que em seu discurso o Sr. Besteiro allude ao fracasso da politica de collaboração em Italia e em Allemanha onde os socialistas estão pagando caro a participação que tomaram no Poder. O Sr. Besteiro não quer ou não pode dizer a este respeito toda a verdade. O incontestavel é que a actuação do socialismo espanhol no Governo da Republica arruinou definitivamente o seu prestigio. Já agora o apeamento dos cargos não pode ter para os socialistas senão consequencias de ordem pessoal pelo apartamento das propinas e das vantagens do mando. Nada mais. A esterilidade de que têm dado mostras, governando, e que o presidente das Côrtes classifica como desbaratamento de tempo em prejuizo do bem-estar dos trabalhadores, não significa outra cousa senão a confirmação, mais uma vez, de que dotado de excellentes aptidões para uma obra de destruição, faltam ao Socialismo no emtanto, as virtudes indispensaveis para conceber e executar um programma constructor. Como comprovação immediata, o que se pode inferir das palavras do presidente da U.G.T. é que mais um sector do Socialismo se esboroa, augmentando,

A ORDEM

assim, a serie de fracassos que o marxismo tem soffrido nesta ultima decada, sem que disto se apercebiam certos observadores frivolos da actualidade, que acreditam que o Socialismo vae de vento em pôpa . . .

A CONCORDATA COM A ALLEMANHA

Justamente quando o Ministro da Justiça de Espanha, Sr. Albornoz, contestava no parlamento aos deputados que advogavam a negociação de uma Concordata com a Santa Sé, fundando a recusa do Governo em seguir essa politica sob o pretexto de que um tal acto equivaleria em submeter a Revolução a Roma, era divulgada a noticia da assignatura da que foi firmada entre os representantes do Reich e do Vaticano para vigorar na Republica allemã. Evidentemente a allegação do Sr. Albornoz nem ao menos era sincera. Porque, em verdade, si os homens de Governo da infortunada Espanha fossem tão ciosos da dignidade nacional, começariam por deixar de receber ordens de organizações internacionaes no exercicio dos cargos de que se investiram. Por outro lado, emprestar á Concordata intenções de dominio do poder ecclesiastico sobre os poderes nacionaes que com elle transigem, é empresa de estolido sectarismo muito ao geito dos pobres diabos que fingem de estadistas nos dominios do Sr. Azana. Que uma Revolução pode entender-se com o Vigario de Christo sem quebra da sua autoridade, já se sabe que é possivel porque não têm conta as que terminaram pactando com o Pae da Christandade. Sem duvida a Egreja é contraria á Revolução. Desde porem que ella se transforma em Poder Constituido, como hoje acontece em Espanha, só por impropriedade lexicologica segue se chamando Revolução. E nesta phase nada a separa de Christo. Ao contrario. E' esta lição que nos dá a Revolução hitlerista. E' claro que a nova Concordata ergueu-se um pouco sobre as cinzas do Centro Catholico allemão. Lamentamos que Hitler haja exigido esse sacrificio. Mas, em verdade, não podemos deixar de reconhecer—sem olvidar os inestimaveis serviços que o Centro prestou á causa da Igreja em seu paiz—que elle enveredara por um caminho perigoso fazendo politica partidaria e contribuindo, por ultimo, para a scisão entre os catholicos allemães. Por fortuna, a Concordata vae permittir ás organizações de Acção Catholica uma expansão consideravel de modo a preencher, com vantagem, o claro deixado pela antiga instituição agora desaparecida.

BIBLIOGRAPHIA

BARBOSA LIMA SOBRINHO

—A VERDADE SOBRE A REVOLUÇÃO DE OUTUBRO—*Edições Unidas*—S. Paulo, 1933.

A revolução de Outubro de 1930 ainda está dando margem para assumptos litterarios. Grandissima é a bibliographia sobre o assumpto, bibliographia que só estancou em face da revolução paulista, portadora de materia nova para a inspiração de escriptores e polemistas politicos nacionaes.

Mas, voltando ao movimento de 1930, surge, agora, uma nova contribuição para o estudo daquelles acontecimentos. E' o livro do sr. Barbosa Lima Sobrinho, intitulado "A Verdade sobre a Revolução de Outubro". Já se não trata de um simples depoimento. De um relato despretençioso. De uma reportagem viva e vivida. Mas de um esboço historico alliado á observação individual, apoiada em testemunhos varios de que dão prova a extensissima bibliographia que fecha o volume.

O sr. Barbosa Lima Sobrinho, jornalista de merito, realizou, na verdade, uma obra de conjuncto e de merecimento. Apreciando com louvavel imparcialidade o desenrolar dos factos que antecederam e completaram a revolução de 1930, apparece-nos como o verdadeiro chronista daquelle movimento, donde o interesse que está despertando o seu livro, interesse realmente, mercedissimo.

Collocando-se fóra e acima dos acontecimentos que narra com clareza e elegancia, numa linguagem amena e escoreita, o autor focaliza as personalidades maximas da revolução com a mesma serenidade de um medico ao dar lições de anatomia. Aliás, tem-se a impressão de que se está mesmo assistindo a uma aula de anatomia não sobre corpos, mas sobre espiritos. Pondo a nú a alma dos que a Revolução envolveu, resalta o autor o contraste que vae entre a mentalidade franca, decidida, até certo ponto grosseiramente leal do sr. Washington Luiz e os sentimentos indistinctos, indecisos, intraduziveis, machiavelicos do sr. Getulio Vargas, que, descobridor daquillo a que se chamou na politica brasileira de *des-*

pistamento, conseguiu numa campanha em que entrou mais a palavra do que a acção, derrubar um regime que se julgava escudado na força.

Como historia, “A verdade sobre a revolução de Outubro”, já pode servir de patrimonio para os nossos futuros pesquisadores.

ELIAS KARAM — UM PARANAENSE NAS TRINCHEIRAS DA LEI—
Curitiba, 1953.

O sr. Elias Karam tomou parte no movimento armado constitucionalista de São Paulo, representando o apoio que a mocidade paranaense dava áquelle movimento. Cessada a luta, reuniu em volume as suas impressões das trincheiras, juntamente com transcrições de factos narrados pela imprensa paulista. Trata-se, portanto, de mais um depoimento sobre a revolução de São Paulo, accrescido do que ocorreu no Paraná e em Santa Catharina concomitantemente com aquella revolução. O livro lê-se sem esforço e será mais um contingente para a organização da historia da rebelião paulista em 1932.

PANDIA' CALOGERAS — A
POLITICA EXTERNA DO IMPERIO—
Vol. III — Da regencia á quéda
de Rosas — Companhia Editora
Nacional—S. Paulo, 1953.

Continuando a serie “*Brasiliana*”, da Bibliotheca Pedagogica Brasileira, acaba a Companhia Editora Nacional, de São Paulo, de editar o 3.º volume da “*A' Politica Exterior do Imperio*”, de Pandiá Calogeras. Esse volume abrange o periodo que vai “da Regencia a queda de Rozas”.

Trabalho feito com aquella meticulosidade e aquella proficiencia que todos reconhecemos no autor, esse volume de Pandiá Calogeras, nas suas seiscentas paginas, tem um alto cunho não somente litterario mas patriotico. Aproveitando a oportunidade que se lhe offerece para tornar conhecida a historia da nossa politica exterior, quasi que inteiramente desconhecida de todos nós, o A. não se limita a enumerar fatos e a realizar pesquisas diplomaticas. Entra no exame da nossa vida politica, traça admiravelmente os perfis de todos os grandes homens da epoca por elle apreciada, dando, assim, ao seu trabalho um duplo e indiscutivel interesse.

O primeiro volume destes seus estudos foi dedicado ás “origens da politica exterior do Brasil”, e o segundo ao “primeiro reinado”. Agora, tem oportunidade para um estu-

do consciencioso da mais discutida figura historica da Regencia: Feijó. Com pinceladas mestras resalta o sr. Pandiá Calogeras a actuação do padre ituano na formação do Brasil brasileiro, sem, no entanto, deixar de referir-se aos seus defeitos e ás suas falhas, entre elles figurando a questão religiosa, que ia levando o paiz a um schisma e teria trazido consequencias bem desagradaveis para a nação si não fosse a attitude da Assembléa reagindo contra a rebeldia do Regente.

Afora estudos sobre as nossas questões com a França e a Inglaterra, a proposito das Guyanas, sobre a caudilhagem no Prata, sobre a fronteira boliviana e outros, ha um ensaio sobre o imperador Pedro II, feito com muita justiça e no qual as características pessoas do grande monarcha brasileiro surgem vivas e palpitantes, o sufficiente para explicar por que o longo periodo do seu governo foi um dos mais dignos e mais nobres da nossa historia.

A. ALMEIDA JUNIOR e MARIO MURSA—O LIVRO DAS MAMÃS — Companhia Editora Nacional—S. Paulo, 1953.

A arte de criar os filhos está sendo muito esquecida nas sociedades chamadas civilizadas. O primeiro cuidado de uma senhora que acaba de ser mãe, nesses altos meios de educação moderna, é entregar o seu bebê a uma ama, desfazer-se de tudo o que a possa ligar á criança e retornar, dentro do mais breve espaço de tempo, ás festas e saraus, aos cinemas e theatros. Isso quando ainda chegam a ser mães. Porque o *chic*, o moderno, o bonito, é fugir á maternidade por todos os meios criminosos possiveis.

Os AA. de "O Livro das Mamães" reuniram em elegante volume, editado pela Companhia Editora Nacional os principios que as mães actuaes ou as futuras precisam de saber para que façam "florescer criaturas sadias e robustas, que enriqueçam a nação com energias de toda especie, augmentando-lhes a efficiencia physica e moral e poupando-lhe mais de metade do sacrificio prematuro de vidas".

Os AA. reproduzem, no fim do livro, quadros de estatísticas vitaes, com coefficients de nascimentos por mil habitantes em diversos paizes da Europa, quadros esses que servem muito mais para se fazer uma idéa do quando a humanidade se está suicidando aos poucos, do que para os fins idealizados no volume. Assim é que, paizes como a Allemanha, a Suissa, a Belgica, a Inglaterra, e a Noruega, que, em 1880, tinham um coefficiente de natalidade, respectivamente, de 39, 31, 31, 35 e 31 por mil habitantes em 1929, desceram esse coefficiente para a metade, pois nesse ultimo anno as estatísticas

ticas registram para os mesmos paizes apenas um coefficiente de 17, 17, 18, 16 e 17.

De que tem servido, pois a tão falada Eugenia ? As familias, ao invéz de augmentar diminuem. E diminuem espantosamente numa proporção de 50% em cincoenta annos.

E o Brasil, paiz de immigração, tambem não tem fugido a esse abaixamento do nivel da natalidade, o que prova que tambem já importámos a barbaria do *birth-control*. Isso mesmo se verifica neste livro, no tocante a São Paulo, que, em 1895, acusava coefficiente de natalidade de 36 por mil habitantes, quando, em 1920, essa proporção já era de 28 por mil.

Donde se conclue que não é a Eugenia que augmenta a procriação nem eleva o indice vital dos povos. Ao contrario. A Suecia ahi está, para provar differentemente. Ali, em 1880 registravam-se 30 nascimentos por mil habitantes. Em 1929 apenas 16 por mil se verificavam.

LUIZ DA CAMARA CASCUDO
— O CONDE D'EU— Companhia
Editora Nacional — S. Paulo,
1933.

O sr. Luis da Camara Cascudo, conhecido homem de letras e publicista do Norte, poderia ter-nos dado alguma coisa de melhor sobre o Conde d'Eu. O seu livro tem o feitio, apressado das chronicas domingueiras, ou o incompleto e precipitado dos necrologios após a noticia de algum fallecimento. Neste seu trabalho de 150 paginas, o A. dedica á genealogia da Casa de Orleans cerca de 50, deixando outras 50 para historias da guerra do Paraguay ou commentarios geraes, ficando, assim, o seu perfilado apenas com as 50 restantes, o que, na verdade, é muito pouco para a historia de um homem como o Conde d'Eu. E mais para admirar é que a figura do ex-futuro imperial consorte haja sido tratada tão de resto por um estudioso como é o sr. Luis da Camara Cascudo e, ainda por cima, entranhado monarchista. Talvez precipitação no entregar o livro aos editores. No emtanto, como achego para mais demorados exames biographicos do Conde d'Eu tem o livro do sr. Luis da Camara Cascudo meritos que se não podem negar. Pelo menos inicia um trabalho de rehabilitação da vida publica do genro de Pedro II, que teve contra si a incompreensão, a injustiça e o esquecimento, nas palavras do Autor.